



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

THAÍS RENATA QUEIROZ SANTANA CARNEIRO

“ENTRE O INEFÁVEL E O INFANDO”:
AMBIVALÊNCIA E PSICANÁLISE EM CONTOS DE GUIMARÃES ROSA

Orientadora: Terezinha de Camargo Viana

Brasília, DF
Maio de 2017

THAÍS RENATA QUEIROZ SANTANA CARNEIRO

**“ENTRE O INEFÁVEL E O INFANDO”:
AMBIVALÊNCIA E PSICANÁLISE EM CONTOS DE GUIMARÃES ROSA**

Tese de doutorado relacionado à linha de pesquisa II: Psicanálise, Subjetivação e Cultura, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, apresentado à banca como requisito parcial para obtenção do título de doutor.

Orientadora: Terezinha de Camargo Viana

Brasília, DF
Maio de 2017

THAÍS RENATA QUEIROZ SANTANA CARNEIRO

“ENTRE O INEFÁVEL E O INFANDO”:

AMBIVALÊNCIA E PSICANÁLISE EM CONTOS DE GUIMARÃES ROSA

Tese de doutorado relacionado à linha de pesquisa II: Psicanálise, Subjetivação e Cultura, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, apresentado à banca como requisito parcial para obtenção do título de doutor.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana (Presidente). Universidade de Brasília

Profa. Dra. Ana Maria Loffredo (Membro externo). Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Priscilla Melo Ribeiro de Lima (Membro externo). Universidade Federal de Goiás.

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini (Membro interno). Universidade de Brasília

Profa. Dra. Katerine da Cruz Leal Sonoda. (Suplente). Universidade de Brasília

Brasília, DF
Maio de 2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

QSA232 Queiroz Santana Carneiro, Thais Renata
"Entre o inefável e o infando": Ambivalência e
psicanálise em contos de Guimarães Rosa / Thais
Renata Queiroz Santana Carneiro; orientador
Terezinha de Camargo Viana. -- Brasília, 2017.
141 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Psicologia Clínica
e Cultura) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. Ambivalência. 2. Psicanálise. 3. Guimarães
Rosa. 4. Literatura. 5. Constituição psíquica. I. de
Camargo Viana, Terezinha, orient. II. Título.

*Ao meu amor maior, minha filha Melissa.
Ao amor da minha vida, meu marido Harthuro.
Aos que me ensinaram a amar, meus pais Albanir e Marina.*

AGRADECIMENTOS

O poeta não cita: canta. Não se traça programas, porque a sua estrada não tem marcos nem destino. Se repete, são ideias e imagens que voltam à tona por poder próprio (...). Não se aliena, como um lunático, das agitações coletivas e contemporâneas, porque arte e vida são planos não superpostos, mas interpenetrados (...) (João Guimarães Rosa, trecho do discurso, na ABL, quando do prêmio ao *Magma*, em 1936).

Ideias e imagens, poesia e pesquisa, amizades e mestres, arte, amor e vida, tudo fez parte desse percurso de doutorado. Nesta trajetória chorei, sorri, fraquejei, me fortaleci, me transformei, recebi muita ajuda e fui amparada de diferentes maneiras. Venho aqui demonstrar toda a minha gratidão a algumas pessoas e instituições que tornaram esta pesquisa de doutoramento possível. Não é possível fazer uma ordem de relevância, pois cada ajuda foi essencial nessa minha jornada.

À minha orientadora, professora Dra. Terezinha de Camargo Viana

Agradeço a minha querida orientadora, por todo o apoio e pela amizade nascida a mais de 10 anos. Pelas broncas e pelos elogios, que sempre foram justos e carregados de carinho. Por transformar seu grupo de orientandos em um grupo de amigos. Por toda a sensibilidade em unir literatura e psicanálise. Por me mostrar caminhos para além dos estudos e das pesquisas.

À minha linda filha, Melissa Santana Carneiro

Agradeço a minha princesa, flor mais preciosa da minha vida, por me ensinar todo o sentido da palavra amor. Sua vinda durante o doutorado me fez prolongar esse percurso de escrita da tese, mas as transformações que você provocou em mim, a sensibilidade que fez aflorar ainda mais, os seus sorrisos, a sua presença em minha vida, tudo isso só me ajudou e me

deu forças para finalizar este processo.

Ao meu amor e marido, Harthuro Carneiro

Agradeço ao meu marido, amigo, namorado, companheiro e eterno amor, por todo o cuidado, toda a força e toda a paciência durante esse percurso. Por me completar com seu amor, sempre torcer e acreditar em mim. Por ser um pai maravilhoso e cuidar tão bem da nossa princesa na minha presença e na minha ausência. Por tornar possível a conclusão do doutorado com seu apoio e ajuda. Por formar comigo uma linda família, cheia de amor, carinho, cumplicidade e respeito.

Aos meus queridos pais, Albanir e Marina

Agradeço aos meus queridos pais, pelo amor, pelos ensinamentos, pela dedicação, pelo apoio, pela confiança e, sobretudo, por acreditarem em mim e nos meus objetivos. Por nunca deixarem que nada me falte, principalmente o amor. Por nunca me deixarem pegar estrada Goiânia-Brasília sozinha, por todo o cuidado, toda proteção. Por toda a força e amparo que foram fundamentais para a conclusão do doutorado. Por todas as orações.

Aos meus amados familiares

Agradeço a Flávia, Lauro e Raquel, Edimar, Eli, Petruska e Adriano, Edi e Simone, pelo amor, pela amizade, pela torcida, por todas as orações. Agradeço também aos meus queridos sobrinhos, Victor, Diego, Gabriel e Henrique que sempre me enchem de alegria. Agradeço em especial à Eli pela constante companhia na estrada Goiânia-Brasília e pela imensa ajuda no cuidado com a minha princesa Melissa na minha ausência.

Aos meus amigos

Agradeço aos meus amigos, novos e antigos, pelo carinho, pela torcida e pelas orações. Em especial às eternas amigas Sheila, Vitória e Elisa, que estão sempre prontas a me ajudar em qualquer momento da minha vida.

Aos amigos de orientação da Terezinha, pelas dicas e ideias, pelas discussões da tese, por aliam seus estudos e suas práticas aos meus, possibilitando novas formas de compreensão da psicanálise. Em especial à Katerine, Lívia, Michele e Priscilla que sempre me apoiaram, me ajudaram, torceram e contribuíram com muito carinho.

Aos amigos da UnB, que dividiram disciplinas comigo, que de alguma forma auxiliaram nesse meu percurso. Em especial à Juliany, companheira da estrada Goiânia-Brasília, por tanto me ouvir e por dividir comigo suas experiências, pela grande amizade que formamos.

À Faculdade União de Goyazes

Agradeço a todos da Faculdade União de Goyazes, em especial ao Prof. Dr. Carlos Botelho, por acreditar na importância da qualificação profissional de seus professores. Por estimularem meus estudos, por sempre facilitarem minhas viagens à Brasília, pela compreensão nos momentos de dificuldade. Agradeço também a todos os amigos desta instituição, pela amizade, pela torcida, pela força e pelas orações.

Aos professores da UNB

A todos os professores que me auxiliarem desde a especialização, passando pelo mestrado e chegando ao doutorado, pela tão valorosa contribuição, por aulas tão especiais, por me deixarem ainda mais sedenta de conhecimentos e de vontade de crescer, por contribuírem para minha formação pessoal e profissional.

Aos professores que participaram de meu Exame de Qualificação e da Banca de defesa de tese

Obrigada pela leitura cuidadosa do meu manuscrito, pelas críticas construtivas, sugestões, elogios e indicações bibliográficas.

A Deus

Agradeço, especialmente, a Deus, que está sempre ao meu lado, iluminando meus passos, acolhendo meu coração e me dando forças para enfrentar os obstáculos e estar sempre disposta a buscar novos desafios.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a universalidade do tema da ambivalência ao analisar sob a ótica da psicanálise personagens de alguns contos de Guimarães Rosa. Dois livros da obra de Guimarães Rosa foram analisados: *Primeiras Estórias* e *Tutaméia*. Destes, quatro contos foram selecionados para interpretação: *Desenredo*, *Se Eu Seria Personagem*, *Os Cismos* e *A Terceira Margem do Rio*. Buscou-se apontar o conceito de ambivalência da psicanálise, como sintoma e como fator constituinte do psiquismo. Foi proposta uma reflexão acerca da relação entre psicanálise e literatura. Apontamos temas fundamentais da técnica e da teoria psicanalítica, como luto, transitoriedade e fantasia. Compreendemos como a ambivalência se apresenta nos personagens dos contos selecionados. A metodologia aplicada foi o uso do método psicanalítico para a interpretação de textos, no qual o psicanalista se coloca em uma leitura flutuante, atento às perturbações que a escrita provoca no leitor. Estudos e teorizações da psicanálise freudiana, kleiniana e winnicottiana, e de psicanalistas contemporâneos trouxeram aportes para o estudo da ambivalência e de outras temáticas importantes na análise dos contos. Conclui-se que os personagens dos contos de Guimarães Rosa conseguem retratar esta dinâmica interna do sujeito: ambivalência e constituição psíquica, o que possibilita a universalização da temática e a abertura de novas discussões, por se tratar de uma questão essencial da constituição do sujeito. A compreensão desse sujeito no mundo possibilita novas formas de ajuda a esse sujeito, que é o que fundamentalmente a psicanálise busca: entendimento, possibilidades de elaboração, modificação dos sofrimentos e sintomas.

Palavras-chave: ambivalência; psicanálise; Guimarães Rosa; contos; constituição psíquica; literatura.

Abstract

The current study aims to universalize and generalize the theme of ambivalence by analyzing the characters of some of Rosa's short stories from the perspective of psychoanalysis. Two novels by Guimarães Rosa were inspected: *Primeiras Estórias* e *Tutaméia* by which, four short stories were selected: *Desenredo*, *Se Eu Seria Personagem*, *Os Cismos* e *A Terceira Margem do Rio*. The goal is to understand the concept of ambivalence of psychoanalysis as a symptom and as a constituent factor of the psyche. A reflection on the relationship between psychoanalysis and literature was presented. We point out fundamental subject matters in the technique and psychoanalytic theory, such as mourning, transience and fantasy. We understood how ambivalence presented itself in the characters from the selected short stories. The methodology applied was the use of the psychoanalytic method for the interpretation of texts, in which the psychoanalyst places himself in buoyant reading, attentive to the disturbances that the writing causes the reader. Studies and theorizations of Freud, Klein and Winnicott, psychoanalysis and contemporary psychoanalysts have brought contributions to the study of ambivalence and other important themes in the analysis of short stories. It is concluded that in Guimarães Rosa's short stories, the characters can retract internal dynamics of the subject: ambivalence and psychic constitution. This makes the universalization of the subject and the opening of new discussions possible, considering it is an essential matter in its constitution. The understanding of this subject in the world allows new forms of guidance, which is what psychoanalysis fundamentally seek: understanding, possibilities of elaboration, modification of sufferings and symptoms.

Palavras-chave: ambivalence; psychoanalysis; Guimarães Rosa; Tales; Psychic constitution; literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Percurso pessoal e teórico na construção do tema	14
Justificativa	18
Objetivos	19
Objetivo Geral:	19
Objetivos Específicos:.....	19
Metodologia	20
Pressupostos	21
Psicanálise e literatura: introdução e articulação com a temática da tese	22
CAPITULO 1 - AMBIVALÊNCIA NA PSICANÁLISE	36
1.1- FREUD: TEORIA DAS PULSÕES E AMBIVALÊNCIA	37
1.2- CONCEPÇÕES DE KLEIN E WINNICOTT	48
1.3- AUTORES PSICANÁLITICOS ATUAIS: CONTRIBUIÇÕES	58
CAPITULO 2 - OUTRAS TEMÁTICAS PSICANALÍTICAS	64
2.1- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TÉCNICA PSICANALÍTICA ...	65
2.2- CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA	73
2.3- LUTO, TRANSITORIEDADE E FANTASIA	81
CAPITULO 3 - AMBIVALÊNCIA E PSICANÁLISE EM CONTOS DE GUIMARÃES ROSA	90
3.1- <i>DESENREDO</i>	91
3.2- <i>SE EU SERIA PERSONAGEM</i>	95
3.3- <i>OS CISMOS</i>	101
3.4- <i>A TERCEIRA MARGEM DO RIO</i>	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
ANEXOS	137

INTRODUÇÃO

*E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia
prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações
antes da consciência das necessidades (...).*

O menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente (...).

*E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já
armados.*

*Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se
primeiro estranho e desconhecido (...).*

*Sua fadiga, de impedida emoção, formava um modo secreto:
descobria o possível de outras adversidades, no mundo
maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a
desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia.*

Abaixava a cabecinha. (...)

O menino se doía e se entusiasmava. (...)

Era, outra vez em quando, a Alegria.

*Guimarães Rosa
(1969/2001c, As margens da alegria, p. 49-55)*

Percurso pessoal e teórico na construção do tema

A fim de apontar a importância do tema a ser desenvolvido no doutorado, faz-se relevante introduzir algumas palavras sobre o percurso profissional e o que foi desenvolvido nas pesquisas de graduação, especialização e mestrado.

Desde a graduação (1998 – 2003) em psicologia que o interesse pela psicanálise e pelo trabalho com crianças é latente, com preferência por disciplinas como psicodiagnóstico infantil e psicologia do desenvolvimento (gestantes e crianças) e outras específicas da psicanálise. Além da escolha de dois estágios para conclusão de curso, um na clínica com crianças e outro com grupos de crianças em escolas, também com enfoque clínico, sob supervisão da psicanalista Prof^ª. Dr^ª. Delza Maria da S. F. de Araújo.

Na ocasião, desenvolvemos um trabalho de conclusão de curso que teve por objetivo estudar como a rejeição, o abandono e os maus tratos podem influenciar na formação da psique infantil e, conseqüentemente, quais os comportamentos advindos desta problemática. Por meio da técnica psicanalítica, pretendemos verificar as queixas apresentadas pela criança buscando compreender sua dinâmica pessoal para ajudá-la a lidar com suas angústias, proporcionando, assim, um melhor desenvolvimento a esta criança (Santana, 2003).

Desde o útero materno até o nascimento, o comportamento materno exerce influência na formação da personalidade da criança. Os sentimentos que esta mãe expressará por seu bebê provocará sensações de prazer e desprazer no organismo infantil e isto terá um efeito duradouro na sua concepção de realidade e na formação do ego da criança.

Minha prática profissional fez aprofundar os estudos sobre as primeiras fases do desenvolvimento humano, já que logo no primeiro ano de psicóloga (2003) surgiu a oportunidade de trabalhar em um programa de prevenção, financiado pela Secretaria de Saúde do estado de Goiás em parceria com o Governo do estado de Goiás e Secretarias

Municipais de Saúde do estado de Goiás, vinculado à *Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Goiânia – APAE-Goiânia*, chamado *Programa de Proteção à Gestante do Estado de Goiás – Teste da Mamãe*, que tinha como público toda a população de gestantes do estado de Goiás que buscava o pré-natal na rede pública.

O *Instituto de Diagnóstico e Pesquisa na APAE-Goiânia – IDP*, responsável pelo *Teste da Mamãe*, possui uma equipe de profissionais da área de saúde - infectologista, obstetra, pediatra-infectologista, psicóloga clínica e psicóloga social - responsável pelo atendimento das gestantes que apresentarem sorologia positiva para alguma das doenças infectocontagiosas detectadas por meio dos exames realizados pelo programa, dentre elas: HIV, hepatites B e C, chagas, HTLV, toxoplasmose, sífilis, dentre outras.

Essas gestantes recebem atendimento desde o início da gestação até o parto e, em alguns casos, em que só é possível fazer o exame no bebê mais tardiamente para ter certeza de que não houve transmissão vertical da doença materna, a mãe e o bebê são acompanhados de dois em dois meses até o primeiro ano de vida do bebê.

O trabalho como psicóloga clínica neste programa se deu de 2003 a 2009, percurso em que foram desenvolvidas as pesquisas da especialização e do mestrado voltadas para a compreensão deste momento da vida das mulheres, a maternidade. Desde 2003 que também foram iniciados atendimentos em clínica particular, em uma perspectiva psicanalítica, com foco principal nas crianças de 3 a 8 anos.

Na especialização em Teoria Psicanalítica (2004 – 2005), foi possível um contato profundo com três estimados professores da UNB, o Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes, a Prof^a. Dra. Tânia Rivera e a Prof^a. Dra. Terezinha de Camargo Viana, que mostraram a psicanálise com outros olhos, aliada à arte, à literatura, à vida, e aumentaram a sede de conhecimentos na área psicanalítica.

Na ocasião foi desenvolvida uma pesquisa juntamente com a Prof^ª. Dra. Terezinha de Camargo Viana, que viria a se tornar uma grande parceira nesta caminhada de conhecimento e crescimento profissional, pois foi orientadora nas pesquisas da especialização, do mestrado e do doutorado. O tema pesquisado na especialização foi o luto como transitoriedade, como perda de objeto, sob uma ótica psicanalítica (Santana, 2005).

A pesquisa do mestrado (2005 – 2007) nasceu do desejo de investigar nas gestantes, por meio da análise das sessões clínicas, aspectos subjetivos e intersubjetivos específicos desse encontro de condições: gravidez e doença infectocontagiosa. Para isso foram utilizadas falas em sessões clínicas de gestantes atendidas no *Instituto de Diagnóstico e Prevenção da APAE-Goiânia*, portadoras de toxoplasmose.

Questões como desejo e não desejo materno; construção da maternidade; luto materno; aceitação da doença; adesão ao tratamento; relação mãe/bebê e principalmente, ambivalência, foram abordadas nesta discussão. Tratei de termos como mãe, maternidade, maternagem e feminilidade, procurando diferenciá-los dentro do contexto sócio-histórico da mulher e situando tal mulher no contexto da maternidade, além de situações, transformações e alterações físicas e psíquicas vivenciadas pelas mulheres neste momento de sua vida: a gravidez. (Santana, 2007)

Vinculado ao tema da especialização, foi proposto, por meio da teoria psicanalítica, mostrar que é necessário transpor as barreiras das transformações, por meio de elaboração de lutos. O momento da gestação de uma criança é bastante marcado pela transitoriedade, sendo necessários reestruturação e ajustamento em várias dimensões, como a mudança de identidade e uma nova definição de papéis.

A mulher é retratada, em um primeiro momento, para depois aparecer inserida neste contexto bem diferenciado, o do adoecimento. A toxoplasmose foi escolhida como objeto de

estudo nesta pesquisa por dois fatores: o alto número de gestantes acometidas pela doença durante a gravidez (visto no *Programa de Proteção à Gestante – Teste Mamãe*) e a grande mobilização que a doença causa nas pacientes grávidas.

Primeiramente, o que chamou a atenção foi a semelhança dos conflitos vivenciados por uma mãe doente, mesmo em mulheres tão diferentes entre si. O quanto tais mulheres ficam mobilizadas e fragilizadas com a possibilidade de doença em seu bebê, muitas vezes provocando sentimentos de impotência, culpa e raiva. Sentimentos discordantes que revelam toda a ambivalência vivenciada por essas mulheres.

Ao buscar como o conceito ambivalência é trabalhado em diferentes correntes psicanalíticas e na obra de Freud, procurei defini-lo psicanaliticamente, para, então, inseri-lo no contexto da maternidade. Tal discussão vem ao encontro do questionamento inicial deste trabalho: Como é para a mulher lidar ao mesmo tempo com a chegada de um bebê e com possibilidade de doença desse bebê?

Com os trabalhos desenvolvidos neste percurso, dois temas tomaram destaque nas minhas pesquisas e estudos: ambivalência e constituição psíquica. A formação do psiquismo infantil desde o útero já era tema desde a graduação, a ambivalência surge no mestrado, mas como se costurasse todo o percurso temático relacionado ao desenvolvimento infantil, a maternidade, o adoecimento, a elaboração de lutos, a angústia e o desejo.

O termo ambivalência encontrado na psicanálise veio casar com esta vivência de sentimentos opostos e conflitantes destas gestantes. Mas esta discussão não teve um fechamento, ao contrário, suscitou outros questionamentos, pontos de discussão importantes.

Estes questionamentos motivaram a continuar os estudos sobre ambivalência e constituição psíquica. Na especialização em Teoria Psicanalítica, duas sementes foram plantadas, a primeira, pela Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana foi aliar a Psicanálise à

Literatura e a segunda, pela Profa. Dra. Tânia Rivera, o estudo de alguns contos de Guimarães Rosa. O que motivou a relacionar a teoria psicanalítica com a literatura, e principalmente a Guimarães Rosa.

O mais belo do trabalho de interpretação dos contos é que, por meio deles, todo o percurso profissional descrito se faz presente e, além de tratar de ambivalência, temas como constituição psíquica, luto, transitoriedade e fantasia foram retomados. Percebemos a importância da vivência pessoal e profissional para a construção do objeto de estudo e o quanto essas experiências formam marcas indeléveis em nossa formação.

Justificativa

Ao colocar o tema da ambivalência em destaque, ressaltamos a importância de entender Freud como ponto de partida para uma compreensão dos aspectos históricos, sociais e culturais. Em que momento de sua obra surge o conceito ambivalência? Que teóricos iniciaram a discussão desde conceito? Como a ambivalência é vista dentro da clínica psicanalítica? Qual o lugar da ambivalência na constituição psíquica? Esta constituição psíquica se dá em que tempo da constituição do sujeito?

A ambivalência é tratada como sintoma, como uma desordem que provoca ansiedade, indecisão e desconforto pela incapacidade de transitar entre sentimentos opostos. Além da sensação de indecisão, de irresolução pode provocar perda de controle. Iniciaremos a partir desta compreensão, mas o que instiga a produção de conhecimento é pensar a ambivalência como fator constituinte, importante para a constituição do sujeito e, portanto, a tentativa de busca de aniquilação desses sentimentos, por si só, é autodestrutiva.

Neste leque de discussões, buscamos mostrar, por meio da análise de alguns contos de

Guimarães Rosa que o estudo da ambivalência e da constituição psíquica na psicanálise é fundamental para compreensão da constituição do sujeito. Assumir o compromisso de aprofundar em outras temáticas psicanalíticas importantes, como a técnica psicanalítica, luto, transitoriedade e fantasia, é uma forma de responsabilidade em relação à produção teórica psicanalítica, por apostar na relevância também destes temas para essa compreensão.

A análise da temática da tese nos personagens dos contos rosinianos se justifica na medida em que compreendemos que Guimarães Rosa representa e interpreta na sua obra um mal-estar, com personagens carregados de contradições. O próprio Guimarães revela em entrevista que reconhece a importância monstruosa e espantosa da obra de Freud e afirma que tais estudos com certeza o impressionaram e o influenciaram.

Objetivos

Objetivo Geral:

Demonstrar a universalidade do tema da ambivalência ao analisar, sob a ótica da psicanálise, personagens de alguns contos de Guimarães Rosa.

Objetivos Específicos:

- 1) Apontar o conceito de ambivalência na psicanálise, como sintoma e como fator constituinte do psiquismo.
- 2) Propor uma reflexão acerca da relação entre psicanálise e literatura.
- 3) Apontar temas fundamentais da técnica e da teoria psicanalítica, como luto, transitoriedade e fantasia.

- 4) Compreender como a ambivalência se apresenta nos personagens dos contos de dois livros de Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias* (1969/2001c) e *Tutaméia* (1969/2001f).

Metodologia

Ao iniciar o presente trabalho o objetivo inicial era realizar um levantamento do tema ambivalência em teóricos da psicanálise e estabelecer uma relação entre ambivalência e constituição psíquica. Iniciamos em Freud, Klein e Winnicott até chegarmos a Green (1980/1988), Garcia-Roza (1986), Dolto (1984/2004), Mezan (1990), Pontalis (2005).

Durante a escrita teórica da tese sentimos uma necessidade de dar leveza ao texto relacionando-o com algum autor literário que deixasse transparecer em sua obra aspectos característicos da ambivalência. Foi quando decidimos regar as sementes plantadas na especialização e retomar as leituras de dois livros de Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias* (1969/2001c) e *Tutaméia* (1969/2001f).

A obra de Guimarães Rosa é extensa e não se resume a estes dois livros. *Grande Sertão Veredas* já havia sido estudado, quando foram apresentados estes dois livros de contos. Porém, ao retomar a ideia de relacionar a temática a Guimarães Rosa, optamos pelo caminho dos contos, já que nestes, diferentes personagens surgem em diferentes contextos e enredos, possibilitando a abertura do leque de possibilidades que buscávamos.

Esses dois livros foram lidos em um primeiro momento buscando trechos que remetesse à questão da ambivalência. Depois foram relidos na busca por separar alguns contos que pudessem ser analisados mais profundamente, por existirem neles personagens marcados pela ambivalência. Os contos escolhidos foram: *Desenredo*, *Se Eu Seria*

Personagem, Os Cismos e A Terceira Margem do Rio.

A riqueza de discurso poético de Rosa se entrelaça à psicanálise em diferentes personagens e a ambivalência pode ser vista por vários ângulos em sua obra. Refletindo sobre a ambivalência foi que chegamos a outros conceitos psicanalíticos que se revelaram pertinentes para uma aproximação a alguns elementos tão marcantes nestes contos de Rosa, como luto, fantasia e transitoriedade.

Lowenkron (2004), ao tratar do tema *Pesquisando com o Método Psicanalítico*, nos mostra que a psicanálise, em si, é um método de investigação. Método que, por meio da interpretação, produz teoria psicanalítica, como o próprio Freud já fazia.

Rea (2004), dentro do mesmo tema, mas entrando na questão da arte e psicanálise, aponta o uso do método psicanalítico para a interpretação de textos. No qual o psicanalista se coloca em uma leitura flutuante, atento às perturbações que a escrita provoca no leitor.

(...) à associação livre do artista a atenção flutuante do entrevistador pode significar, da mesma maneira que a atenção flutuante do analista significa as associações do paciente. Deste encontro, tanto na pesquisa quanto no trabalho do consultório, nasce um texto inédito, uma nova significação, possível somente ali, no encontro desse analista com este paciente, ou deste artista com essa pesquisadora (Rea, 2004, p.97).

A utilização do método psicanalítico na interpretação de textos literários possibilita um encontro entre a psicanálise e a literatura, entre os conceitos psicanalíticos e Guimarães Rosa, entre o leitor e o autor, entre a leitura e o novo olhar que ela possibilita vislumbrar.

Pressupostos

Primeiro pressuposto: a psicanálise traz uma teoria própria a respeito da noção de

ambivalência desde Freud, Klein e Winnicott até autores atuais. A interlocução entre esses autores nos possibilita definir psicanaliticamente ambivalência.

Segundo pressuposto: a ambivalência pode ser um sintoma, mas é constitutiva do sujeito. A teoria psicanalítica da ambivalência está relacionada com a teoria sobre a constituição psíquica.

Terceiro pressuposto: Articular a psicanálise com a literatura pode lançar nova luz à teoria psicanalítica. É uma forma de demonstrar a universalidade do tema da ambivalência e, assim, compreender melhor a constituição e o desenvolvimento do sujeito.

Psicanálise e literatura: introdução e articulação com a temática da tese

Ao buscar compreender a constituição do psiquismo na psicanálise, percebemos que existem alguns pontos de discussão importantes, como desenvolvimento sexual infantil, narcisismo, angústia, pulsões e, fundamentalmente, ambivalência, tema principal desta tese.

O termo ambivalência, no senso comum, segundo Parker (1997) é frequentemente usado para descrever sentimentos *misturados*, diferentemente do conceito proposto pela psicanálise, segundo o qual coexistem em relação à mesma pessoa sentimentos e impulsos bastante contraditórios. Exemplifica, ainda, que os componentes positivos e negativos postam-se lado a lado e permanecem em oposição.

O termo ambivalência pode ser encontrado em diferentes textos de Freud, como veremos *a posteriori*. Para uma introdução do tema, trazemos a noção de ambivalência que pode ser vista em *Totem e Tabu*: “(...) uma relação ambivalente, composta de impulsos conflitantes afetuosos e hostis” (Freud, 1913[1912]/1996i, p. 33). Esse é o conceito que gostaríamos de trabalhar nesta tese.

Trazer a teoria das pulsões de Freud nesta discussão sobre ambivalência é fundamental, tanto por retratar esses impulsos conflitantes quanto para situar como Freud trabalhou esta questão. Assim como apontar como esse tema foi trabalhado por Klein e Winnicott.

Melanie Klein é uma autora que em diversos momentos de sua obra traz a discussão sobre a ambivalência. Como, por exemplo, em 1945(1996e), em *O luto e suas relações com os estados Maníaco-depressivos*, no qual a autora nos mostra que as experiências desagradáveis e a falta de experiências prazerosas, principalmente de contato íntimo e feliz com pessoas amadas, vivenciadas por crianças pequenas, aumentam a ambivalência, diminuem a confiança e a esperança, confirmando, assim, as ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa.

Winnicott também é importante para tratar do lugar da ambivalência na psicanálise. Nos fala da ambivalência instaurada na mente do menino no período edípico; da ambivalência dos pais em relação aos filhos nos primeiros meses de vida, “quando a hostilidade inconsciente é um fator importante, a criança sofre não apenas no momento, mas especialmente quando, aos 3 ou 4 anos, as grandes ansiedades levam à revivência das situações precoces” (Winnicott, 1947/2000a, p. 280).

O autor revela um deslocamento dos conflitos em períodos muito precoces do desenvolvimento, demonstrando que os conflitos relativos ao complexo de Édipo poderiam ser mais bem compreendidos se levássemos em conta as experiências dos primeiros meses de vida.

Autores contemporâneos também nos ajudam a compreender como o tema da ambivalência foi desenvolvido na psicanálise, como Green (1980/1988), Garcia-Roza (1986), Dolto (1984/2004), Mezan (1990), Pontalis (2005).

Para além de apontar conceitos psicanalíticos, este trabalho consiste em uma articulação entre a psicanálise e a literatura. Acreditamos que temas psicanalíticos fundamentais para compreensão do sujeito podem ser percebidos em alguns personagens de Guimarães Rosa. Compreendemos a literatura como uma ficção, uma criação carregada de significados e propomos uma análise desses significados por meio da teoria psicanalítica.

Psicanálise e literatura são temas distintos e autônomos, mas desde Freud podemos encontrar uma tentativa de aproximação e de discussão que suscita diferentes análises. Os textos literários provocam o leitor psicanalista, sua sensibilidade e, assim, possibilitam um novo olhar, um sentido, uma busca de interpretações dos textos por meio da teoria psicanalítica.

Freud já demonstrava sua sensibilidade no estudo do humano e das humanidades, entrecruzando sua teoria com seus próprios dramas pessoais. Ao narrar seus casos clínicos à maneira de romances, o escritor Freud aparece e se afirma não apenas enquanto grande apreciador e exímio conhecedor da literatura, mas como autor.

Em *Escritores criativos e devaneio*, Freud (1908[1907]/1996f) compara o escritor criativo com o homem que devaneia (fantasia¹). Estabelece analogias entre o texto elaborado pelas formações inconscientes e o texto elaborado pelo escritor criativo. Ambos são passíveis de interpretações, mesmo que distintas, pelo escritor e pelo psicanalista. Revela a capacidade do escritor de tocar o leitor e, assim, provocar emoções desconhecidas. A leitura carregada de significados, desejos e emoções provoca uma identificação que é própria da literatura.

As diversas formações do inconsciente (sonhos, atos falhos, fantasias, chistes) possuem um caráter enigmático, fruto de um trabalho de elaboração psíquica, e necessitam de

¹ Esse tema será aprofundado posteriormente.

interpretação. Tais formações revelam desejos inconscientes que foram recalçados, excluídos dos investimentos narcísicos do sujeito. Este ser falante busca, por meio da linguagem, significação e entendimento.

Freud situa a atividade do escritor entre essas formações inconscientes, o texto literário como uma forma de retorno do inconsciente, conseqüentemente como um tipo de formação, no qual o desejo inconsciente é quem produz a escrita. A psicanálise se dá pela lógica da escrita do sintoma, da fala das histéricas que se traduz em narrativa e romance.

Segundo Bellemin-Noel (1978), a linguagem existente na brincadeira de uma criança, nos sonhos e na loucura é obscura, assim o inconsciente a habita e a distorce todo o tempo. O psicanalista está sempre atento a esta linguagem, que é a mesma que aparece na literatura, e às suas possibilidades de interpretações baseadas dos pressupostos psicanalistas.

Na lógica dos textos literários, assim como nas formações inconscientes, não é o sentido literal que importa, mas os possíveis significados que podem ser decifrados, levando em conta o próprio texto e o sujeito (autor) por trás desse texto. Além da possibilidade de desenvolver uma nova teoria, um novo olhar frente ao texto.

O próprio Freud faz este percurso de interpretação. Em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, Freud (1907[1906]/1996e), interpreta o romance de Jensen por meio de seu personagem, seus obscuros desejos camuflados em suas ações, analisa os sonhos e os compreende como representantes dos processos psíquicos.

A partir da investigação dos sonhos, uma outra pista nos levou à análise de obras de imaginação e por fim à análise de seus criadores - os escritores e artistas. Ainda numa fase inicial, descobriu-se que os sonhos inventados por escritores muitas vezes prestam-se à análise da mesma forma que os sonhos verdadeiros (cf. *Gradiva* [1906]).

A concepção da atividade mental inconsciente possibilitou fazer-se uma ideia

preliminar da natureza da atividade criadora na literatura de imaginação, e a compreensão, adquirida no estudo dos neuróticos, do papel desempenhado pelos impulsos instintivos nos permitiu descobrir as fontes da produção artística e nos colocou face a dois problemas: como o artista reage a essa instigação e quais os meios que ele emprega para disfarçar suas reações (Freud, 1907[1906]/1996e, pp.).

No texto *Dostoiévski e o parricídio*, Freud (1928[1927]/1996t) lança luz sobre o caráter de Dostoiévski analisando suas obras. E já abre seu texto dizendo “Quatro facetas podem ser distinguidas na rica personalidade de Dostoiévski: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador” (pp.). Personalidade que se destaca pela ambivalência.

Kon (2003) nos aponta que em Freud encontramos uma forte ambivalência com relação ao trabalho do artista. O desvelamento da criação, buscado pelo psicanalista, abriga uma ruptura entre noções contrastadas frente ao tema da criação do saber. O psicanalista busca desvendar, como um arqueólogo, um cientista que explora a natureza a fim de identificar e desvendar as leis gerais que a regem. Ou atua como o artista, o que causa estranhamento em Freud. É por meio da literatura de Freud, diz Kon:

que temos acesso ao seu saber e é pela leitura de seus textos que este saber se torna nosso. Também na clínica psicanalítica a escuta parece voltar-se para a força de literatura, ou de narrativa, que brota livre na fala e põe em marcha a criação singular, sempre recomeçada, de cada subjetividade (Kon, 2003, p. 29).

Ao propor relacionar psicanálise e literatura, percebemos que esta metáfora de Kon (2003), do arqueólogo fazendo um trabalho de desvelamento, se faz muito pertinente.

Bellemin-Noel (1978) aponta três tipos de abordagens psicanalíticas do texto literário: a primeira se aproxima da investigação das narrativas exemplares, dos tipos e motivos, dos gêneros literários, textos e escritores as exploram de modo e intensidade originais; na

segunda ocorre um deslocamento de interesse da obra para o autor; já na terceira o interesse está todo no texto, excluindo o autor.

Percebemos que o Freud tanto busca elevar a obra e autor ao mesmo patamar, na busca de interpretar o autor da obra por meio da mesma, quanto busca interpretar personagens, priorizando o texto. O que propomos nesta tese, é uma interpretação da obra, utilizando a dinâmica dos personagens para retratar a temática aqui apresentada.

Freud (1916/1996ag) no tópico *Os arruinados pelo êxito* do artigo *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* faz esse trabalho de análise da personagem Macbeth de Shakespeare. Ele toma a personagem como exemplo de pessoa que sucumbe ao êxito após lutar por ele com todas as suas forças.

Outro ponto interessante dessa relação da psicanálise com a literatura está quando Freud diz que em todas as obras dos escritores criativos ha um herói, centro de todo interesse, para quem o autor procura dirigir nossa simpatia e que parece estar sempre protegido, imortal, invulnerável. “Parece-me que por meio desse sinal revelador de invulnerabilidade, podemos reconhecer de imediato Sua Majestade o Ego, o herói de todo devaneio e de todas as histórias” (Freud, 1908[1907]/1996f, pp. 139-140).

Mas o próprio Freud nos mostra que este herói soberano é marcado pela ambivalência, carregado de dualidade e de contradições. Como nas suas análises da obra de Shakespeare, com quem apresentou uma relação peculiar, uma posição de reverência dirigida para o ator e escritor inglês. A abundância de menções de Freud sobre a obra de Shakespeare está explícita na sua coleção de obras completa, sendo que as principais obras de Shakespeare analisadas por Freud foram *Hamlet*, *Macbeth*, *Rei Lear*, *O Mercador de Veneza* e *Ricardo III*.

Nas obras *Hamlet* e *Macbeth* ele dedicou atenção mais especial, fazendo-lhes menções constantes, dedicando-lhes ensaios, e relacionando ambas de uma forma que

auxiliava a exposição de suas próprias ideias acerca da psicanálise, e das estruturas psíquicas. Apesar de Freud as ter usado para falar de conceitos distintos em sua obra, encontram-se características análogas entre as peças, sendo que ambas são tragédias da consciência, nos levando a emergir nos conflitos dos personagens, no seu universo psíquico, dúvidas e inquietações.

O Mito de Édipo-Rei de Sófocles torna-se um dos temas mais reverenciados tanto na arte grega antiga como na arte neoclássica. Mas é com a psicanálise, quando Freud utiliza desta obra para explicar uma importante construção teórica, o “Complexo de Édipo”, que o mito ganha uma força absoluta. O palco da trama, para a psicanálise, está no Édipo como instrumento de poder imposto ao nosso inconsciente, e tem como atores o triângulo pai-mãe-filho relacionando-se no chamado drama edípiano.

Em *Personagens psicopáticos no palco*, Freud (1942[1905 ou 1906]/1996af) fala que o espectador anseia por agir, criar, ser um herói, o que possibilita a identificação com o herói. Ao mesmo tempo, esse espectador sabe o preço e o perigo de ser herói e se sente aliviado por não estar nesse papel. Sentimentos contraditórios e ambivalentes, como o personagem Hamlet, marcado por um conflito oculto que Freud buscou desvendar.

Freud (1908[1907]/1996f) afirma ainda que todos as personagens femininos se apaixonam invariavelmente pelo herói. E que todos os outros personagens da história dividem-se rigorosamente entre bons e maus “(...) em flagrante oposição à verdade de caracteres humanos observáveis na vida real” (p.140).

Propomos aqui que esse herói ambivalente, errôneo, adoecido, também é possível ser encontrado nos personagens dos contos de Guimarães Rosa. Em seus contos encontramos personagens marcadas pela humanidade e pela ambivalência. A escrita de João Guimarães Rosa apresenta um diálogo entre diferentes culturas, suas narrativas transmitem uma

linguagem própria, marcada por problemáticas humanas e sociais, nos quais seus personagens revelam uma multiplicidade de discursos carregados de significados e que representam seu estar no mundo.

Coutinho (1994, p.11) abre o prefácio da *Ficção Completa* de Guimarães Rosa apresentando-o como “um dos maiores ourives da palavra que a literatura brasileira jamais conheceu e ao mesmo tempo um dos mais perspicazes investigadores dos matizes da alma humana em seus rincões mais profundos”. Regionalista, do sertão de Minas Gerais, sua obra utiliza este cenário como pano de fundo, mas a importância maior ele dá ao homem e a paisagem é descrita pelos olhos dele.

Sua relação com a língua e com a linguagem, como um mergulho de corpo e alma, é sempre destacada. Poliglota e diplomata, soube interpretar e utilizar-se de cada idioma de maneira a inventar neologismos e palavras totalmente novas, cheias de força e carregadas de significado. Ele próprio descreve sua relação com a linguagem como um caso de amor.

A obra de Guimarães Rosa é plural, desde *Grande sertão: veredas* suas personagens são marcadas pelas constantes indagações e permeados de tensões por conviver constantemente com sentimentos contraditórios e incompatíveis, característicos da ambivalência.

Coutinho (1994) aponta que o leitor é induzido por Rosa a pensar, a refletir e a se transformar em um participante ativo do processo de criação. Rosa fornece ao leitor a palavra e faz dele um grande questionador, um desbravador de caminhos. Assim como os psicanalistas se propõem a ser por meio da interpretação.

Destacamos algumas questões importantes apresentadas na entrevista de Guimarães Rosa a Günter Lorenz em janeiro de 1965 no “Congresso de Escritores Latino-Americanos”, realizado em Gênova. Neste diálogo, podemos compreender um pouco mais do pensamento

de Rosa, para além de sua obra, ou melhor, podemos entender o quanto de Guimarães Rosa ha em seus personagens.

Rosa inicia revelando que sua missão mais importante é o próprio homem. Ao escrever, ele descobre um novo pedaço do infinito, repete o que já viveu antes, procura mergulhar no mais profundo da alma do homem. Algo tão próprio do tratamento psicanalítico, que podemos ver na sua fala:

Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. (...) Apenas da solidão pode-se descobrir que o diabo não existe (Rosa, 1965/1994, p.37).

Ele próprio se interpreta dizendo que, como médico, conheceu o valor mítico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência, como soldado, o valor da proximidade da morte; experiências que formaram seu mundo interior. Já hoje configuram seu mundo “a diplomacia, o trato com cavalos, vacas, religiões e idiomas” (Rosa, 1965/1994, p.32).

Estudioso e leitor de autores em diferentes idiomas, era conhecedor profundo do alemão, e ele próprio vai dizer que reconhece a importância monstruosa e espantosa de Freud. Ao ler suas obras percebemos uma sensibilidade de quem vê o humano por diferentes facetas.

Ao explicar sua biografia um tanto paradoxal, Rosa fala sobre as contradições: “E não apenas isto, mas tudo: a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras” (Rosa, 1965/1994, p.32).

Ao tratar da questão da interpretação de sua obra, o autor demonstra um pouco mais dessas contradições do humano:

(...) o sertão é o terreno da eternidade, da solidão, onde *Inneres und Ausseres sind*

*nicht mehr zu trennem*². No sertão, o homem é o eu que ainda não encontrou o tu: por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua (Rosa, 1965/1994, p.50).

Ao ser questionado sobre as condutas dos seus heróis, Rosa (1965/1994) traz outra resposta marcada pela subjetividade:

No sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder. As duas coisas são possíveis. Como critério, ele tem apenas sua inteligência e sua capacidade de adivinhar. Nada mais. E assim se explica também aquele provérbio sertanejo que à primeira vista parece outro paradoxo, mas que expressa uma verdade muito simples: o diabo não existe, por isso ele é tão forte. Às vezes não se encontram as palavras que se está sentindo dentro de si mesmo (p. 58).

Nesta tese foram escolhidos dois livros de contos de Guimarães Rosa: *Primeiras histórias*, publicado em 1962 e *Tutaméia*, publicado em 1967, poucos meses antes de sua morte. Nos dois livros encontramos diferentes contos, mas muitos deles com personagens carregados de contradições e ambivalência. Os contos escolhidos para interlocução com a teoria psicanalítica foram: *Desenredo*, *Se Eu Seria Personagem*, *Os Cismos* e *A Terceira Margem do Rio*.

Em *Tutaméia*, Guimarães Rosa inicia o livro com o conto *Aletria e Hermenêutica* e a afirmativa “A história não quer ser história. A história, em rigor, deve ser contra a História”. (1969/2001c, p. 29). Não propomos analisá-lo, mas é interessante essa frase para pensarmos que Rosa está afirmando que ha uma questão paradoxal e atemporal envolvida nos contos. A história é marcada pela temporalidade, pelo tempo cronológico, enquanto a história (o conto) é contra esse tempo cronológico, é marcada por outro tipo de tempo, atemporal. Assim como o

² O interior e o exterior já não podem ser separados. Citado em alemão por Guimarães Rosa.

tempo da psicanálise, que abordaremos posteriormente.

Escolhemos também as palavras *Aletria* e *Hermenêutica* utilizadas nesse conto para iniciar uma tentativa de relacionar Guimarães Rosa com a psicanálise. Sugerimos que a palavra *Aletria* pode ser compreendida como: sem letra, outra forma de ver a letra, letra e alegria, o gozo da letra, a celebração da letra. Já *Hermenêutica*, como a arte de interpretar livros sagrados e textos antigos, o que remete à questão da interpretação. É exatamente o que propomos fazer, interpretar os contos de Rosa para além da letra, analisar os personagens dos contos e suas contradições.

Estudiosos de diferentes áreas já se propuseram a analisar as obras de Rosa há tempos. Não é diferente com os psicanalistas que buscam essa articulação entre arte e psicanálise, literatura e psicanálise.

Segundo Viana (2009b), as artes compõem em toda a obra psicanalítica, mesmo que às vezes de forma descontraída ou conflitiva. Afirma que a psicanálise é convocada a explicar os mais diferentes fenômenos estéticos, desde produções artísticas a personagens e conteúdos literários. As metáforas que Freud retira das artes são ricas e, a partir delas, constrói muito da teoria psicanalítica.

Trazemos, então, alguns autores que buscaram fazer essa articulação em psicanálise e Guimarães Rosa. Como Rivera (2005) que em seu livro *Guimarães Rosa e a Psicanálise* analisa cinco contos de Guimarães Rosa. Dentre eles, dois dos que também analisamos: *Se eu seria personagem*, em que faz uma relação com a feminilidade, e *A terceira margem do rio*, em que trata da questão paterna.

Rivera (2005, p. 11) aborda ainda questões muito relevantes para se pensar a psicanálise, como a transferência, o desejo do analista e a interpretação. A autora nos mostra, acima de tudo, que a obra literária é a expressão da subjetividade do autor e a psicanálise

“levou a obra ao divã” na busca de interpretação do autor.

A ideia de *expressão* supõe algo interno – a subjetividade do homem, sua psique, seus conflitos – que se dá a ver na obra. A obra é aí considerada como expressão de algo vago ou oculto, preexistente no íntimo do autor, enquanto é posto em segundo plano o fazer-se da escrita enquanto *impressão* – como *trabalho* que se torna de alguma maneira fixo em palavras impressas, e que imprime também no autor sua marca (Rivera, 2005, p. 11, grifos da autora).

A autora nos revela, ainda, que esta impressão não é como um carimbo, mas envolve tanto o autor quanto a obra, em uma transformação mútua, em que, em alguns momentos, se confunde obra ou vida, escrito ou escritor.

Rivera (2005) interpreta o conto *Se eu seria personagem* sob a ótica da personagem feminina: Orlanda. Por meio de textos freudianos como *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, *Fetichismo*, *Observações sobre o amor transferencial* e *Feminilidade*, analisa a questão da feminilidade. Já no conto *A terceira margem do rio*, aborda a questão do pai e do gozo com Lacan em *Lituraterra* e Freud em *A negativa* e *Estudos sobre a histeria*.

Oliveira (2010) aponta que Rosa constrói uma narrativa onde o branco da tela/texto faz parte da própria estrutura da estória e se utiliza de recursos para além da relação entre palavra e imagem.

Buhler (2006) já nos dizia que a poética rosiniiana possui uma força imaginante que se abre em dois sentidos: do aprofundamento (escava o fundo do ser, mistério) e do devaneio (aparece como força inexaurível, milagre). A autora analisou o conto *A terceira margem do rio*, que também analisamos. Revela que tal conto é uma “bela representação das interfaces entre a arte e a vida, em que uma e outra se nutrem, se confundem, se misturam e se fundem num movimento de pura possibilidade de todas as formas a serem criadas” (Buhler, 2006, p.

59).

Buhler (2006) diz, ainda, que neste conto entramos em contato com concretude da interioridade de uma vida sofrida para depois libertá-la do fardo. Coloca o mistério como tema central do conto, em uma correspondência com a alma do sonhador.

Henriques (2010), ao analisar outra obra de Rosa, *Grande Sertão Veredas*, aponta para o caráter de romance em Guimarães Rosa e sua relação com a psicanálise. Compreende esta obra como um percurso de uma análise psicanalítica, no qual o narrador-personagem Riobaldo pode ser relacionado a um paciente no divã com seu analista.

Relacionar psicanálise e literatura abre um leque de possibilidades para analisar as temáticas aqui propostas. Destacamos a importância de compreender o ser humano desde o nascimento, buscando um resgate do cuidado em uma fase primordial na vida: a constituição do psiquismo. É a articulação com a literatura, que promove a universalização e a generalização desses conceitos, objetivo principal dessa tese.

As reflexões realizadas foram sistematizadas em três capítulos.

No *Capítulo 1: Ambivalência na Psicanálise*, buscamos desenvolver uma reflexão sobre o conceito de ambivalência em Freud, Klein e Winnicott e autores para se pensar a psicanálise hoje. O capítulo se organiza em três tópicos: *1.1 Freud: Teoria das pulsões e Ambivalência*, *1.2. Concepções de Klein e Winnicott* e *1.3. Autores psicanalíticos atuais: contribuições*.

No *Capítulo 2: Outras temáticas psicanalíticas*, procuramos apresentar temas psicanalíticos fundamentais na análise dos contos de Guimarães Rosa. Para tanto, dividimos o capítulo em três tópicos: *2.1 Algumas considerações sobre a técnica psicanalítica*, *2.2. Consituição psíquica* e *2.3. Luto, transitoriedade e fantasia*.

No *Capítulo 3: Ambivalência e psicanálise em contos de Guimarães Rosa*, buscamos fazer uma interpretação de quatro contos dos livros *Primeiras Estórias* e *Tutaméia* de Guimarães Rosa, tendo por base os estudos realizados nos capítulos anteriores. Segue-se a interlocução entre a temática e os personagens dos contos: *3.1 Desenredo*, *3.2. Se eu seria personagem*, *3.3. Os cismos* e *3.4. A terceira margem do rio*.

Finalizamos o trabalho com as considerações finais, em que propomos refletir sobre a importância da literatura para demonstrar a universalização das temáticas psicanalíticas.

CAPITULO 1 - AMBIVALÊNCIA NA PSICANÁLISE

As nuvens são para não serem vistas. Mesmo um menino sabe, às vezes, desconfiar do estreito caminhozinho por onde a gente tem de ir – beirando entre a paz e a angústia (...). Então, o fato se dissolve. As lembranças são outras distâncias.

Eram coisas que paravam já à beira de um grande sono. A gente cresce sempre, sem saber para onde. Se eu, se você gostar de mim... E como saber se é o amor certo, o único?

Tanto é o poder errar, nos enganos da vida...

Será que você seria capaz de se esquecer de mim, e assim mesmo, depois e depois, sem saber, sem querer, continuar gostando? Como é que a gente sabe? (...)

Reperdida a lembrança, a representação de tudo se desordena: é uma ponte, ponte, – mas que, a certa hora, se acabou, parece que. Luta-se com a memória (...).

Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho, mas noutro de repente ele já se torna a ser demais de grande, outra vez. A gente deve de esperar o terceiro pensamento.

E eu precisei de fazer alguma coisa, de mim, chorei e gritei, a eles dois: – “Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!...”

E eles abaixaram as cabeças, figuro que estremeçeram.

Porque eu desconheci meus Pais – eram-me tão estranhos; jamais poderia verdadeiramente conhecê-los, eu; eu?

Guimarães Rosa

(1969/2001c, Nenhum, nenhuma, pp. 97-106)

1.1- FREUD: TEORIA DAS PULSÕES E AMBIVALÊNCIA

Laplanche e Pontalis (2000, p. 17) afirmam que Freud emprestou o termo ambivalência de Bleuler (1911), a partir do qual é vista como um sintoma preponderante da esquizofrenia, ao mesmo tempo em que reconhece que também possa existir uma ambivalência normal, chamada de ambivalência afetiva.

Nesse sentido, de ambivalência afetiva, foi utilizada pela primeira vez por Freud no artigo *A dinâmica da transferência* de 1912, como veremos posteriormente. Antes de apontar a concepção freudiana da ambivalência, propomos entrar na teoria das pulsões, fundamental para compreensão do conceito de ambivalência que gostaríamos de trabalhar nessa tese, como impulsos conflitantes que coexistem lado a lado.

Para introduzir a teoria das pulsões, falaremos primeiramente do termo *Trieb*, palavra alemã, geralmente traduzida como pulsão ou como instinto, pois tal diferença de tradução tem influência direta no entendimento de tal teoria.

Segundo Gomes (2001, p. 249-250), a palavra *Trieb*, na língua alemã, pode ser usada em sentidos diversos, sendo que um deles é como sinônimo de *Instinkt*, instinto. Nas línguas latinas e também no inglês, instinto pode se referir tanto a impulso, como “força motivadora que opõe à razão e à reflexão”, quanto também pelo sentido de comportamento, conhecimento ou valor afetivo inato, dado pela hereditariedade, como um “medo instintivo” ou uma “capacidade instintiva”.

Gomes (2001) ressalta que a palavra *Instinkt* foi usada por Freud em diferentes contextos, mas nunca como sinônimo de *Trieb*. Quando *Instinkt* era utilizado, era para se referir a um conhecimento ou significado inato, dado pela hereditariedade, em oposição a um conhecimento ou significado dado pela experiência individual.

Tais utilizações do termo *Instinkt* por Freud podem ser verificadas na *Conferência XXXII* da “Nova Série de Conferências de Introdução à Psicanálise” de 1933[1932](1996w) e em *Moisés e o Monoteísmo* de 1939[1934-38](1996y). Em ambos os casos, Freud utiliza o termo sem dar nenhum desenvolvimento teórico ao conceito.

O termo “pulsão” foi adotado, em português, segundo Gomes (2001), a partir do francês *pulsion*. Tal conceito foi revivido pela psicanálise e atualmente é o melhor correspondente ao termo dentro da psicanálise. Em Freud, o termo aparece pela primeira vez no *Projeto para uma psicologia científica* de 1950[1895](1996aa), propondo a ideia de que o sistema psi está exposto a quantidades de excitação provenientes do interior do corpo (estímulos endógenos), onde encontra a mola pulsional do mecanismo psíquico. Ressalta que a vontade é o derivado das pulsões.

Neste artigo, Freud (1950[1895]/1996aa) ainda desenvolve a ideia de “período”, segundo a qual as qualidades percebidas na consciência viriam pela variação no ritmo e na frequência das quantidades recebidas pelo aparato psíquico e, internamente, em trânsito. A pulsão seria, então, uma destas quantidades recebidas, mais especificamente, a que engendra o sistema e o alimenta por dentro. Nesse sentido, é bem mais do que uma noção psicológica apenas, mas uma noção ontológica, pois se refere à própria natureza do psíquico.

Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1996c) nos ensina como o objeto da pulsão é contingente e como seus alvos são vários, sendo a pulsão sexual composta de várias pulsões parciais, notadamente a pulsão oral, anal e fálica. Ele acreditava que processos químicos estavam na base somática das pulsões sexuais, embora não estivesse em condições de indicar em que estes processos se diferenciam dos não sexuais e qual a sua natureza.

Outra hipótese provisória na doutrina das pulsões, que não podemos omitir aqui, reza o seguinte: os órgãos do corpo oferecem excitações de duas classes, baseadas em diferenças de natureza química. A uma destas classes de excitação designamos como a especificamente sexual, e ao órgão afetado, como a zona erógena da pulsão parcial sexual que parte dele (Freud, 1905/1996c, p. 153).

Ainda nesse texto, Freud (1905/1996c) nos mostra que o amor começa como uma autoabsorção narcisista e a seguir, subindo uma complexa escada de desenvolvimento, liga-se aos instintos sexuais para proporcionar um repertório considerável de gratificações. O ódio, complemento do amor como oposto e companheiro, oferece uma quantidade ainda maior de materiais para tal diversidade.

Ressalta, ainda, que a ambivalência, a coexistência na mesma pessoa de amor e ódio pelo mesmo objeto, é a condição mais natural e corrente. Desta forma, como os seres humanos parecem estar fadados a se mover entre opostos, o destino das pulsões acaba sendo determinado pelas tensões entre atividade e passividade, eu e mundo exterior, prazer e desprazer.

Em 1915, Freud nos traz uma nova formulação para pulsão: “(...) todas as pulsões são qualitativamente da mesma índole, e devem seu efeito somente às magnitudes de excitação que conduzem ou, quiçá, ainda a certas funções desta quantidade” (FREUD, 1915/1996l, p. 119).

Nesse momento ele introduz a ideia de pulsão como fronteira entre psíquico e somático, uma estimulação que vem do somático e atinge o psíquico. Também traz nesse

texto conceitos auxiliares de fonte, pressão, alvo e objeto³ para definir pulsão.

Já em 1920, com seu texto *Além do princípio do Prazer*, Freud (1920/1996q) nos mostra a descoberta de que, em tudo o que é ser vivo existe, além do princípio do prazer denominado Eros, outro princípio, de que o que vive quer morrer de novo, ou seja, ha nos seres vivos não só pulsão de vida mas também pulsão de morte.

O princípio do prazer e o princípio da realidade se colocam como oposição inicial, que na verdade é relativa, visto que o princípio de realidade pode ser entendido como uma modificação do princípio do prazer. É somente em *Além do princípio do prazer*, com a introdução da pulsão de morte como um princípio fundamental, que se coloca a verdadeira oposição entre esta última e o sistema do princípio do prazer (Gay, 1989/2004).

Freud parece determinar uma energia própria para a pulsão de morte, para distingui-la claramente das pulsões sexuais cuja energia é a libido. Isso implica uma autonomia da destrutividade, que ficará em suspenso e só será colocada de maneira explícita em *O mal estar na civilização*, dez anos após o lançamento destas bases, no qual diz: "a inclinação agressiva é uma disposição pulsional autônoma, originária, do ser humano" (Freud, 1930/1996u, p. 108).

A independência da pulsão de morte parece clara quando Freud retoma algumas posições anteriores a 1920 nas suas *Novas conferências introdutórias*, de 1933[1932](1996w). Ele frisa que esta dicotomia repousaria sobre considerações biológicas e assimilando a pulsão de morte a uma tendência a reconduzir o ser vivo ao inorgânico, o que implica colocar a pulsão de morte como secundária à pulsão sexual.

³ A *fonte* da pulsão é o processo somático que dá origem à pulsão. O *alvo* (finalidade, fim, objetivo ou meta) é a suspensão da estimulação na fonte e as etapas intermediárias que possam levar a este alvo último. O *objeto* da pulsão é "aquilo junto a que, ou por meio de que, a pulsão pode atingir seu alvo". O objeto "é coordenado à pulsão em consequência de sua aptidão à tornar possível a satisfação" (Freud, 1915/1996l, p. 86).

No artigo *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]/1996z), Freud retoma a sua forte tese sobre o dualismo pulsional, afirmando que as pulsões são a causa última de toda atividade, caracterizando-as no sentido de princípio geral do vivo, força genérica, indeterminada e impessoal. As pulsões primordiais são duas: pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tanatos). Sua ação eficaz, conjunta ou contrária, “produz toda a variedade das manifestações da vida” (p. 147).

As pulsões sexuais visariam "produzir unidades cada vez maiores e, assim, conservá-las" enquanto que a pulsão de morte, ao contrário, teria como objetivo: "dissolver nexos e, assim, destruir as coisas do mundo" (Freud, 1940[1938]/1996z, p.178). Neste momento Freud estabelece a analogia com a atração e a repulsão, duas forças básicas da mecânica clássica, e cita Empédocles de Agrigento (495-435 a.C.). A menção deste filósofo grego também pode ser encontrada em um trabalho anterior, *Análise terminável e interminável* (1937/1996x), e de forma mais explícita, em que revela ter encontrado em um dos grandes pensadores da Antiguidade, Empédocles, sua teoria da pulsão de morte.

Empédocles explicava as diferenças entre as coisas do mundo pela mescla entre quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Mesmo se tratando de uma “fantasia cósmica”, enquanto a das pulsões pretende “validez biológica”, para Freud, essa diferença perde grande parte de seu valor por Empédocles considerar o universo tão animado quanto o ser vivo singular. Para o filósofo, a alma do mundo e a dos seres vivos era regida por dois princípios, o amor e a discórdia (Freud, 1937/1996x).

Freud, neste mesmo artigo, cita um comentador dos pré-socráticos que acabara de ler: “(...) são forças naturais de eficiência pulsional, de modo algum umas inteligências conscientes dos fins” (Capelle, 1935 conforme citado por Freud, 1937/1996x, p. 247). Empédocles concebe o processo do mundo como uma alternância continuada de períodos

nos quais o amor triunfa sobre a discórdia e vice-versa. O amor quer aglomerar tudo, mas, pouco a pouco a discórdia se insinua e desagrega. No processo de desagregação, nascem as coisas singulares e suas formas, frutos da luta entre as forças, até que se chega a dispersão total. E o ciclo recomeça por obra do amor, em sentido contrário (Freud, 1937/1996x).

Ele encerra suas considerações sobre Empédocles dizendo que, se a pulsão de morte é o esforço para levar o vivo à condição de inerte, isso não significa necessariamente que uma pulsão análoga não tenha existido desde antes da aparição da vida. Neste momento, podemos perceber que o pensamento de Freud permeava na afirmação de que na origem haveria apenas uma pulsão entendida como força. Ele pesquisava sobre o psiquismo humano e, dentro deste campo, o conceito de pulsão designava uma força capaz de expressão psíquica, gerada continuamente pelo corpo vivo. Quanto à natureza básica desta força, Freud (1920/1996x) declara:

O caráter impreciso de todas estas nossas elucidaciones que chamamos metapsicológicas se deve, naturalmente, a nada sabermos sobre a natureza do processo excitatório nos elementos do sistema psíquico, e a não nos sentirmos autorizados a adotar uma hipótese a respeito dela. Assim, operamos continuamente com um grande X que transportamos para cada fórmula nova (p. 30).

A teoria das pulsões vem ao encontro da noção de ambivalência que gostaríamos de trabalhar nessa tese. Como dissemos no início dessa discussão, o termo ambivalência aparece pela primeira vez em Freud em 1912. Ao discorrer sobre a transferência negativa em seu artigo *A dinâmica da transferência*, Freud (1912/1996h, p. 117-8) revela que nas formas curáveis de psicose, a transferência negativa encontra-se ao lado da transferência afetiva, sendo dirigidas simultaneamente para a mesma pessoa. E diz: “Bleuler adotou o

excelente termo ‘ambivalência’ para descrever esse fenômeno”.

Freud (1912/1996h) afirma que uma ambivalência de sentimento deste tipo pode ser considerada como normal, mas em um grau mais elevado, se torna uma particularidade de pessoas neuróticas. Já nos neuróticos obsessivos, ocorreria uma separação antecipada destes “pares de contrários” (pares de instintos). E finaliza esta questão da ambivalência afirmando que esta “ambivalência nas tendências emocionais dos neuróticos é a melhor explicação para sua habilidade em colocar as transferências a serviço da resistência” (p.118).

No caso dos paranóicos, em que a capacidade de transferência se mostra limitada a uma transferência negativa, não havendo a dupla polaridade, a possibilidade de influência ou cura se torna impossibilitada.

O conceito de ambivalência é tratado por Freud (1913[1912]/1996i, p. 33) em *Totem e Tabu* como: “(...) uma relação ambivalente, composta de impulsos conflitantes afetuosos e hostis”. Em diferentes momentos desse texto encontramos esse conceito sendo trabalhado por Freud.

Ao tratar de um caso de fobia de contato, Freud (1913[1912]/1996i, p. 46) relata um forte desejo presente desde a infância, desejo este que vai de encontro a uma proibição externa contra a realização do mesmo. Forças internas vão fazer o sujeito aceitar essas proibições, mas a proibição não consegue abolir o desejo, só lhe resta reprimir. E Freud finaliza:

A principal característica da constelação psicológica que dessa forma se torna fixa é algo que poderia ser descrito como a atitude ambivalente do sujeito para com um objeto determinado, ou melhor, para com um ato em conexão com esse objeto. Ele deseja constantemente realizar esse ato (o tocar) [e o considera seu gozo supremo, mas não deve realizá-lo] e também o detesta (Freud, 1913[1912]/1996i, p. 47).

E complementa dizendo que esse conflito está presente de tal maneira na mente do sujeito, que se torna impossível ser solucionado. Não podem vir à tona um contra o outro, já que o desejo é inconsciente e a proibição consciente. A ambivalência, então, permanece.

Ao fazer um paralelo entre os determinantes psicológicos do tabu e a neurose obsessiva, Freud (1913[1912]/1996i, p. 52) afirma que chegamos ao conhecimento dos fatores psicológicos do tabu nas neuroses por meio do estudo dos atos obsessivos, das medidas defensivas e das ordens obsessivas. E completa:

Verificamos que eles apresentavam todos os sinais de serem derivados de impulsos ambivalentes, quer correspondendo simultaneamente tanto a um desejo quanto a um contradesejo, quer atuando de forma predominante em nome de uma das tendências opostas. Se agora conseguirmos demonstrar que a ambivalência, isto é, a dominância de tendências opostas, pode ser encontrada nas observâncias do tabu, onde se pudermos apontar algumas delas que, como atos obsessivos, dão expressão simultânea a ambas as correntes, teremos estabelecido a concordância entre o tabu e a neurose obsessiva naquilo que talvez seja sua característica mais importante (Freud, 1913[1912]/1996i, p. 52).

Podemos perceber que após o termo ambivalência aparecer em 1912, Freud permanece trazendo esse conceito para discutir diferentes questões. O termo é amplamente trazido no texto Totem e Tabu (1913[1912]/1996i), como continuamos a ver.

Em outro momento do artigo, ao tratar do tabu em relação aos mortos, Freud (1913[1912]/1996i) nos mostra que quando a esposa vivencia a perda do marido ou uma filha perde a mãe, o sentimento de culpa aparece, dúvidas se algum ato ou descuido seu não pode ter provocado essa morte. Isso aparece nos casos em que existe uma intensa ligação emocional e que, frequentemente, a relação de amor é marcada por uma hostilidade oculta

inconsciente. E conclui:

Esse é o exemplo clássico, o protótipo, da ambivalência das relações humanas. Essa ambivalência está presente em maior ou menor grau na disposição inata de cada um; normalmente não é tanta que dê para produzir as autocensuras obsessivas que estamos considerando. (...) Deve-se supor que a presença de um grau particularmente elevado dessa ambivalência emocional original é característica da disposição dos neuróticos obsessivos (Freud, 1913[1912]/1996i, p. 74).

Freud (1913[1912]/1996i) sugere a possibilidade de que os impulsos psíquicos dos povos primitivos seriam caracterizados por uma quantidade maior de ambivalência do que no homem moderno civilizado. Supõe que essa ambivalência diminuiu à medida que lentamente o tabu foi desaparecendo. O tabu seria um sintoma da ambivalência e um acordo entre os impulsos conflitantes. As proibições do tabu seriam uma consequência da ambivalência emocional.

Também ao tratar do totemismo na infância, Freud (1913[1912]/1996i) trabalha a noção de ambivalência. Totemismo constitui tanto uma religião quanto um sistema social. Enquanto a religião retrata as relações de respeito e proteção mútua entre um homem e seu totem. Como sistema social, nas relações dos integrantes do clã e com outros clãs.

Freud (1913[1912]/1996i) faz, então, uma analogia com o animal totêmico como substituto paterno. Há um fato contraditório em que matar o animal é proibido, mas sua matança é uma ocasião festiva. E finaliza: “A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, parece estender-se no animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai” (pp. 144-145).

Em outro artigo de 1913, *O tema dos três escrínios*, em um texto no qual interpreta textos literários, Freud (1913/1996ad, p. 323) aponta o caráter ambivalente da substituição da

Deusa da Morte pela Deusa do Amor, outrora idêntica a ela. Ao assumir esse novo papel, não abandona completamente o antigo, passam a coexistir tanto deusas da vida e da fertilidade quanto deusas da morte.

Em um contexto completamente diferente, no artigo *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar*, de 1914, Freud retoma o conceito de ambivalência. Neste texto, Freud (1914/1996ac, p. 247) aborda o sentimento em relação aos mestres (professores):

Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam (...). Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa (...). No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela (...). Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los.

E finaliza dizendo que a essas atitudes contraditórias, a psicanálise deu o nome de ambivalência. Percebemos que mesmo em diferentes contextos, o que se dá é sempre esse movimento de sentimentos contraditórios que coexistem, coabitam, e que possuem uma fonte determinada.

Strachey, no rodapé do artigo *Os instintos e suas vicissitudes* de Freud (1915/1996l, p. 136), nos revela que Bleuler distinguiu três tipos de ambivalência: emocional, oscilação entre o amor e o ódio; voluntária, incapacidade para decidir quanto a uma ação; e intelectual, crença em proposições contraditórias, sendo que Freud emprega o termo, de forma geral utilizando o sentido emocional.

Nesse artigo, Freud (1915/1996l) trata da questão do sadismo e do masoquismo, e de como esses instintos (ativo x passivo) persistem lado a lado. Então, utiliza o termo de Bleuler, ambivalência, para dizer que se fizermos um levantamento do impulso sexual desde a origem, veremos que antes mesmo do desenvolvimento do instinto, seu oposto (passivo) está ao seu

lado. Ressalta que a experiência mostra que a quantidade de ambivalência que se demonstra é variável entre diferentes indivíduos. A ambivalência seria uma herança arcaica, tomando a questão de que com o passar do tempo os sentimentos ambivalentes foram diminuindo.

Ainda em 1915, Freud aborda novamente a questão da ambivalência no artigo *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Nesse texto, Freud (1915/1996ae) trata do tema da desilusão diante da guerra, guerras inevitáveis e implacáveis, e levanta o questionamento de como povos que se conhecem tão pouco, podem provocar tanto ódio entre si. Os indivíduos tentam se convencer de que possuem um objetivo de paz, quando na verdade é o ódio que os move. Além de esses mesmos indivíduos serem “autorizados” a praticar atos de barbárie e crueldade para com os outros, em nome desse bem maior.

Para o autor, o que se busca não é a erradicação do mal, visto que a essência mais profunda da natureza humana é similar a todos os homens e buscam satisfazer as necessidades primárias. Esses impulsos (necessidades) não são nem bons nem maus, mas são condenados, inibidos, dirigidos a outras finalidades.

Formações de reação contra certos instintos assumem a forma enganadora de uma mudança em seu conteúdo, como se o egoísmo se tivesse transmutado em altruísmo ou a crueldade em piedade. Essas formações de reação são facilitadas pela circunstância de que alguns impulsos instintuais surgem, quase que desde o início, em pares de opostos – um fenômeno muito marcante, e estranho ao público leigo, denominado ‘ambivalência de sentimento’ (Freud 1915/1996ae, p. 291, grifo do autor).

Nesse contexto das guerras, então, Freud (1915/1996ae) aponta que podemos observar o amor intenso e o ódio intenso coexistirem na mesma pessoa, a psicanálise vem acrescentar que esses dois opostos podem ter como objeto a mesma pessoa.

A concepção da ambivalência para Freud, portanto, traz essa característica de sentimento opostos, desejos opostos, necessidades opostas, coexistindo lado a lado, coabitando o mesmo sujeito, além de poderem ser direcionados ao mesmo objeto. Também é importante ressaltar que esses impulsos são primários, ou seja, existem desde os primórdios do desenvolvimento do sujeito. Essa concepção também pode ser vista em Klein e Winnicott, em diferentes contextos.

1.2- CONCEPÇÕES DE KLEIN E WINNICOTT

Melanie Klein (1996b) é uma autora que, em diversos momentos de sua obra, traz a discussão sobre a ambivalência. Em 1926, ela fala sobre a ambivalência da criança que ora demonstrava preferência pela mãe, ora pelo pai, ora forte identificação com o pai e fixação excessiva na mãe, ora o oposto, durante a elaboração da situação edípica.

Em 1929, Klein (1996b) traz novamente a ambivalência ao tratar da questão da identificação. Explica que podemos perceber que o processo de síntese das identificações fracassou quando notamos a influência excessiva exercida por tipos extremos de imago⁴, a grande quantidade de figuras bondosas em oposição às ameaçadoras ou a rapidez com que os aliados se transformam em inimigos. Klein afirma:

Esse fracasso se manifesta por meio da ambivalência, da tendência de ansiedade, da falta de estabilidade ou da rapidez com que esta é derrubada e da relação deficiente com a realidade que é típica de crianças neuróticas. A necessidade de síntese do

⁴ Laplanche e Pontalis (2000) conceituam imago como “Protótipo inconsciente de personagens que orienta seletivamente a forma como o sujeito apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasísticas com o meio familiar” (pp. 234-235).

superego surge da dificuldade do indivíduo para chegar a um acordo com um superego composto de imago de naturezas tão contraditórias (Klein, 1929/1996b, p. 234).

Klein (1935/1996c) retoma a questão da ambivalência em seu texto *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, dizendo que na primeira fase de desenvolvimento da criança, como já havia descrito anteriormente, os objetos perseguidores e os objetos bons estão muito afastados da mente da criança. Quando eles se aproximam, após ocorrer a introjeção do objeto total com o real, o ego recorre constantemente ao mecanismo da cisão dos imagos, entre as amadas e as odiadas, as boas e as perigosas.

Pode-se dizer que é neste momento que surge a ambivalência, que, na verdade, diz respeito às relações de objeto, isto é, a objetos totais e reais. A ambivalência que foi, então, estabelecida por meio da cisão dos imagos, permite à criança pequena ter mais confiança nos seus objetos reais e, conseqüentemente, nos seus objetos internalizados. Assim, conseguem amá-los mais fortemente, desenvolvendo fantasias de restaurar o objeto amado (Klein, 1935/1996c).

A autora destaca que a relação objetal primária estabelecida por este ego rudimentar se dá, na verdade, com dois objetos: seio bom (ideal) e seio mau (persecutório). As fantasias em torno do objeto ideal estruturam-se a partir das experiências gratificantes de amor e nutrição recebidas pela mãe externa real e são confirmadas por essas experiências, e da projeção da pulsão amorosa de vida. Enquanto a fantasia de perseguição funde-se de modo semelhante com experiências reais de privação, a projeção do ódio da pulsão de morte nesta experiência e sofrimento as quais são atribuídas pelo bebê aos objetos perseguidores.

O bebê não espera da mãe somente o alimento, mas precisa também de amor e compreensão. Nos estágios mais iniciais, amor e compreensão são expressos pela mãe por meio do seu modo de lidar com o bebê e levam a um sentimento inconsciente de unicidade

que se baseia no fato de o inconsciente da mãe e o inconsciente da criança estarem em íntima relação um com o outro. Ao mesmo tempo, a frustração, o desconforto e a dor que são vivenciados como perseguição também entram nos seus sentimentos para com sua mãe, porque nos primeiros meses de vida ela representa para a criança todo o mundo externo. Tanto o que é bom quanto o que é mau vêm à sua mente como provindos dela, o que leva a uma dupla atitude em relação à mãe.

Dessa forma, a mãe representada pelo seio está cindida, sendo ora uma mãe boa que inspira sentimentos positivos, amor, e ora uma mãe má que incita o ódio nesse ser humano cindido. Para a autora, é nesse estágio de desenvolvimento que a unificação entre os objetos externos e internos, amados e odiados, reais e imaginários, se dá, de maneira que cada etapa conduza a uma nova cisão de imagos:

(...) à medida que vai aumentando a adaptação ao mundo externo, essa cisão ocorre em planos que vão se aproximando cada vez mais na realidade. Essa situação se mantém até que o amor pelos objetos reais e internalizados, assim como a confiança neles, estejam bem estabelecidos. Então a ambivalência, que é em parte garantia contra o ódio da própria criança e contra os objetos odiados e aterrorizantes também diminuirá em graus diferentes ao longo do desenvolvimento normal (Klein, 1935/1996c, p. 328).

Em 1940, em *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*, Melanie Klein (1940/1996d) nos mostra que as experiências desagradáveis e a falta de experiências prazerosas, principalmente de contato íntimo e feliz com pessoas amadas, vivenciadas por crianças pequenas, aumentam a ambivalência, diminuem a confiança e a esperança, confirmando, assim, as ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa. Assim, tais experiências podem retardar ou interromper os processos benéficos por meio dos

quais se atinge a segurança interna.

Neste mesmo artigo, Klein (1940/1996d) afirma que a onipotência, a negação e a idealização, intimamente ligadas à ambivalência, podem permitir que o ego primitivo se levante contra seus perseguidores internos e contra uma dependência submissa e perigosa em relação aos objetos amados, o que pode trazer novos avanços em seu desenvolvimento.

A autora também enfatiza que a ambivalência não é uma condição estática, já que a polaridade do amor e do ódio permanece constante. São as relações entre ambos que se modificam. As etapas de unificação descritas pela autora neste texto demonstram a atenuação do ódio pela ação do amor e, portanto, um processo geral de integrações.

Em seu artigo intitulado *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas*, Klein (1945/1996e) traz exemplos de estudo de caso que muito exemplifica o que discutiu sobre ambivalência até aqui. Dentre os casos estudados, destaco dois: Richard e Rita.

No caso de Richard, que ilustra o desenvolvimento edipiano do menino, Klein demonstra que a cisão inicial da figura materna em uma “mãe-seio” boa e outra má, era muito forte e servia como uma maneira de lidar com a ambivalência.

Já no caso de Rita, que ilustra o desenvolvimento edipiano na menina, vemos que a relação de Rita com sua mãe era dominada por duas grandes e ambivalentes fontes de ansiedade: o medo persecutório e a ansiedade depressiva. Em um aspecto a mãe representava uma figura aterrorizante e retaliadora, já em outro, era o objeto bom e amado, indispensável para Rita, que neste momento, via sua agressividade como um perigo para essa mãe que amava tanto (Klein, 1945/1996e).

Klein (1957/1991b) nos mostra a angústia gerada no recém-nascido pela polaridade inata das pulsões (de vida e de morte). Ela acredita que desde o nascimento já existe um ego

rudimentar, mas suficiente para experimentar angústia, utilizar mecanismos de defesa e formar relações de objeto primitivas na fantasia e na realidade. Não que este ego seja integrado, mas ele consegue reagir sob o impacto de uma angústia, por meio de mecanismos de projeção e de transformação de parte desta angústia em agressividade.

Mesmo que Klein estabeleça que a posição esquizoparanóide esteja presente de zero a seis meses e a posição depressiva a partir de seis meses, a passagem de uma posição para outra nunca é totalmente atingida pelo sujeito, podendo haver oscilações entre posições de acordo com o tipo de conflito deflagrado e o tipo de defesa estabelecida. Sendo assim, em qualquer etapa da vida, é possível voltar à posição esquizoparanóide para escapar à dor.

A posição esquizoparanóide se caracteriza pela prevalência da divisão ou cisão (splitting) do ego do objeto bom que é idealizado e introjetado, e o objeto mau que é sentido como perseguidor e deve ser projetado. A angústia que, para Klein (1957/1991b), é provocada pela polaridade inata dos instintos de vida e de morte, é de natureza paranóide, tendo em vista que o bebê projeta para fora sua agressividade e a mesma retorna sob a forma de perseguição estabelecendo o seio mau. A divisão do ego e de seus objetos é considerada esquizóide.

Para a autora, a neurose infantil se constitui na articulação entre estas duas posições e de sua elaboração dependerá a qualidade psíquica do indivíduo. A posição depressiva nunca é totalmente elaborada, a neurose infantil nunca é totalmente resolvida e um núcleo psicótico sempre permanece em nós.

Como já foi dito, para Klein (1958/1991c), existe um protótipo de ego que opera desde o nascimento, além das funções acima mencionadas, tem a importante tarefa de defender-se contra a ansiedade suscitada pela luta interna e por influências internas. Ele inicia uma série de processos tais como as introjeção e a projeção. A introjeção e a projeção

funcionam desde o início da vida pós-natal como algumas das primeiras atividades do ego, o qual opera desde o nascimento. A introjeção significa que o mundo externo, seu impacto, as situações que o bebê atravessa e os objetos que ele encontra não são vivenciados apenas como externos, mas são levados para dentro do ego, vindo a fazer parte de sua vida interior. A projeção, que ocorre simultaneamente, implica que ha uma capacidade na criança de atribuir a outras pessoas a sua volta sentimentos de diversos tipos, predominantemente o amor e o ódio.

Klein (1958/1991c) afirma que a introjeção do seio nutridor da mãe assenta os alicerces para todos os processos de internalização. Os processos primários de introjeção e projeção levam a constantes mudanças na relação do ego com seus objetos, com flutuações entre objetos internos e externos, bons e maus, segundo as fantasias do bebê e segundo o impacto de suas experiências reais.

A mãe em seus bons aspectos é o primeiro objeto bom que o bebê torna parte de seu mundo interno. A possibilidade de o bom objeto vir a ser parte relevante do ego depende de não serem demasiado intensos a ansiedade persecutória e o ressentimento consequente. Se a mãe é assimilada ao mundo interno da criança como um objeto bom do qual esta pode depender, um elemento de força é agregado ao ego.

O ego em grande parte desenvolve-se em torno desse objeto bom e a identificação com as características boas da mãe torna-se a base para identificações benéficas ulteriores. Uma forte identificação com a mãe torna fácil para a criança identificar-se com um pai bom e com outras figuras amistosas. Como resultado, seu mundo interno vem a conter predominantemente objetos e sentimentos bons, e o bebê sente que esses objetos respondem ao seu amor. Tudo isso contribui para uma personalidade estável e torna possível estender compreensão e sentimentos amistosos a outras pessoas. A partir daí sentimentos bons podem

ser projetados em objetos externos.

A sobrecarga de introjeção ameaça a força do ego porque este fica completamente dominado pelo objeto introjetado. Se a projeção é predominantemente hostil, ficam prejudicadas a empatia verdadeira e a capacidade de compreender os outros. Se o interjogo entre introjeção e projeção não for dominado por hostilidade ou dependência excessiva e for bem equilibrado, o mundo interno se torna enriquecido e melhoram as relações com o mundo externo.

A ansiedade persecutória reforça a necessidade de manter o objeto amado separado do objeto perigoso e a necessidade de cindir o amor do ódio. Pois a autopreservação do bebê depende da sua confiança em uma mãe boa. Por meio da cisão de dois aspectos e de agarrar-se ao bom, ele preserva sua crença em um objeto bom e em sua capacidade de amá-lo, sendo esta uma condição essencial para manter-se vivo.

Por meio da projeção de si mesmo (ou de parte dos próprios impulsos e sentimentos para dentro de outra pessoa), ocorre uma identificação com esta, embora diferente da advinda da introjeção. Pois, se um objeto é tomado para dentro do self (introjetado), a ênfase recai sobre a aquisição de algumas das características deste objeto e em ser influenciado por elas.

Por outro lado, quando se coloca parte de si mesmo dentro de outra pessoa (projetar), a identificação se baseia na atribuição a essa outra pessoa de algumas das próprias qualidades. Por meio da atribuição de parte de nossos sentimentos a outra pessoa, compreendemos seus sentimentos, suas necessidades e satisfações. Se o interjogo entre introjeção e projeção não for dominado por hostilidade ou dependência excessiva e for bem equilibrado, o mundo interno se torna enriquecido e melhoram as relações com o mundo externo (Klein, 1958/1991c).

Susemihl (2013) afirma que Klein descreve neste mecanismo uma fantasia em que o

bebê acredita onipotentemente que ele pode se livrar desse seu sentimento de mal-estar colocando-o na mãe. De fato, ele provoca na mãe esse sentimento e se identifica. Trata-se da identificação projetiva, que é sempre um empobrecimento e um esvaziamento para o ego do indivíduo, sendo que seu uso contínuo impede o desenvolvimento psíquico.

Segundo Klein (1955/1991a) os objetos primários que foram internalizados formam a base de complexos processos de identificação. E a autora reconhece a grande importância para a identificação de certos mecanismos projetivos que são complementares aos introjetivos. Para ela a identificação projetiva está ligada a processos de desenvolvimento surgidos durante os três ou quatro primeiros meses de vida, quando a cisão está em auge e temos o predomínio da ansiedade persecutória. A identificação por projeção implica uma combinação de excisão de partes do ego e da projeção dessas em outra pessoa. Esses processos têm muitas ramificações e influenciam fundamentalmente as relações de objeto.

Em 1963 no artigo *Sobre o sentimento de solidão*, Klein (1963/1991d, pp. 341-342) afirma que “A integração plena e permanente não é possível jamais pois alguma polaridade entre os instintos de vida e morte sempre persiste e permanece sendo a fonte mais profunda do conflito”. Ela relata que embora acreditasse em um processo pelo qual se pode estabelecer a predominância do amor sobre o ódio, uma integração plena jamais será possível. No curso do desenvolvimento normal é alcançado um relativo equilíbrio entre o amor e o ódio e diversos aspectos dos objetos chegam a ficar mais unificados. Porém, as experiências mais específicas podem perturbar o equilíbrio e intensificar o conflito entre amor e ódio, aumentando o ódio e provocando assim um enorme sentimento de culpa e muita angústia, com as defesas próprias de cada condição.

Além de Klein, gostaríamos de destacar alguns pontos importantes da teoria de Winnicott que contrinuem nessa discussão da temática da ambivalência na psicanálise. Para

Winnicott (1947/2000a), a ambivalência instaurada na mente do menino no período edípico, quando ele está apaixonado pela “esposa do pai”, revela o ódio em relação ao pai, aquele a quem também ama. Este doloroso processo poderá vir a ser bem sucedido, segue Winnicott, se for percorrido sobre a base de uma relação bem estabelecida com os pais, firme o suficiente para que o drama se desenrole sem que os protagonistas tenham receio quanto ao valor daquelas relações para todos os envolvidos.

O pai, agora visto pela criança como pessoa total, poderá estabelecer o obstáculo que redundará na castração simbólica, o que é um resultado melhor do que o duelo de vida e morte, fantasiado pela criança neste estado. Nesta circunstância, diz Winnicott (1947/2000a), o Complexo de Édipo representa um ganho em saúde.

Winnicott (1947/2000a) também fala da ambivalência ao discorrer sobre a importância dos pais nos primeiros meses de vida. Esta ambivalência dos pais em relação aos filhos nessa fase, quando há uma hostilidade inconsciente, e a criança sofre no momento e, principalmente, aos três ou quatro anos, quando as grandes ansiedades levam à revivência das situações precoces. Revela, assim, um deslocamento dos conflitos em períodos muito precoces do desenvolvimento, demonstrando que os conflitos relativos ao complexo de Édipo poderiam ser mais bem compreendidos se levássemos em conta as experiências dos primeiros meses de vida.

No trabalho *A capacidade para estar só*, Winnicott (1958/1983) descreve a cena primária e deixa evidente que a experiência do triângulo edípico, na criança sadia, é mais uma fonte que aproveita a sua força potencial para o amadurecimento do que uma vivência trágica. Diz ele:

Pode-se afirmar que a capacidade individual de ficar só depende de sua capacidade de lidar com os sentimentos gerados pela cena primária. Na cena primária uma relação

excitante entre os pais, é percebida ou imaginada, e isso é aceito pela criança sadia e que é capaz de lidar com a raiva e aproveitá-la para a masturbação. Na masturbação a responsabilidade inteira pela fantasia consciente e inconsciente é aceita pela criança, que é a terceira pessoa numa relação triádica ou triangular. Tornar-se capaz de estar só, nesta circunstância, significa a maturidade do desenvolvimento erótico, a potência genital ou a aceitação correspondente na mulher; significa fusão de impulsos e ideias agressivas e eróticas, e a tolerância da ambivalência; junto com tudo isso estará naturalmente a capacidade, por parte do indivíduo, de se identificar com cada um de seus pais (Winnicott, 1958/1983, p. 33).

É possível, ainda, situar a teoria da ambivalência de Klein e Winnicott na posição do analista. Como sabemos, o tratamento analítico tem como uma de suas estruturais ferramentas de trabalho a transferência. Sendo assim, em diversos momentos o analista pode representar a figura materna, e despertar esse amor e esse ódio tão característicos da posição esquizoparanóide de Klein.

Winnicott (1947/2000a) diz que o paciente reconhece no analista apenas o que ele mesmo é capaz de sentir. Para o autor, se for inevitável que ao analista sejam atribuídos sentimentos brutais, é melhor que ele esteja consciente e prevenido, pois lhe será necessário tolerar este lugar. Ele não deve negar o ódio que existe dentro de si, mas este deve ser percebido claramente e mantido num à parte para ser utilizado em uma futura interpretação. Sendo assim todo o sentimento hostil que é projetado na figura do analista precisa ser aproveitado por ele em algum momento na análise.

Os sentimentos hostis também devem ser aceitos e recebidos pelo analista. Graças à identificação projetiva em muitos momentos o analista se vê em uma posição como essa. E fazendo um bom uso de tais sentimentos por meio da transferência é possível avançar na

análise.

O analista deve estar preparado para suportar a tensão sem esperar que o paciente saiba sobre o que está fazendo. Para consegui-lo ele deve ter facilidade em dar-se conta de seu medo e ódio. Ele encontra-se na mesma posição da mãe de um bebê recém-nascido ou ainda não nascido. Posteriormente, ele poderá contar ao paciente por quais coisas ele passou com o objetivo de ajudá-lo, mas nem sempre as análises conseguem chegar a esse ponto, de acordo com Winnicott (1947/2000a).

1.3- AUTORES PSICANÁLITICOS ATUAIS: CONTRIBUIÇÕES

André Green (1988), em seu artigo *A mãe morta*, afirma que a ambivalência é um traço fundamental dos investimentos depressivos. A mãe morta, ao contrário do que se possa crer, “é uma mãe que permanece viva, mas que está por assim dizer morta psiquicamente aos olhos da pequena criança de quem ela cuida” (Green, 1980/1988, p. 247). Mesmo que a mãe seja presente, ela é sentida como ausente para esta criança, que acaba marcada pela falta que se estabelece.

Ao relacionar ambivalência com sua teoria sobre o complexo da mãe morta, nos mostra que é importante compreender bem que a capacidade de amar nessas pessoas só decorre da ambivalência e, portanto, da sobrecarga de ódio, na medida em que o que vem primeiro é o amor gelado pelo desinvestimento.

Para o autor, o ódio recalçado é o resultado de uma desintração pulsional, sendo que todo desligamento enfraquece o investimento libidinal erótico liberando, em consequência, os investimentos destrutivos. Na impossibilidade de poder deslocar seu investimento para outro objeto, um objeto substituto, o sujeito crê ter conduzido os investimentos para o seu Eu, mas

não sabe que alienou seu amor pelo objeto caído no esquecimento do recalçamento primário.

Conscientemente, pensa que sua reserva de amor está intacta, disponível para outro amor quando for a ocasião. Declara-se pronto para investir em um novo objeto se este se mostrar amável e se puder se sentir amado por ele. “O objeto primário, supõe o sujeito, não conta mais para ele. De fato, vai encontrar a incapacidade de amar, não apenas por causa da ambivalência, mas porque seu amor continua tão hipotecado à mãe morta” (Green, 1980/1988, pp. 262-263).

Outro autor que aborda esta temática é Garcia-Roza (1986). Ele sugere que entendamos a pulsão como pura potência, dispersa e indeterminada. A determinação para o indeterminado das pulsões viria, não de sua fonte corporal (o corpo pulsional), mas do aparato psíquico que, ao capturá-la, lhe dá uma direção. Assim, o sexual seria a forma ou a determinação que uma pulsão recebe, não o seu atributo.

Para Garcia-Roza (1986), o mesmo vale para cada pulsão parcial. Diferenciar pulsão oral da anal, etc., seria indicar a variedade das fontes pulsionais e não fixar uma diferença qualitativa entre elas. Desta forma, em si mesma, toda pulsão é uma potência dispersa sem determinação intrínseca. A determinação é dada na apreensão, ou se preferirmos, na inscrição desta força no psiquismo.

O autor propõe, portanto, que o dualismo seja pensado como um dualismo de modos da pulsão, não de natureza. As diferenças qualitativas entre as pulsões viriam de seus modos de presentificação no psiquismo e não de uma diferença ontológica entre elas. De um lado, o aparato psíquico que ordena e organiza, do outro, o caos pulsional.

Desta forma, podemos verificar que as pulsões não são todas iguais, elas produzem efeitos diversos, tanto em um mesmo indivíduo, quanto de um indivíduo para outro. Efeitos que se devem não apenas à rede de fantasias que a pulsão alimenta e na qual ela se

inscreve, mas também a uma variação quantitativa das próprias pulsões.

Percebemos, assim, a profunda implicação da teoria das pulsões (uma teoria fundamental) com o horizonte ético da psicanálise. Por um lado, por meio da separação das pulsões e do instinto, e, por outro lado, a partir da divisão da pulsão em duas formas básicas (situando as pulsões sexuais e de autoconservação no interior da pulsão de vida), teremos Eros e Tanatos, não tanto como duas forças vitais governando o homem, mas como dois princípios que estruturam o homem: um princípio conjuntivo e um princípio disjuntivo.

Françoise Dolto (1984/2004), assim como Freud, pensa que as pulsões que visam a realização de desejo são de vida e de morte. A autora revela que as pulsões de vida são sempre ligadas a uma representação e podem ser ativas ou passivas. Já as pulsões de morte, não têm nunca representações nem ativas nem passivas, são vividas em uma falta de ideação, prevalecem durante o sono profundo e não implicam em desejo de morrer, mas de repousar.

Mezan (1990) afirma que a descoberta da pulsão de morte por Freud, diferentemente do que explicam diversas teorias, não é uma expressão de seu pessimismo e nem devido a fator ocorrido na época, como a queda da monarquia dos Habsburgo, o fim do Império Austro-Húngaro ou a morte de sua filha Sophie. O que é descoberto pelo tema pulsão de morte, segundo o autor (p. 441), “é uma qualidade específica que define a pulsão como tal, a saber, sua tendência agressiva. Eis por que são os fenômenos de repetição que, em última análise, o conduzem a postular um ‘além do princípio do prazer’”.

Neste processo de descobertas sobre a pulsão, Mezan (1990) mostra em Freud que se toda pulsão visa restaurar o estado de inquietude, sendo a quietude do inorgânico perturbada pela irrupção da vida, o retorno à quietude seria um retorno à não vida. Assim, a pulsão seria um esforço para atingir a morte. Torna-se necessário, então, a introdução de uma tendência de conservação da vida (Eros) em oposição à tendência regressiva (Tanatos). Neste jogo de

atração e repulsão, a dualidade pulsão de vida/pulsão de morte se mostra como o fundamento da vida pulsional do ser humano. Afirma:

Sob a forma da sexualidade e das tendências de autoconservação, a quase totalidade da vida anímica pode ser considerada como fruto das vicissitudes das pulsões de vida. Na concepção freudiana, estas correspondem tanto à preservação do organismo individual como à união do simples no múltiplo; a estas duas funções e expressões de Eros correspondem as duas noções de libido narcísica e libido objetal (Mezan, 1990, p. 450).

Mezan (1990, p. 450) completa que as pulsões de morte, semelhante às de vida, têm por finalidade “a destruição de si (no sentido estrito) e a destruição do que se apresenta como exterior ao indivíduo (surgindo então como agressividade)”. Desta forma, conservação e destruição de si mostram uma formação de dois pares de correlatos que desenham a dialética *Eros* e *Tanatos*. Dialética que se define por tender ao mesmo tempo à conservação e à ampliação das unidades que opera, podendo cada uma das finalidades se opor à outra:

(...) cada movimento de Eros induz uma resistência interna dos elementos postos em movimento, resistência que se deve simplesmente ao caráter contraditório da exigência de coesão que lhe é inerente. Nesta brecha, penetram as pulsões de morte, pois a resistência à coesão pode ser também interpretada como tendência à desagregação (Mezan 1990, p. 452).

Mezan (1990, p. 452) finaliza sua discussão sobre *Eros* e *Tanatos* afirmando que “esta dupla face do movimento pulsional encontra uma expressão adequada na noção de ambivalência”. Assim, ressalta o autor, Freud não deixa de demonstrar que mesmo nas relações mais intensas entre os seres humanos, no amor, nos interesses grupais, profissionais ou nacionais, o resíduo de hostilidade está sempre impregnado, demonstrando essa

ambivalência.

A ambivalência faz parte do desejo, ela existe em cada um de nós inscrita na própria estrutura inconsciente e na linguagem. É um sentimento da esfera do inconsciente. Por mais que possamos, conscientemente, nos deparar com uma situação que nos faça optar entre um caminho e outro, o sentimento de ambivalência é anterior, ou é interligado, pois o que nos leva a senti-lo é algo reprimido, envolto de fantasias.

Pontalis (2005) traz a ambivalência ao tratar do espaço transicional, de Winnicott, no qual ocorre um jogo que instaura entre o fora e o dentro, um espaço virtual. Neste espaço o sonho se tornaria um objeto transicional, objeto que oscila entre o eu e o não eu.

Essa distinção entre sono e sonho está certamente presente em Freud e é utilizada por ele, mas não chega a definir como oposição (...) A meu ver, é também a isso que conduz o trabalho de Lewin, uma vez reconhecido o equivoco que ele comporta e que decorre da própria ambiguidade da experiência de satisfação – ao mesmo tempo saciedade oral, apaziguamento de uma fome-sede, mas sede também de reencontrar, não tanto o estado de apaziguamento da necessidade, mas o conjunto do processo. É esse processo que contém o tempo todo angústia e excitação, que o sonhador busca, ao passo que o sono se satisfaz com a resolução da tensão (Pontalis, 2005, pp. 49-50).

Nesse sentido, Pontalis (2005) nos mostra o sonho como primariamente ambivalente, já que o sonho se mostraria como um espelho para o inconsciente. Um espelho que reflete uma imagem que em um primeiro momento provocaria ansiedade, mas que logo seria sufocada pelo súbito controle.

É essa semelhança-dessemelhança que levaria o analista – mais prudente em seus tratamentos, pois está envolvido de uma maneira que não é nem a de leitor nem a de vidente – a desconhecer o que por outro lado sabe: que um sonho é estruturado como

um sintoma e que, quanto mais ele se dá a ver, mais é mal entendido (Pontalis, 2005, p. 59).

Exatamente por conta da ambivalência provocada por ele. Assim como Freud (1900[1899]/1996b) em *A Interpretação dos Sonhos*: “Pensamentos contraditórios não só não tendem a se destruir como se justapõem, se condensam como se não houvesse entre eles nenhuma contradição, formam compromissos que jamais admitiríamos em nosso pensamento normal”.

Ha uma importante citação de Breton (1929) feita por Pontalis (2005):

Tudo leva a crer que existe certo ponto da mente de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o alto e o baixo, cessam de ser percebidos como contradições (Breton, 1929 conforme citado por Pontalis, 2005, p. 66).

Diferentemente do contexto de ambivalência como sendo sentimentos misturados, o proposto pela psicanálise, como vimos anteriormente, é o de que sentimentos e impulsos contraditórios coexistem. O positivo e o negativo, desta forma, situam-se lado a lado e permanecem em oposição. É exatamente essa ideia de “busca de um lugar onde as antinomias sejam abolidas”, como diz Pontalis (2005), que estamos falando.

CAPITULO 2 - OUTRAS TEMÁTICAS PSICANALÍTICAS

*Mas – de repente – eu temi?
A meio, a medo, acordava, e daquele estro estrambótico.
O que: aquilo nunca parava, não tinha começo nem fim?
Não havia tempo decorrido.
E como ajuizado terminar, então?
Precisava.
E fiz força, comigo, para me soltar do encantamento.
Não podia, não me conseguia – para fora do ocorrido,
continuo, do incessar.
Sempre batiam, um ror, novas palmas.
Entendi.
Cada um de nós se esquecera de seu mesmo, e estávamos
transvivendo, sobrecrentes, disto: que era o verdadeiro viver?
E era bom demais, bonito – o milmaravilhoso – a gente voava,
num amor, nas palavras: no que se ouvia dos outros e no nosso
próprio falar.
E como terminar?
Então, querendo e não querendo, e não podendo, senti: que –
só de um jeito.
Só uma maneira de interromper, só a maneira de sair – do fio,
do rio, da roda, do representar sem fim.*

*Guimarães Rosa
(1969/2001c, Pirlimpsiquice, p. 96)*

2.1- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TÉCNICA PSICANALÍTICA

Após abordar a temática da ambivalência, julgamos pertinente abordar outras temáticas psicanalíticas que são importantes para análise dos contos de Rosa, dentre elas, tecer algumas considerações a respeito da técnica psicanalítica.

Segundo Freud (1913[1912]/1996i, p. 169) “A psicanálise é um procedimento médico que visa à cura de certas formas de doenças nervosas (as neuroses) por meio de uma técnica psicológica”. Posteriormente a noção de cura se afasta da psicanálise, já que este não é o objetivo do trabalho.

Encontramos também a definição de psicanálise como sendo um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, ações, produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Esse método baseia-se principalmente nas associações livres, que são a garantia da validade da interpretação. É um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo.

Nos *Estudos sobre a Histeria*, Freud (1895[1893]/1996a) revela seus trabalhos com hipnose, a eletroterapia e a massagem. Sendo que posteriormente utiliza um procedimento intermediário entre o método de Bleuler e a psicanálise propriamente dita, e que consiste em pressionar o paciente para a recordação; o método da coerção associativa.

Em *Sobre psicoterapia* (1905[1904]/1996d), Freud estabelece uma diferenciação entre a psicanálise e as outras formas de psicoterapia existentes até o momento. A persuasão, a sugestão e outros métodos acrescentam algo para modificar a imagem da personalidade. Enquanto a psicanálise retira o que está demais para que surja a personalidade que está adormecida.

A coerção associativa confirma que as coisas vão sendo esquecidas, porque de alguma forma lembrá-las é algo doloroso e desagradável; e esse mesmo processo de esquecimento se produzia frente ao tratamento. Assim, Freud descobre que a força que condiciona o esquecimento de fatos que são dolorosos e desagradáveis é a mesma força que os mantém esquecidos em lugar de serem recordados. Esta força é chamada de resistência.

A questão da resistência é desenvolvida em artigos como *O mecanismo psíquico do esquecimento* de 1898 (1996ah) e *Lembranças encobridoras* de 1899 (1996ai). Neles Freud aborda a resistência como conflito entre o desejo de recordar e o de esquecer. Como acontece dessa forma, não se justifica mais a utilização da coerção, que sempre irá esbarrar com a resistência, melhor é deixar que o paciente fale livremente. Esta nova teoria da resistência leva à descoberta da nova técnica, a associação livre, que é a regra fundamental da psicanálise.

Na primeira década do século XIX, a teoria da resistência se amplia em dois sentidos: descobre-se o inconsciente com suas leis e surge a teoria da transferência. A imediata repercussão da teoria da transferência sobre a técnica é uma reformulação da relação analítica, sendo definida em termos precisos e rigorosos. O analista não deve se envolver nas redes da transferência, por isso quando Freud estudou o amor de transferência, fala que a análise deve se desenvolver em abstinência.

Uma questão fundamental ao abordar a questão da técnica, é a interpretação. Por meio da interpretação o analista consegue ter uma visão mais clara do conflito vivenciado pelo paciente. Busca-se o desejo produzido a nível inconsciente. O analista possibilita ao paciente ter acesso a esse conteúdo latente, por meio das regras determinadas pela direção e evolução do tratamento.

A interpretação está presente desde a origem da psicanálise, embora no início ainda

não fosse o modo principal de ação terapêutica, passando a ser mais utilizada a partir da relevância dada por Freud à interpretação dos sonhos de seus pacientes.

Para Etchegoyen (1987), a interpretação só pode referir-se ao próprio paciente e não às pessoas que com ele convivem. Já que nem metodologicamente, nem eticamente, nós podemos saber o que o outro faz. Nós só sabemos aquilo que nos diz nosso paciente. Sendo que esta posição não muda em absoluto, mesmo que o analista possa ter acesso à realidade exterior, pois esta realidade não é pertinente, a única coisa pertinente é o que provém do analisando. A interpretação deve ser também desinteressada, caso contrário acabamos por suggestionar, persuadir ou manipular, e não interpretar.

Sobre a interpretação dos sonhos, Freud (1913/1996ab) vai dizer: “Ha uma concordância geral no sentido de que a interpretação de sonhos é a pedra fundamental da obra psicanalítica e que suas descobertas constituem a mais importante contribuição da psicanálise à psicologia” (p. 173).

Freud (1913/1996ab) valorizava o conteúdo do sonho e acentuava a inserção do simbolismo da pessoa. A interpretação, para ele, destaca, a partir do relato feito pelo sonhante (conteúdo manifesto), o sentido do sonho tal qual ele se formula no conteúdo latente a que conduzem as associações livres. O objetivo desta interpretação é o desejo inconsciente e a fantasia em que ele toma corpo.

A psicanálise eleva a condição dos sonhos à de atos psíquicos possuidores de sentido e intenção e com um lugar na vida mental do indivíduo, apesar de sua estranheza, incoerência e absurdo. Segundo este ponto de vista, os estímulos somáticos simplesmente desempenham o papel de material que é elaborado no decurso da construção do sonho (Freud, 1913/1996ab, p. 172).

Por isso os sonhos são realizações de desejo. São também, em sua grande maioria,

impressões deixadas por acontecimentos infantis. Por meio dos sonhos, os desejos estão livres da censura, e podem se expressar mais profundamente. Quando examinamos a estrutura de um sonho percebemos que a causa do desejo que está a atuar na sua produção, misturou o material de que são construídos, alterou sua ordem e assim construiu um novo conjunto.

O sonho, tal como o recordamos depois de acordar, é descrito por nós por meio de seu ‘conteúdo manifesto’. No processo de interpretação deste, somos conduzidos aos ‘pensamentos oníricos latentes’, que jazem ocultos por trás do conteúdo manifesto, e são por este representados. Estes pensamentos oníricos latentes já não são estranhos, incoerentes ou absurdos, são constituintes completamente válidos de nosso pensamento quando despertos. Damos o nome de ‘elaboração onírica’ ao processo que transforma os pensamentos oníricos latentes no conteúdo manifesto do sonho; é essa elaboração a responsável pela deformação que torna os pensamentos oníricos irreconhecíveis no conteúdo manifesto do sonho (Freud, 1913/1996ab, pp. 173- 174).

Em *Sobre a psicanálise*, Freud (1813 [1911]/1996aj) aborda a temática da associação livre como técnica que vem substituir a hipnose e ampliar a questão da interpretação a um número maior de casos de histeria. Ele utilizou a associação livre na sua autoanálise e na análise de seus sonhos. A regra da associação livre visa em primeiro lugar eliminar a seleção voluntária dos pensamentos, que são grandemente influenciados pelas defesas inconscientes. Mesmo quando é dado algum ponto de partida, a associação livre se dá pelo desenrolar das associações e não é orientado pelo analista e sim controlado por uma intenção seletiva.

Na psicanálise infantil, por exemplo, em Klein, também encontramos a mesma temática, apesar de outras técnicas serem utilizadas, como o lúdico. Para Bleichmar e Bleichmar (1992), Klein começou trabalhando em análise com crianças e iniciou uma prática original ao introduzir a técnica do jogo infantil, para ter acesso aos conflitos e fantasias, de

uma maneira mais direta e fácil do que a comunicação verbal. Sendo assim se nos adultos a técnica verbal, ou seja, a associação livre era amplamente utilizada. Nas crianças o jogo infantil apresentava maiores resultados. Os pequenos pacientes devem, de acordo com ela, ser analisados do mesmo modo que os adultos, explorando os conflitos inconscientes e abstendo-se de qualquer medida reeducativa ou de apoio.

Segundo ela, o brincar no tratamento de criança tem o mesmo efeito de alívio que a fala no tratamento de adulto. Thomas (1995) revela que, para Klein, a principal diferença entre a análise de crianças e a análise de adultos, são os meios de expressão, já que a situação analítica se mantém idêntica.

Se os meios de expressão das crianças diferem dos adultos, também a situação analítica é diferente com uns e com outros. Mas ela se mantém, nos dois casos, essencialmente idêntica. As interpretações consequentes, a redução progressiva das resistências e o remontar da transferência a situações mais antigas constituem, tanto nas crianças quanto nos adultos, a situação analítica tal como deve ser (Klein, 1937, citado por Thomas, 1995, p. 142).

Não existe associação verbal nas crianças, não porque elas sejam incapazes de falar ou não queiram associar, ou mesmo porque lhes falem a capacidade de traduzir seus pensamentos em palavras. Mas sim, porque a angústia opõe uma resistência às associações verbais (Thomas, 1995).

O aparelho psíquico da criança pequena tem um alto nível de tensão: a angústia muito presente, muito intensa, não pode ser administrada pela aparelhagem do eu, o princípio do prazer, as representações só avançam por essa opacidade deslocando-se passo a passo, palavra por palavra. Associação das representações, isto é, a condensação, é difícil por causa dessa angústia, e só se realiza num modo de

expressão particular: o brincar, que tem o mesmo estatuto simbólico do sonho (Thomas, 1995, p. 143).

Outro ponto importante a destacar em relação à técnica é a questão da transferência. Ao empregarmos a técnica psicanalítica no paciente, acontecerão movimentos com os sentimentos das duas pessoas envolvidas na relação, o analista e o paciente. Os movimentos destes sentimentos estão ligados à transferência. A transferência pode ser compreendida como sendo a atualização dos desejos inconscientes sobre determinado objeto no quadro de certo tipo de relação que está sendo desenvolvida. Dessa forma, ela não acontece única e exclusivamente na situação analítica, mas todo o tempo e em diversas relações.

A partir do momento que o paciente passa a transferir seu conteúdo inconsciente à pessoa do analista, este investimento libidinal provoca uma reação também inconsciente no analista chamado de contratransferência. A contratransferência quando não bem administrada pelo analista pode ser prejudicial e até mesmo paralisar o processo analítico.

Freud (1900[1899]/1996b) emprega a palavra transferência para o estudo do processo de elaboração onírica. O desejo inconsciente não poderia chegar nunca à consciência, nem burlar os efeitos da censura, senão inscrever sua carga em um resto diurno pré-consciente. A esse processo mental, Freud também chama de transferência. Ainda que Freud não diga em nenhum momento que emprega a mesma palavra porque o fenômeno é o mesmo, muitos autores dão por certa a identidade conceitual.

Para ele, a transferência é um fenômeno inevitável do tratamento analítico. Isto é um recurso utilizado pelo paciente a fim de que o conteúdo inconsciente esteja protegido. Sendo que, somente após a resolução desta, o paciente entra em contato conscientemente com este material. Somente no tratamento analítico a transferência e estes processos psíquicos serão descobertos pelo paciente com a ajuda do analista.

Freud (1900[1899]/1996b) nos mostra que a transferência acaba funcionando como uma forma de resistência, dificultando ao analista e ao paciente o acesso aos conteúdos protegidos no inconsciente. Também atua como um fenômeno que vem a satisfazer a resistência. O autor vai dizer que transferir é uma forma de evitar a lembrança. E que a transferência é o que condiciona a resistência mais forte, já que o mais difícil é reconhecer algo que está presente no momento.

A transferência ajuda ou atrapalha no processo de análise? Etchegoyen (1987) buscou esclarecer essa questão ao falar da atemporalidade da transferência e do inconsciente. Já que a análise trata ao mesmo tempo do presente e do passado, ao se resolver a transferência, se resolve também o “passado”. E justamente por isso a transferência é o instrumento por meio do qual o analista conduz o cliente até a origem de seus traumas, suas angústias e seus medos.

A transferência é ao mesmo tempo o passado e o presente: quando se resolve a transferência se soluciona as duas coisas, não uma. O inconsciente é atemporal e a cura consiste em lhe dar temporalidade, isto é, redefinir um passado e um presente. Neste sentido quando tem bom êxito, a análise resolve dialeticamente o tempo de Heidegger. Lembrança, transferência e história são, na realidade, inseparáveis. O analista deve fazer que o passado e o presente se unam na mente do analisando superando as repressões e dissociações que tratam de separá-los (Etchegoyen, 1987, p. 60).

Freud (1905[1904]/1996d) diz que a transferência, que estava destinada a ser o maior obstáculo para a Psicanálise, acaba se convertendo em seu auxiliar mais poderoso, quando detectamos e conseguimos traduzi-la para o paciente.

Sobre a questão da transferência nas crianças, Klein (1957/1991b) vai falar de transferência latente. O paciente repete com o analista a estrutura de seus vínculos de objeto,

angústias e defesas, e isso contribui, inexoravelmente, o que transfere para a sessão e para a pessoa do analista, embora não saiba que o está fazendo e não tenha associações concretas com a pessoa do analista. Isto marca uma linha técnica muito importante na escola kleiniana. A sessão é vista como uma situação total: as associações, sonhos, lapsos, etc. são entendidos no contexto da sessão e, particularmente, em seu significado com a figura do analista, como representante de algum objeto interno do paciente. Sobre a posição de Klein:

Klein diz que as interpretações devem explicar tanto as relações de objetos precoces, que se reatualizam e evoluem na transferência, como as fantasias inconscientes que o paciente tem em sua vida atual. Deve-se interpretar, simultaneamente, o que ocorre no presente e o que aconteceu no passado. (Klein, 1952, citado por Bleichmar & Bleichmar, 1992, pp. 113 - 114).

Para Klein (1952, citado por Bleichmar & Bleichmar, 1992), o paciente adulto repete, na relação transferencial, as experiências vividas em seus primeiros vínculos objetivos. O que vai se repetir é a estrutura da posição esquizoparanóide ou depressiva, as emoções, as angústias e defesas que foram sentidas em relação ao seio da mãe. A análise faz com que se exteriorizem os vínculos, na relação com o analista, fazendo assim com que os conflitos se modifiquem.

Ressaltamos, ainda, a importância da escuta no trabalho de análise. Bollas (2012) traz esta articulação entre a escuta psicanalítica e a interpretação, ao citar Freud (1913) “enquanto escuto os pacientes, eu também me entrego à corrente dos meus pensamentos inconscientes” e Freud (1912) “Ele deve simplesmente escutar e não se preocupar se está lembrando de alguma coisa”. E complementa que ao solicitarmos que o paciente adote um espaço de repouso e fale o que pense sem crítica (associação livre), Freud retorna o paciente e à si mesmo à forma mais primitiva de relacionamento.

Bollas (2012) também afirma que demanda tempo para que os analistas envolvidos em uma escuta seletiva consigam interpretar as associações livres dos pacientes, já que involuntariamente a repressão pode bloquear a mente de ambos os participantes, eliminando a percepção inconsciente, a organização inconsciente e a comunicação inconsciente da teoria psicanalítica. Torna-se relevante, então, retomar à compreensão original de Freud sobre o inconsciente, em que o analista em atenção livremente flutuante consegue ler as comunicações livres do analisando por meio da capacidade perceptiva de descobrir padrões na fala, a lógica do sujeito.

Outra temática importante para ser tratada nessa tese, é a constituição psíquica. Desde o princípio tratamos da questão da ambivalência como algo constituinte do sujeito. Para afirmar essa ideia trazemos, então, como se dá a constituição psíquica.

2.2- CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

Falar de constituição psíquica é retornar ao nascimento, buscando um resgate do cuidado em uma fase primordial na vida do ser humano. Assim, se faz relevante abordar simultaneamente à questão do nascimento psíquico, a noção de eu e de psiquismo para a psicanálise.

Na *Interpretação dos Sonhos* (1900[1989]/1996b) e nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1996c), Freud nos faz pensar a constituição do sujeito a partir do tema da sexualidade e nos mostra que a vida adulta se funde com o que foi vivido na primeira infância. A sexualidade liga-se ao infantil e é o motor de nosso psiquismo.

Freud (1905/1996c) trata da dependência do outro para que este lhe dê um lugar de existência. Ao retirar o seio, a mãe constrói a falta do objeto, o bebê é atravessado pelos

significantes da mãe e está propenso à subjetivação por meio das marcas deixadas pelo outro. Para que se estruture um sujeito, a falta impressa no corpo se faz necessária, pois promove nesta criança a excitação como representante psíquico e somático, a qual só pode ser aliviada por meio do outro (objeto). A mãe ao amamentar sacia sua fome e ao retirar o seio provoca uma tensão. A marca da falta é o que desenha no inconsciente o objeto do desejo.

A mãe amamenta o filho, suprimindo sua fome e ao mesmo tempo instalando nele o prazer, provocando a erotização do corpo em uma antecipação de que aí se trata de um sujeito. Ela oportuniza ao bebê o início da constituição psíquica. Essa constituição só seria possível, segundo Freud (1905/1996c) quando a criança passa a investir em outro objeto que não só o seio materno, elegendo uma parte de seu corpo ou qualquer outra coisa que lhe proporcione prazer, fase denominada como autoerótica.

Chupar o dedo, segundo Freud (1905/1996c) provoca o prazer pela repetição, esvaziando a pulsão e, ao mesmo tempo, oportuniza ao bebê o início da constituição psíquica. Neste sentido, a estruturação psíquica de um bebê só se dá a partir de um determinado momento, ao ser inscrita pelo desejo da mãe.

Freud (1905/1996c), portanto, aborda o conceito de autoerotismo, no qual o próprio corpo se torna um objeto de investimento. O “ideal do eu” seria uma tentativa de resgate, após renunciar à primeira forma de satisfação, por meio de um novo ideal.

No artigo *O Projeto Para uma Psicologia Científica* (1950[1985]/1996aa), Freud já traz a noção de que o eu constituiria a totalidade dos investimentos, das séries de prazer e desprazer, a partir da experiência primária de satisfação. Nesse processo de constituição, verifica-se um desencontro entre o desamparo inicial, o estado de urgência e o objeto de desejo primário. As vivências é que irão se instaurar e se inscrever no aparelho psíquico, criando a memória e o próprio inconsciente. Nesse momento, o eu surge a partir de seus

investimentos no mundo externo, em busca de satisfação.

Tese que é retomada em *Sobre o Narcisismo: uma Introdução* (1914/1996k) ao dizer que o eu também é objeto e, conseqüentemente, pode ser tornar um objeto de investimento. Esse pensamento coloca o narcisismo em lugar de destaque, como uma forma de investimento pulsional fundamental à vida objetiva e constituinte do sujeito.

Freud e Winnicott apresentam o estado de narcisismo simultâneo ao exercício da função materna, no qual o olhar aparece como integrador do Eu do bebê.

Para Winnicott (1956/2000b) ha uma tendência à integração que é conquistada no exercício da função materna por meio de um olhar que antecipa as necessidades de seu bebê e as satisfaz a tempo e a hora. Ha um movimento de organização para o estado de não-integração originário de cada bebê. Encontramos um bebê ambivalente: pressionado por inúmeras necessidades vitais, mas com um ambiente/mãe desejoso por satisfazê-las. É do encontro dessas duas tendências que um movimento à vida psíquica se estabelece e dá possibilidades de emergência de vida.

Winnicott (1956/2000b) revela que, para que isso se torne possível, o rosto materno deve refletir as necessidades de seu bebê e não as suas próprias. Para exercer suas funções a mãe deve se encontrar em um estado afetivo especial no qual ela acredita saber o que seu bebê precisa. A identificação funda o campo do desejo materno como prioritário para a vida.

Freud (1923/1996r) nos mostra que a identificação primária se constitui como o laço mais primitivo com o objeto em termos imediatos e diretos.

Voltamos a Winnicott (1956/2000b) para ressaltar que a identificação, segundo o autor, se assenta em uma base afetiva, sensorial e corporal. Mas também ao apagar as diferenças, faz valer apenas um desejo, o da mãe, que se mostra como garantia para a vida de

seu filho. Enquanto identificação, apenas um existe, enquanto desejo, afirma o autor, ha a pluralidade, a ambivalência e o paradoxo.

Freud (1915/1996m) nos apresenta a noção de inconsciente e de aparelho psíquico ao afirmar a existência de um estado psíquico inconsciente, quando a maior parte do que chamamos conhecimento consciente permanece em um estado de latência. Desta forma, a correspondência consciente e psiquismo se faz inadequada.

(...) um ato psíquico passa por duas fases quanto a seu estado, entre as quais se interpõe uma espécie de teste (censura). Na primeira fase, o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema Ics; se, no teste, for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar à segunda fase; diz-se então que foi “reprimido”, devendo permanecer inconsciente. Se, porém, passar por esse teste, entrará na segunda fase e, subsequentemente, pertencerá ao segundo sistema, que chamaremos de sistema Cs (Freud, 1915/1996m, p. 178, grifo do autor).

Assim, o aparelho psíquico em Freud é constituído a partir de sistemas com características e lógicas diferenciadas, mas ao mesmo tempo articuladas. O inconsciente é um sistema com conteúdos recalçados, os quais são recusados pelo pré-consciente/consciente ao sofrer a ação do recalque. As representações psíquicas não suportadas pelo Ego são recalçadas, passando então ao Id e pelo crivo do superego.

Mas foi apenas em 1923 com *O Ego e o Id*, que Freud (1923/1996r) nos apresenta a segunda tópica freudiana: o eu, o isso e o supereu. No qual o eu teria como função primordial gerir a relação “princípio do prazer e realidade” e a censura se daria pela via do Supereu. O eu poderia estar ameaçado pelo o mundo externo, pela libido do isso e pela severidade do supereu. O eu-objeto de satisfação, tão importante no primeiro momento da obra freudiana, abre agora espaço para o eu como agente de defesa (muitas vezes inconsciente), o supereu

como agente das interdições e o isso como polo pulsional.

Neste artigo, Freud (1923/1996r) revela que o ego permanece em uma tríplice servidão e, conseqüentemente, vive sob ameaça tripla, o mundo externo, a libido do id e a severidade do superego. Tal sensação de ameaça gera angústia e “ativa” os mecanismos de defesa, que são inconscientes, em uma tentativa de enfrentamento das exigências internas e externas.

Em *Inibições, Sintomas e Angústia*, Freud (1926[1925]/1996s) levanta a relação entre dois temas: angústia e os mecanismos de defesa. Nessa nova formulação teórica, a angústia parece como uma reação às sensações de perigo, como uma forma de ação mental. Assim, cada fase de desenvolvimento é acompanhada por alguma angústia característica: trauma do nascimento, separação, sentimento de culpa e medo da morte.

O autor salientava que um tipo de angústia não substituíria a outra, ao contrário, cada uma delas poderia persistir no inconsciente por toda a vida, gerando sensação de desamparo e incapacidade de lidar com sensações como terrores, desejos e emoções. Ainda neste artigo, então, Freud (1926[1925]/1996s) traz a noção de repressão como mecanismo de defesa, além das resistências. As defesas, portanto, são universais e essenciais a todos os seres humanos.

Para além de uma teoria do ego, propomos pensarmos se este nascimento psíquico coincide com o nascimento físico do sujeito ou se dá em outro momento ou em diversos momentos da vida do sujeito.

Celes (2004) traz a noção de inconsciente de Freud para dizer que o psíquico, enquanto inconsciente, é um “suposto” para explicar as falhas da consciência ou diversas ordens de fenômenos que aparecem na prática psicanalítica e que não seriam compreensíveis tendo-se por base a consciência.

Celes vai afirmar que o psíquico diz da própria subjetividade que vai dos desejos inconscientes à identificação de si, e desta forma, reforça a ideia de que o “nascimento psíquico” corresponderia ao nascimento humano.

Costuma-se dizer que *originalmente um bebê é humano quando alguém o reconhece como tal*. Talvez se possa entender assim o “mínimo” psíquico, a condição decisiva para que se estabeleça o nascimento psíquico. Mas cabe perguntar que reconhecimento é esse – portanto, que processo se está abreviando sob o termo “reconhecimento” e quais seriam os elementos ou os fatores envolvidos nesse reconhecimento: o bebê e o “alguém” que o reconhece (Celes, 2004, p. 43).

Para o autor, este reconhecimento está vinculado ao processo de presença, presença do outro, no caso, presença materna. Esta mãe reconhece as necessidades do bebê, cria meios de trânsito da pulsão e a faz transitar. O mínimo psíquico, que aparece como traços mnemônicos da experiência de satisfação, traz a marca dessa presença do outro, que vai então constituir o nascimento psíquico.

Em *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926[1925]/1996s), Freud discorre sobre a questão da ansiedade, sugere que a ansiedade é uma reação ao perigo, decorre do desamparo biológico e é geradora de sintomas. A mãe satisfaz o bebê por meio do próprio corpo (útero) e permanece após o nascimento, satisfazendo parcialmente por outros meios. A satisfação biológica é substituída por uma relação de objeto. A ansiedade aparece pelo medo da perda do objeto, no caso, a mãe, é internalizada como uma situação traumática.

Assim, psíquico e angústia podem ser pensados sob a perspectiva do princípio do prazer, princípio este que caracteriza o psíquico. O nascimento do psíquico é impulsionado pela exigência somática de constituir percursos para a pulsão, impedindo que uma situação de angústia permanente se desenvolva. Nesse sentido, o modelo de angústia sugere uma

compreensão do nascimento psíquico mais radicalmente originário que o da cena de satisfação associada ao prazer. Como afirma Celes (2004),

A angústia seria então um sinal psíquico de sua própria falta: falta psíquica expressa no corpo, eis a angústia, como ‘mutatis mutandis’, a pulsão é entendida por Freud como a representação psíquica da estimulação somática. Pulsão, angústia e psíquico nascem no mesmo ato, no mesmo gesto, o da primeira satisfação. Rigorosamente, o nascimento psíquico pode ser entendido como presença pulsional (que exige trabalho), a qual a presença da angústia denuncia (p. 46).

Pode-se dizer que a força do desamparo impulsiona a formação do psiquismo no sentido de lidar com a tensão interna. A condição de desamparo, assim, é tributária da abertura do sujeito para o mundo, à medida que se instaura, a partir dele, a necessidade de deslocamento do estado narcísico. A presença do outro – o outro materno ou o empenhado nessa função – envolto na pulsionalidade do bebê é a única possibilidade de fazer emergir uma constituição psíquica.

Garcia (2010) traz a noção de paradoxo e constituição psíquica. Revela que Roussillon (1991/2006) conceitua paradoxo como sendo uma “proposição composta de duas afirmativas incompatíveis e verdadeiras e sua origem se deu no campo da lógica formal”, definição que se aproxima à de ambivalência. Paradoxo e ambivalência não são sinônimos, mas esta aboragem do autor se faz pertinente à discussão.

Garcia (2010) também busca fazer uma relação entre a noção paradoxo para Winnicott e Green, e sua importância na constituição psíquica. Escolhemos a de Winnicott, de que o paradoxo adquire valor maturacional e fundamental para um desenvolvimento emocional saudável, sempre mantendo sua função de assegurar uma continuidade que se dá na interseção entre a ausência e a presença.

Winnicott (1958/1983) nos mostra que a mãe que se faz ausente na presença do bebê possibilita a experiência paradoxal de estar só na presença de alguém. Da mesma maneira, a destruição do objeto subjetivo possibilita a construção da externalidade, o que só irá acontecer se o sujeito sobreviver ao fenômeno paradoxal.

Segundo Jerusalinsky (2009), a constituição do sujeito psíquico se dá após a inscrição de diferentes momentos lógicos, não necessariamente cronológicos. O tempo das inscrições pode ser um tempo do “só depois”, quando acontece alguma experiência que o implique subjetivamente. Afirma que existe um tempo para o bebê se constituir por meio do outro e se sinta parte da família. Esse tempo é contínuo e é antecedido pelo tempo do desejo. Antes mesmo do nascimento desde bebê, a mãe nomeia o filho a partir do seu desejo. Após o nascimento, esta mãe se apresenta ao bebê como o objeto de seu desejo, revela todo seu investimento libidinal, em uma busca de cuidado e proteção que acaba por permear a sua constituição.

Para a dimensão psíquica ser constituída, continua a autora, é fundamental que exista algo da dimensão da falta na relação mãe-bebê, espaço que se interpõe entre a presença e a ausência materna. A falta promove a necessidade e a função materna busca aplacar o mal-estar sentido pelo bebê, promovendo marcas mnêmicas, que associadas umas às outras, vão formando traços mnêmicos, traços de memória. A constituição psíquica só é possível pelo viés da presença do outro. Um outro que falta, provoca demanda e é capaz de satisfazer essas demandas. As marcas mnêmicas vão imprimir os significantes, unindo linguagem e corpo, despertando o desejo no bebê, desejo que permite a este se constituir enquanto sujeito.

A função dos pais é inserir o bebê nesta malha psíquica, ao mesmo tempo em que o insere no social. Segundo Teixeira (2002), a análise e participação do sujeito na coletividade nos permite apreender algo fundamental em relação ao laço social, a de que a inserção do

sujeito em um grupo possibilita que algo do viver junto aos outros possa ser iluminado, desde que comece a operar um mecanismo chamado desindividualização. Ela diz:

Embora Freud conceba as pulsões entrelaçadas e não cruzadas, ele não as equipara, pois esse confronto não faz do mal-estar uma fatalidade em que os sujeitos estão afogados sem possibilidade de escape: é a aposta em Eros que prevalece, que faz cultura, que lança o sujeito nesta malha que é o existir psíquico (Teixeira, 2002, p. 198).

Existir psiquicamente, portanto, não significa aplacar toda a falta, suprir todas as necessidades, extinguir as ambivalências, em uma busca de uma plena constituição do eu. Nessa constituição do sujeito, outros pontos são importantes de serem discutidos, dentre eles: luto, transitoriedade e fantasia. Essas temáticas psicanalíticas tratam da questão do investimento libidinal ao objeto, do reinvestimento, dos recursos psíquicos fundamentais e, principalmente, de como esse sujeito inconscientemente utiliza desses recursos no percurso do seu desenvolvimento.

2.3- LUTO, TRANSITORIEDADE E FANTASIA

Falar de luto e transitoriedade é importante para que possamos principalmente trazer para a discussão sobre a ambivalência, a temática da elaboração. Na busca pelo desinvestimento e reinvestimento, passa-se por processos de elaboração, que são fundamentalmente processos ligados à questão da ambivalência, como veremos no desenvolver dessa tópica.

Quando falamos de luto, acepções ligadas à morte vêm à nossa cabeça - perda de um ente querido, choro, roupa preta, tristeza profunda pela perda de alguém e que pode se manter

durante um longo período de tempo. A proposta é trazer este tema tão relevante para a psicanálise sob a ótica da transitoriedade. A necessidade de elaboração de lutos em diferentes momentos da vida do sujeito.

Segundo Freud (1916[1915]/1996n) em seu artigo *Sobre a transitoriedade* nós possuímos certa dose de capacidade de amor, denominada libido, que nas etapas iniciais do desenvolvimento é dirigido para o próprio ego. Em um momento posterior, essa libido é desviada do ego para os objetos, que são, então, levados para o nosso ego. Nesse sentido, se os objetos forem destruídos ou se ficarem perdidos para nós, nossa libido será mais uma vez liberada e poderá, então, ou substituí-los por outros objetos ou retornar temporariamente ao ego.

Para ele, o motivo pelo qual esse desligamento da libido de seus objetos se constitui em um processo tão penoso permanece como mistério. Apenas podemos ver que a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam. Configurando essa definição como luto.

Em *Luto e Melancolia*, Freud (1917[1915]/1996o, p. 249), traz a definição de luto como “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade, o ideal de alguém, e assim por diante”. Podemos perceber o luto como perda de objeto de investimento pulsional que não é necessariamente outro ser humano.

Para tratarmos de luto como perda de objeto, temos que levar em consideração a noção de objeto na psicanálise. Desta forma, podemos tomar duas das acepções de Laplanche e Pontalis (2000, p. 321) para esta noção de objeto.

A) Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e por que esta procura atingir a sua meta, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um

objeto parcial, de um objeto real ou um objeto fantasístico. B) Enquanto correlativo do amor (ou do ódio), trata-se então da relação da pessoal total, ou da instância do ego, como um objeto visado também como totalidade (pessoa, entidade, ideal, etc.) (o adjetivo correspondente seria 'objetal').

Diferentes lutos são vivenciados ao longo da vida, no decorrer do desenvolvimento, exatamente porque no decorrer de nossa vida nos deparamos com diversas perdas de diferentes objetos libidinais. Ao deparamos com as mais diferentes perdas: materiais, financeiras, físicas, profissionais, de posição social e de identidade, entre outras, nos vemos à frente de um processo de luto.

Desde o início da vida do bebê, ele se depara o tempo todo com frustrações e gratificações. O fim da amamentação é um luto que deve ser vivenciado tanto pelo bebê quanto pela mãe. Assim como o nascimento dos dentes do bebê, ou ter que separar-se da mãe que precisa trabalhar, ficando com uma pessoa estranha. Cada etapa é sofrida de forma angústia exatamente por se tratar de uma perda significativa e que necessita de um processo para elaborá-la.

Melanie Klein (1940/1996d) entende o luto também como uma perda objetal e é neste processo que ocorre uma reativação de experiências vividas no princípio do desenvolvimento psíquico humano. Mas, para a autora, o luto não se refere apenas a uma perda objetal real, mas também simbólica.

Klein (1940/1996d) afirma ainda que atividades psicóticas primitivas são reativadas no luto normal, reativando, assim, a posição depressiva arcaica. Desde os primeiros meses de vida, o bebê tem a percepção da realidade distorcida, enxergando e mantendo relações apenas com objetos parciais, sendo o primeiro deles o seio materno.

Como já vimos anteriormente, o sujeito vivencia experiências de gratificação e

frustração, o ego prematuro introjeta um seio bom e gratificador que o alimenta, e um mau e frustrador que se ausenta e o deixa com fome, separados pelo mecanismo de cisão, uma das suas primeiras defesas (Klein, 1935/1996c).

Segundo a autora, a projeção de objetos maus traz ansiedades persecutórias vindas de fora que ameaçam o ego e os objetos bons internalizados, originando um medo da perda. As ansiedades ambivalentes advindas do medo da perda reforçam a introjeção do objeto bom como mecanismo de defesa, além da busca por reparação e superação do sentimento de culpa.

O desmame, de acordo com Klein (1940/1996d), é o primeiro luto em que a criança se depara e se dá na posição depressiva do desenvolvimento. Assim, o bebê passa a ter sentimentos depressivos com fantasias incontroláveis e impulsos destrutivos contra o seio da mãe.

Outros exemplos de vivência de luto como perda de objeto podem ser vistos em diferentes contextos, já que durante a vida, sempre nos deparamos com passagens para outra etapa que, de certa forma, está sempre ligada à etapa anterior por uma afetividade. O casamento, por exemplo, pode ser um misto de alegria pela nova vida e tristeza pela vida anterior, sair da casa dos pais, ser responsável por todas as despesas de uma casa, preocupar-se com questões que antes não faziam parte de seu cotidiano.

A adolescência, para muitos, é vivida como um período marcante por esta questão da transitoriedade. Segundo Oliva (1995), a adolescência é definida erradamente como a fase de transição entre a infância e a vida adulta, como se fosse um período preparatório. Mas, este período está longe de ser um intervalo temporal entre duas idades, da mesma forma que todos esses lutos vivenciados ao longo da vida não podem ser vistos desta forma, mas como uma transitoriedade, um processo dinâmico e complexo.

Essa transitoriedade é muito marcante na adolescência por ser, segundo Oliva (1995)

um processo de ativa desconstrução de um passado pessoal, em parte tomado e mantido e, em parte, abandonado e definitivamente preterido. Além de ser projeto e construção do futuro, recapitulação e preparação, construção da própria identidade, sexualidade, valores.

Ao propor que se pense a ambivalência como fator constituinte do psiquismo e que se dá em diferentes tempos da vida, devemos atrelar tal pensamento à noção de luto e transitoriedade. Já que o que ressaltamos é a importância de elaboração dos lutos sem necessariamente precisar extinguir a ambivalência, mas compreendendo que neste processo de elaboração as ambivalências também vão sendo elaboradas. Elaborar não significa extirpar. Elaborar como aceitação, como no processo de luto.

Balsamo (2010) nos traz essa noção de elaboração, diz que os acontecimentos históricos, suas bruscas mudanças sociais, econômicas e culturais, provocam lacunas e discontinuidades nos processos de elaborações psíquicas. Na tentativa de elaboração destas perdas, o psiquismo necessita de um tempo para preencher as lacunas, poder nomear o que foi perdido, por meio das lembranças. Se esse tempo é insuficiente, este luto é mal elaborado, o que pode levar o sujeito a desenvolver patologias.

As patologias, portanto, não tem apenas um lado ruim, mas a função de conter uma discontinuidade traumática e construir uma forma aceitável de sobrevivência psíquica ao trauma, preservando o psiquismo daquilo que ele não consegue viver, nem pensar. Luto como perda de objeto significa pensar que o luto corresponde ao enfrentamento de sucessivas perdas reais e simbólicas (fantasia).

Aragão (2004), ao falar de agorafobia, afirma que é preciso considerar a hipótese de que uma perda (ou uma alteração) de referenciais internos provoca a sensação de perda de referenciais externos. São as perdas de pilares de sustentação egoicos os responsáveis por esta aparente desorganização externa.

Propomos trazer algumas considerações sobre a questão da fantasia, já que esta é uma temática que remete a diferentes questões e que poderia ser profundamente tratada em outro momento. As elaborações de Freud sobre a fantasia estão presente desde a origem teoria psicanalítica, fazem corpo no decorrer do desenvolvimento teórico freudiano e chega a confundir com a noção de realidade psíquica e a apontar a relevância do tema ao colocá-la como retorno do reprimido, algo fundamental à interpretação em análise.

Podemos analisar a fantasia por diferentes vértices. Primeiramente a fantasia como mecanismo de defesa, vivemos sob do véu da fantasia, lidar com a realidade nua e crua seria insuportável. Ao mesmo tempo, ao descrever o sujeito que vive em plena fantasia, poderíamos entrar em uma discussão sobre a psicose. Ou, ainda, pensar no recurso de fantasiar como sendo característico de alguns personagens literários.

Desde suas origens, no texto de 1891 sobre a hipnose, a psicanálise se ocupou muito do material da fantasia. Fantasia, em alemão *Phantasie*, é o termo usado para designar imaginação, não tanto da faculdade de imaginar, mas o mundo imaginário e seus conteúdos. Na teoria freudiana, as fantasias se originam nas vivências da infância e nos primórdios da humanidade e representam uma leitura subjetiva da realidade dos fatos, organizada a partir dos desejos e dos mecanismos de defesa do indivíduo.

Freud vai desenvolver sobre o papel desempenhado pela fantasia nos eventos mentais, o que abriu as portas para a descoberta da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Em *Lembranças encobridoras*, Freud (1899/1996ai) fala da fantasia ao interpretar lembranças infantis, em que diferencia fantasias conscientes de fantasias inconscientes. Temática que é retomada ao tratar dos sonhos, posteriormente.

Em diferentes textos citados anteriormente para tratar de literatura e psicanálise, Freud aborda a questão da fantasia, como *Personagens psicopáticos no palco* (1942[1905 ou

1906]/1996af), *Delírios e sonhos na gradiva de Jensen* (1907[1906]/1996e) e *Escritores criativos e devaneio* (1908[1907]/1996f). O que nos demonstra que a temática da fantasia está bastante interligada à literatura.

Freud (1908[1907]/1996f) ressalta que somente a pessoa insatisfeita fantasia, sendo toda fantasia é a realização de um desejo, ela se dá em uma tentativa de corrigir a realidade sentida como insatisfatória.

Ha muito mais a dizer sobre as fantasias, mas limitar-me-ei a salientar aqui, de forma sucinta, mais alguns aspectos. Quando as fantasias se tornam exageradamente profundas e poderosas, estão assentes as condições para o desencadeamento da neurose ou da psicose. As fantasias também são precursoras mentais imediatas dos penosos sintomas que afligem nossos pacientes, abrindo-se aqui um amplo desvio que conduz à patologia (Freud, 1908[1907]/1996f, p. 138).

Ao discorrer sobre a questão da fantasia nesse artigo, Freud diz que os produtos dessa atividade imaginativa (fantasias e devaneios) não são necessariamente estereotipados ou inalteráveis, mas se adaptam às impressões do sujeito de que sua vida é mutável e, a cada mudança de situação, uma nova impressão se dá.

A relação entre a fantasia e o tempo é, em geral, muito importante. É como se ela flutuasse em três tempos – os três momentos abrangidos pela nossa ideação. O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente na infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria, então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa

forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une (Freud, 1908[1907]/1996f, p. 138).

Segundo Gay (1989/2004), Freud julgava que as fantasias teciam fragmentos de coisas vistas, ouvidas e vividas em uma trama de realidade mental na tentativa de descrever os traumas psicológicos. Diferenciando, então, realidade psíquica de realidade material e dando mais ênfase à importância da primeira.

As fantasias de um indivíduo, portanto, são sempre constituídas a partir de um outro que a nomeia como tal. No “Complexo de Édipo” as fantasias de sedução dizem respeito às relações de afeto entre a criança e o casal parental e exemplificariam as fantasias inconscientes. Freud (1912/1996h) estabelece uma espécie de protótipo das relações afetivas, onde por meio das fantasias o sujeito representaria sua posição diante do objeto de amor, movimento inconsciente que se repetiria nas relações amorosas futuras.

Freud (1912/1996h) afirma, portanto, que na relação com o analista, o paciente atuaria esse protótipo de relação afetiva, adquiriria consciência da repetição para poder reorganizar os roteiros de suas fantasias e, então, modificar essas formas estereotipadas de relacionamento.

Pontalis (2005, p. 135) aponta que a fantasia detém uma verdade que a realidade não pode fornecer e vem se opor à injeção do saber do adulto. A criança possui dificuldade em diferenciar o real do imaginário, essa diferenciação se dá progressiva e lentamente.

Freud (1914/1996j) ainda irá dizer que se os pacientes histéricos remontarem seus sintomas e traumas a fatos fictícios criados em cenas da fantasia, essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade histórica. Destacando, portanto, o papel importante da fantasia, pois a eleva ao patamar de tão relevante quanto o que é considerado realidade.

Finalizamos as questões teóricas psicanalíticas e partimos, no próximo capítulo, para a interpretação das personagens de alguns contos de Guimarães Rosa, tomando por base esses conceitos.

CAPITULO 3 - AMBIVALÊNCIA E PSICANÁLISE EM CONTOS DE GUIMARÃES

ROSA

*Dissera-me: – “Faço nada, não, gajão meu amigo.
Tenho que tenho só o outro ofício...” – berliquesloques.
E que outro ofício seria então esse? – “É o que não se vê, bah,
o de que a gente nem sabe.”
Prexibim falara completo e vago. Estúrdio.
O obscuro das ideias, atrás da ingenuidade dos fatos. – “Nem a
pessoa pega aviso ou sinal, de como e quando o está
cumprindo...”
O contrário do contrário, apenas. (...)
Tio Dô ia agir, com prazo e improrrogo.
Ele pesava tristonho, na ocasião; não pela diligência de rotina,
mas por fundos motivos pessoais. Eu também.
Fitávamos as barracas, sua frouxa e postiça arquitetura.
A gente oscila, sempre, só ao sabor de oscilar.
Ainda mal que, no lugar, a melancolia grassava.*

Guimarães Rosa

(1969/2001f, O outro ou o outro, p. 157)

*Desapeava e olhando para trás em frente olhava, Dorianos e tal,
somenos espantado – do vão do sertão donde viera, a rota nada
ou pouco entendia – nem sabendo o que a acontecer.
Tendo a perfeita certeza”.*

Guimarães Rosa

(1969/2001f, Sota e barla, p. 238)

Escolhemos dois livros de contos da obra de Guimarães Rosa para análise dos personagens, *Primeiras Estórias* (1969/2001c) e *Tutaméia* (1969/2001f). Do primeiro livro selecionamos os contos *Os cismos* e *A terceira margem do rio* e do segundo livro, *Desenredo* e *Se eu seria personagem*. Outros trechos dos contos desses dois livros foram utilizados ao longo da tese como epígrafes.

Com finalidade de organização, optamos por iniciar as análises pelos contos *Desenredo* e *Se eu seria personagem* que, de maneiras distintas, retratam a ambivalência vivenciada nas relações. Relações de amizade, relações sociais, relações amorosas, relações onde ocorrem investimentos, desinvestimentos e novos investimentos. Ambivalências íntimas e internas (constituição do sujeito) e externas (nas relações sociais).

Depois partimos para a análise do conto *Os cismos*, que nos mostra a ambivalência da criança, personagem principal do conto. Para então chegarmos ao conto *A terceira margem do rio*. Nesses dois contos é importante refletir sobre a ambivalência em diferentes tempos da vida, o que nos remete ao tempo da psicanálise. Por mais que os contos aconteçam em ordem cronológica, propomos pensar no tempo da psicanálise, que não é o tempo do envelhecimento, mas algo que se dá em diferentes momentos, que pode ir e vir, ressignificar.

Destacamos que sempre que as palavras estiverem entre aspas na interpretação dos contos, se trata de parte do conto. Optamos por colocar referência apenas nas citações mais longas para que o texto não fique carregado de citações.

3.1- DESENREDO

Desenredo conta a história de Jó Joaquim e seu amor por uma mulher casada. O marido descobre a traição da esposa com outro amante, o matou e ela fugiu. Após um tempo,

ela retorna e retomam o romance. Até que ele também a pega traindo e a expulsa. Após um período de tristeza profunda, decide falar bem da amada, como se criasse uma nova realidade. Faz todos acreditarem, inclusive ele e ela. Ela retorna e eles retomam novamente o romance.

Jó Joaquim era homem “quieto e respeitado” e se apaixonou por uma mulher: “Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor” (Rosa, 1969/2001d, p. 72).

Um amor que voava “o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento”, mas teve que ser secreto, “coberto de sete capas”, devido ao estado civil da moça. Nesse “clandestino amor”, Jó Joaquim ia vivendo, retraído, minuciosamente a espera desse amor. “Esperar é reconhecer-se incompleto”. Reconhecer-se incompleto é estar em busca de completude, de plenitude, de investimento libidinal e satisfação.

Eis que a escolhida é pega pelo marido com outro, “um terceiro” e tragicamente o amante é morto e a mulher ferida. “Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas...” (Rosa, 1969/2001d, p. 73). Podemos refletir que a vivência traumática o leva ao adoecimento e ao permanecer em “decúbio dorsal” assume essa posição de doente e de sofrimento.

A frase “(...)devolvido ao barro, entre o inefável e o infando” é marcada pela subjetividade, como recurso característico da obra de Rosa, e por isso, parte dela, foi escolhida para dar nome a esta tese. Ser “devolvido ao barro” nos remete à regressão para o mais primário do seu desenvolvimento, nascimento psíquico, quando a ambivalência se estabelece. “Entre o inefável e o infando” traz duas palavras carregadas de ambivalência, pois são usadas para retratar aquilo que é indescritível, que não se pode nomear. Porém, a primeira é carregada de sentimentos positivos (prazer, beleza, encanto), enquanto a segunda possui carga negativa (aversão, abominável, perverso, desprezível).

Assim como a vivência primária de um bebê, que é carregada de medos, ansiedade, angústia, medo da perda dos objetos de amor, mas também regada de sentimentos positivos. Podemos analisar que também se estabelece a regressão do personagem/narrador. Ao mesmo tempo em que a traição vai ao encontro da posição viril masculina em que se assume, “proibia-se de ser pseudopersonagem”. Antes se permitia “trair” porque se via como “o escolhido”, a pureza do amor encobria o erro da traição. E agora? Agora era lançado ao não saber, o que provoca a regressão.

A passagem do tempo no conto mostra a imagem da mulher, sempre bonita e saudável, inclusive emocionalmente, e a morte do marido. Já Jó Joaquim “exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções”, em permanente ambivalência, adoecimento, mas em uma busca de elaboração, desinvestimento e fim do sofrimento “Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é possível?”

Soube-se logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se, alegres, sim, para escândalo popular, por que forma fosse. Mas. (Rosa, 1969/2001d, p. 73).

O personagem primeiramente aparece em uma tentativa de elaboração, porém como o desinvestimento e a elaboração ainda não haviam se dado por completo, se permite novamente amar. O “Mas.” de Rosa aparece de maneira cortante, exatamente como o que se procede, nova traição, nova regressão, novo adoecimento. “Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas”.

Então a personagem encontra uma maneira de lidar com a dor e justificar seu amor e põe-se a falar bem de sua amada para todos e a “desmentir” toda e qualquer situação ruim

que anteriormente tenha acontecido. A busca de supressão das ambivalências o adoecia. A compreensão e aceitação das ambivalências o transforma. “De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava, ela era um aroma” (Rosa, 1969/2001d, p. 74).

Ao fantasiar, a personagem se modifica. “Jó Joaquim, genial, operava o passado – plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta, mais certa?”. Como vimos em Freud (1908[1907]/1996f), ao discorrer sobre a questão da fantasia, que os produtos dessa atividade imaginativa (fantasias e devaneios) não são necessariamente estereotipados ou inalteráveis, mas se adaptam às impressões do sujeito de que sua vida é mutável e, a cada mudança de situação, uma nova impressão se dá.

Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos. Mesmo a mulher, até, por fim. (...)Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento. Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida. E pôs-se a fábula em ata (Rosa, 1969/2001d, p. 75).

Podemos analisar a fantasia como mecanismo de defesa, como sintoma psicótico, mas não podemos esquecer que o que se dá aqui é a fantasia presente na obra literária. Dois aspectos do texto de Freud (1908[1907]/1996f) são importantes de ser comentados na análise do conto *Desenredo* de Rosa. Primeiramente no aspecto descrito anteriormente no início desse capítulo de que o Jó Joaquim pode até ser visto como herói por ele mesmo e pela sua amada, já que a salva e salva a relação amorosa. Mas se olharmos nas entrelinhas dessa história carregada de subjetividade, sabemos que não ha herói, mas ha uma tentativa desesperada de se “salvar” da ameaça imposta ao Ego.

Outro aspecto é da importância da fantasia nesse conto. “E pôs-se a fábula em ata”.

Ao fim do conto, não se sabe o que é verdade e o que é fantasia, o que é fábula e o que é conto. Freud (1908[1907]/1996f) ressalta que somente a pessoa insatisfeita fantasia. Sendo toda fantasia a realização de um desejo, ela se dá em uma tentativa de corrigir a realidade sentida como insatisfatória.

3.2- SE EU SERIA PERSONAGEM

Se eu seria personagem conta a história de uma personagem sem nome. O seu amigo Titolívio Sérvulo lhe apresenta uma mulher, Orlanda, com desdenho, mas ao vê-la se apaixona. Mas o amigo também se apaixona pela mesma mulher e o personagem/narrador opta por manter segredo de seus sentimentos. O casamento dos amigos cai sobre ele como um primeiro redemoinho. Até que o amigo muda de amor e de mulher. Então o personagem se permite retomar o sentimento e se envolver com Orlanda.

Esse conto retrata a ambivalência sob dois aspectos das relações humanas, as relações de amizade e as relações de amor. Analisamos sob a ótica do personagem/narrador, que conta sua história de amor e ódio em relação à amizade e ao amor.

O conto já inicia com toda sua força: “Note-se e medite-se. Para mim mesmo, sou anônimo; o mais fundo de meus pensamentos não entende minhas palavras; só sabemos de nós mesmos com muita confusão” (Rosa, 1969/2001e, p. 199). Força porque no primeiro parágrafo já aborda três questões importantes. Primeiro o personagem/narrador como alguém que não possui nome e que ele próprio desconhece. Segundo, quando diz “o mais fundo de meus pensamentos não entende minhas palavras”, nos remete à questão do inconsciente, algo que desconheço de mim mesmo. Por último, a frase “só sabemos de nós mesmos com muita confusão” nos faz refletir sobre a questão da ambivalência, que aparece como conflito interno difícil de ser compreendido.

Então o personagem nos apresenta Titolívio Sérvulo, “esse devia ser meu amigo. Ativo, atilado em ações, néscio nos atos; réu de grandes dotes faladores. Cego como duas portas” (Rosa, 1969/2001e, p. 199). Plantando a semente da dúvida quanto à sua amizade e o descrevendo como alguém sagaz e incoerente.

É este amigo quem lhe apresenta Orlanda, que a descreve como “feia, frívola, antipática”, o contrário do que seus olhos avistaram. “Porque ela não surgira apenas: desenhou-se e terna para mim. Além de linda – incomparável – a raridade da ave. Se cada uma pessoa é para outra-uma pessoa? Só ela me saltava aos olhos” (Rosa, 1969/2001e, pp. 199-200). A descrição desdenhosa do amigo não impede que se apaixone, que se envolva emocionalmente, que a veja como objeto de amor e desejo.

O personagem/narrador se descreve: “Sou tímido. Vejo, sinto, penso, não minto. Me fecho. Eu, que não vou nem venho. Tenho a ilusão na mão. Nasci para cristão ou sábio, quisera ser” (Rosa, 1969/2001e, p. 200). Quanto mais tomava consciência de seu amor por Orlanda, mais o personagem/narrador se fecha, se emudece. “Daí, dados os dias, eu amava-a – sem temor ao termo. À boa fé: mais vale quem a amar madruga, do que quem outro verbo conjuga... Do que de novo fiz meu silêncio”.

Surpreso ficava com a mudança de Titolívio, que como em um piscar de olhos, desdisse tudo sobre ela e agora a desejava. E assim, seu amigo também mudava aos seus olhos, estabelece-se aí uma relação de amor e ódio a esse que se dizia ser amigo, mas que de certa maneira roubava sua enamorada. “É de adivinhar que T. mudou, no meu ar”.

Nós vimos anteriormente em Freud (1905/1996c) a noção de que o amor começa como uma autoabsorção narcisista e a seguir liga-se aos instintos sexuais para proporcionar um repertório considerável de gratificações. O ódio, complemento do amor como oposto e companheiro, oferece uma quantidade ainda maior de materiais para tal diversidade. A

ambivalência, a coexistência na mesma pessoa de amor e ódio pelo mesmo objeto, seria a condição mais natural e corrente.

Podemos inferir que essa ambivalência se estabelece inicialmente pelo amigo, amo e ódio o mesmo objeto. Mas, paralelamente, sugerimos que essa contradição também se dá quanto à sua amada, ela amar o amigo e não ele, pode provocar esses conflitos internos.

A fala a seguir, do personagem/narrador, também é marcada pela subjetividade: “Escureço que demais não surpreendi, bofê, acima de espanto. E põe-se o problema. Todo sub-sentir dá contágio, cada presença é o perigo? Aceitam-se teorias” (Rosa, 1969/2001e, p. 201). “Escureço que demais não surpreendi” marca uma contradição, um paradoxo, quando explicamos algo buscamos clarear, não escurecer. A surpresa é contraditória internamente, “demais não surpreendi” podemos refletir que por mais que esperasse isso, de alguma maneira, visto a índole do tal amigo, ainda assim, a fé no ser humano, na amizade o faz se surpreender e se espantar. “Sub-sentir” também é uma palavra de força, pois sub-sentir traz a conotação de segundo sentido, ideia reservada ou sentimento íntimo, que nos remete ao inconsciente. “Aceitam-se teorias” nos provoca como um convite à interpretação.

Ao calar-se e conseqüentemente consentir, busca uma identificação com o amigo. Aquela mesma identificação do Complexo de Édipo em que abdicamos de um amor e buscamos ser como o outro amor para conseguirmos alcançar o amor que almejamos. “Ou eu, falso e apenas, arremedando-o por antecipação. O futuro são respostas. Da vida, sabe-se: o que a ostra percebe do mar e do rochedo. Imaginemo-nos” (Rosa, 1969/2001e, p. 201).

Podemos perceber que diante dessas relações de amor e ódio com o amigo e com a amada, o personagem/narrador se fecha, permanece em silêncio, consciente da omissão, da falta da palavra, da solidão dessas relações. “Adão. Eu, não. Vou ao que me ha de vir, só, só, próprio. Espero – depois, antes e durante, destinatário de algum amor” (Rosa, 1969/2001e, p.

201). Adão nos remete ao personagem bíblico, símbolo da primeira relação homem/mulher. É como se ele rejeitasse esse rótulo de tal importância, não se vê como homem de tanta relevância na vida de uma mulher, se vê sozinho, na busca de elaboração e de um novo amor.

Como vimos anteriormente em Freud (1916[1915]/1996n), nós possuímos certa dose de capacidade de amor, denominada libido, que nas etapas iniciais do desenvolvimento é dirigido para o próprio ego. Em um momento posterior, essa libido é desviada do ego para os objetos, que são, então, levados para o nosso ego. Nesse sentido, se os objetos forem destruídos ou se ficarem perdidos para nós, nossa libido será mais uma vez liberada e poderá, então, ou substituí-los por outros objetos ou retornar temporariamente ao ego.

“O tempo é que é matéria do entendimento. Quem pôs libreto e solfa? O amor não pode ser construído. Ninguém tem o direito de cuidar de si” (Rosa, 1969/2001e, p. 201). Ao descobrir-se só, realiza um movimento de retorno a si mesmo, de busca por respostas, por entendimento. Se interpretarmos pela definição das palavras da frase: “Quem pôs libreto e solfa?”, podemos sugerir que ele parece questionar o significado do amor poético, cantado, escrito ou dramatizado e a sua impossibilidade de defini-lo.

Quando o personagem/narrador fica sabendo do casamento dos dois, o que era medo se transformou em concretude do ato, o que era desejo se transformou em impossibilidade, “A notícia pegou-me em seu primeiro redemoinho”. E ele se vê mergulhado no sofrimento e na confusão de sentimentos. Podemos perceber que diante das situações difíceis, seu movimento é de calar-se diante de tudo e todos, o que nesse momento, mais uma vez, se fez presente. Compreendemos que há uma grande dificuldade de expressar suas emoções.

A fala a seguir parece representar toda sua emoção e ambivalência: “E tugi-nem-mugi, nisso eu não tendo voto; só emoção, calada como uma baioneta. Tive-me. O general dispõe. Me amolgam, desamolgo-me. (...) Às vezes a gente é mesmo de ferro. Recentrei-me,

como peculiar aos tímidos e aos sensatos. Isto é, fui-me a dormir, a ducentésima vez, nesse ano” (Rosa, 1969/2001e, p. 201). “E tugi-nem-mugi” carrega seu movimento interno de sempre ficar quieto e calado. A frase “só emoção, calada como uma baioneta” se faz cortante tal qual o punhal que a baioneta representa. As emoções conflitantes por permanecerem caladas, não transparecidas, acabam por ser sentidas como traumáticas, como se fosse apunhalado nesse momento da maneira mais sofrida. “Me amolgam, desamolgo-me” já marca a personagem se recusando a permanecer na deformidade interna a que foi submetido. O amigo e a amada o “amolgam”, o esmagam, mas “desamolgo-me” mostra uma tentativa de se reconfigurar, de elaborar a perda do objeto.

Podemos entrar novamente na definição de ambivalência para tratar dessa vivência do personagem. Na definição que vimos em Klein (1929/1996b), a ambivalência estaria implicada à questão da identificação. O processo de síntese das identificações teria fracassado devido a grande quantidade de figuras bondosas em oposição às ameaçadoras ou a rapidez com que os aliados se transformam em inimigos. Ela vai dizer que esse fracasso irá se manifestar por meio da ambivalência, da tendência de ansiedade, da falta de estabilidade, da dificuldade do indivíduo para chegar a um acordo com um superego composto por naturezas tão contraditórias.

Sugerimos, portanto, que nesse momento de desilusão, o personagem/narrador sente-se como fracassado, o que implica na questão da identificação com o amigo que se transformou em inimigo ao roubar seu objeto de amor. Essa desestabilidade provocaria a revivência plena da ambivalência.

Diferentes momentos que se seguem no conto descrevem esse processo de sofrimento e tentativa de desinvestimento e elaboração. Para falar desses dois conceitos retomamos a Freud (1917[1915]/1996o) quando nos mostra que o luto é trabalho psíquico que, para que

seja realizado, o psiquismo precisa realizar algumas condições com a ajuda do tempo. Entre elas vemos superinvestimento e posterior desinvestimento de cada lembrança que diga respeito ao objeto, o teste de realidade, o reconhecimento social da dor do sujeito, a tentativa de elaboração da ambivalência.

Destacamos um desses momentos no conto, como na fala: “Tido de conformar-me. Aí a minha memória desfalece. Viver é plural – muito do que nem vejo nem invejo. E atravessei, não intimidado, aquele certo se não errado acontecimento. (...) Coaduneí nula raiva com esperança incógnita, nesse meu momento. (...) A gente tem de viver, e o verão é longo” (Rosa, 1969/2001e, p. 202). “Tido de conformar-me” demonstra essa tentativa de elaboração ou pelo menos a necessidade de elaborar. “Viver é plural” sentimos como frase marcada pela compreensão das contradições. Já as frases “atravessei, não intimidado” e “A gente tem de viver, e o verão é longo” nos remete a esse tempo da elaboração, um tempo que não é cronológico, mas necessita de um só depois, que a psicanálise discute como necessidade de ressignificar para conseguir elaborar.

Outro momento do conto que nos provoca a refletir é quando o personagem/narrador diz: “Retombei, pesado, dúctil, no molde. Salvem-se cócega e mágica, para se poder reler a vida. Sim sofri: como o músico atrás dos surdos ou o surdo atrás dos dançantes; mas, com cadência. (...) Vinha eu de fazer de a esquecer, ordem que traduzi e me dei. Em esquecimento que, oculto, vazava” (Rosa, 1969/2001e, p. 202). “Retombei” é uma palavra marcada pela repetição, pelo refazer. “Salvem-se cócega e mágica, para se poder reler a vida” nos remete ao texto *O humor* em que Freud (1927/1996ak) nos diz que a essência do humor está em se poupar dos sentimentos que uma situação poderia provocar, afastando a possibilidade de expressão dessas emoções. Que entendemos como defesa e repressão dos sentimentos reais. Sofrer “com cadência” também marca essa repetição, esse ritmo, próprio do passar do tempo.

“Vinha eu de fazer de a esquecer” remete à necessidade de desinvestimento libidinal. “Em esquecimento que, oculto, vazava” nos faz pensar no trabalho de análise, lugar onde o que é esquecido, o que é oculto, inconsciente, se faz presente, “vaza”, transborda.

Voltando ao conto, após o personagem/narrador demonstrar se sentir mais equilibrado emocionalmente, eis que o casamento acaba e Titolívio Sérvulo passa a amar outra. Nesse momento, é como se o sentimento por Orlanda nunca tivesse sido elaborado ou desinvestido, apenas reprimido, já que aparece mais vivo que nunca, “mesma e minha”. “De dom, viera, vinha, veio-me, até mim”. Entendemos como um movimento ambivalente essa relação de idas e vindas de sentimentos, de amor e ódio, de certezas e incertezas.

E finaliza o conto dizendo: “Fique o escrito por não dito. Sós, estampilhamo-nos. (...) olha-se terna ao espelho, eis-nos. Conclua-se. Somos. Sou – ou transpareço-me” (Rosa, 1969/2001e, p. 203). Ao dizer “estampilhamo-nos” é como se afirmasse com toda a certeza que agora é realidade e não mais fantasia, sela-se a relação, traz para o campo do concreto. Sugerimos que no momento em que não se vê mais sozinho, em que o objeto de amor idealizado se torna realidade, ha um novo nascimento psíquico, um re-nascimento. Uma pessoa que tanto se fechou e calou, agora transparece.

3.3- OS CISMOS

O conto *Os cismos* conta a estória de um menino e seu medo de perda da mãe. Sua mãe está doente e o tio o leva para uma viagem. O conto é dividido em quatro atos: *I - O Inverso Afastamento* em que aparece o afastamento da mãe para essa viagem que o tio propôs; *II - Aparecimento do Pássaro* no qual mostra a chegada à nova cidade e tem uma continuidade de narrativa com forte ausência da mãe e o aparecimento de um tucano do cismo da árvore; *III - O Trabalho do Pássaro* narra a dificuldade do menino de lidar com a

falta da mãe, sua observação do pássaro e a notícia de que a mãe estava sã; e finaliza com o *IV - O Desmedido Momento* em que o menino entra no avião de volta para casa na busca do encontro com a mãe.

Cismo pode ser definido como o ápice, o cume, o clímax. Propomos aqui pensar que o conto marca o auge da ambivalência de sentimentos vivenciados por esse menino e o medo da perda da mãe. Veremos que o medo provoca reflexão sobre vários momentos de sua vida e de como poderia ter melhor aproveitado seu tempo com sua mãe. Como já dissemos anteriormente, a noção de tempo, aqui representada de maneira cronológica pelos quatro tempos do conto, é diferente do tempo da psicanálise, marcado pelas revivências e elaborações.

Assim como em *Se eu seria personagem*, aqui o personagem também não tem nome, a não ser uma letra maiúscula no início da sua denominação de “o Menino” o que nos provoca a uma reflexão sobre a questão de não ter nome. Sabemos que o nome é algo que denomina, nomeia, dá força e definição à pessoa ou a coisa. Ao deixar os seus personagens sem nome, Rosa parece querer que a identificação com o personagem seja ainda mais presente. Já que “o Menino” pode ser qualquer um de nós ou poderia ser o sujeito do inconsciente, ou ainda, não se referir a ninguém, deixando o vazio da falta, falta do nome, falta da mãe, falta de compreensão e expressão dos sentimentos.

O primeiro ato, *O inverso afastamento*, marca todo o sofrimento que se dava naquele momento naquela criança. Desejo real: proximidade, colo; o que acontece é o inverso: o afastamento. Por mais que esse afastamento não ocorra por um desejo da criança, mas por

uma imposição do tio, ainda assim nos remete ao mecanismo de formação reativa⁵, já que o movimento da criança é de não conseguir lidar com o medo da ausência da mãe. Podemos sugerir que nesse momento se instaura o medo de perda da mãe doente, a angústia e o desamparo.

O conto se inicia com a frase “Outra era a vez”⁶, que marca a ideia de uma outra viagem, diferentemente da viagem feliz que se deu anteriormente, agora o menino vai, mas seu pensamento, seu amor, sua alegria, ficam pra trás e em sua bagagem leva apenas temores e saudade. Saudade até do que não se deu, de como poderia ter sido.

(...) era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. Sabia que a mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados dias, decerto porque era preciso (Rosa, 1969/2001b, p. 224).

A tia dá à criança um brinquedo, o “bonequinho macaquinho”, antes de entrar no avião. Este boneco, percebemos que irá se tornar seu companheiro de viagem, muito mais do que o tio. “Por isso tinham querido que trouxesse os brinquedos, a tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma” (Rosa, 1969/2001b, p. 224). Sugerimos que o brinquedo o traz a sensação de prazer do tempo de infância, o que aplaca, de certa maneira, os sentimentos

⁵ Em Freud (1913/1996a) encontramos a definição de formação reativa como forças motivadoras no sujeito (mecanismo de defesa) que ocasionam a substituição pelo oposto, na forma do que é conhecido. O sujeito, portanto, substitui comportamentos e sentimentos que são diametralmente opostos ao desejo real. Trata-se de uma inversão clara e, em geral, inconsciente do verdadeiro desejo.

⁶ Acreditamos que essa frase delimita o final do conto *As Margens da Alegria*, que abre o livro *Primeiras Estórias* e o início do conto *Os cismos*, que fecha o livro. Aos leitores a criança é apresentada como: “De sorte que de novo o Menino (...)”. O “de novo” e o desenrolar da estória nos fazem crer que se trata do mesmo personagem dos dois contos, bem como a mesma cidade para onde viaja.

ruins. Ao longo do conto esse macaquinho vai tomando ainda mais relevância e, além de companheiro, é como se ele também se tornasse testemunha do seu sofrimento, com toda a responsabilidade de trazer sorte e, quem sabe, alegria. Sua vestimenta tão especial também nos parece revelar toda sua importância. O brinquedo também nos remete ao objeto transicional⁷ de Winnicott (1953/1975), questão tão presente nas crianças e que marca a busca de superação do afastamento dos pais.

Seu sentimento era de tamanha angústia e medo, que tudo ao seu redor ressoava como uma tentativa de mascarar a verdade, de que ia perder sua mãe. “O menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o tio não estava de todo sincero” (Rosa, 1969/2001b, p. 224-225).

Pela frase: “Se encarasse pensamento na lembrança da mãe, iria chorar”, podemos perceber a tentativa de negação do sentimento e do medo para manter o mínimo de estrutura emocional. “A mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso — do horrível do impossível” (Rosa, 1969/2001b, p. 225). É como se o sentimento que se instaurasse fosse da ordem do impossível, provocasse uma experiência de desamparo, de dor aguda, no qual mãe e sofrimento não cabem no mesmo espaço. O que podemos definir como ambivalência de sentimentos.

Confusão interna que só aumentava: “Nem ele isso entendia, tudo se transtornando então em sua cabecinha. Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?” (Rosa, 1969/2001b, p. 225). A dificuldade da compreensão do sentimento ambivalente, que

⁷ Objetos transicionais, segundo Winnicott (1953/1975), são simbolizações que podem ser criadas nas angústias de separação. Esses objetos são capazes de restaurar o sentimento de continuidade necessário ao desenvolvimento de unidade, diverso da busca de completude fusional.

corre “em direções contrárias” é tamanha, que todos ao seu redor, parecem viver e sentir da mesma maneira. “Também, todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegrados?” (Rosa, 1969/2001b, p. 225). A interrogação nos remete a pensar que não há certeza de nada, só interrogações, dúvidas, receios.

“Mas o menino concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho, engraçado e sem mudar, só de brinquedo, e com a alta pluma no chapeuzinho encarnado” (Rosa, 1969/2001b, p. 225). Esse “remorso” por ter um brinquedo “engraçado” em suas mãos, nos mostra um pouco do sentimento de culpa. Como se ter um brinquedo engraçado representasse uma alegria que não poderia existir naquele momento.

Este sentimento de culpa inconsciente, frequentemente aparece na forma de punição, ao outro, mas principalmente a si mesmo. “Devia jogar fora? Não, o macaquinho de calças pardas se dava de também miúdo companheiro, de não merecer maltratos. Despreendeu somente o chapeuzinho com a pluma, este, sim, jogou, agora não havia mais” (Rosa, 1969/2001b, p. 225). Ao jogar o chapeuzinho tão elegante fora, há uma tentativa de amenizar esse sentimento de culpa e diminuir a alegria e a importância do seu companheiro.

Na frase: “E o menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Estava muito para trás. Ele, o pobrezinho sentado” (Rosa, 1969/2001b, p. 225), compreendemos esse momento como pesado, carregado de solidão e sentimento de abandono. É a que se segue carrega, ao contrário, todo o desejo de segurança, que no momento é da ordem do impossível. “O quanto queria dormir. A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo. Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiam esculturas efêmeras” (Rosa, 1969/2001b, p. 225). Vemos também aqui o medo de concretização dos medos, representado pelos sonhos ao dormir.

“O pobre do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava” (Rosa, 1969/2001b, p. 226). Este movimento de projetar no brinquedo características que são suas é um mecanismo de defesa frequente em crianças. Aqui é como se o macaquinho representasse todo o desamparo, impotência, solidão, falta da mãe. O macaquinho que era sem mãe, não ele.

(...) Soubesse que um dia a mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela
(...). Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada (Rosa, 1969/2001b, p. 226).

Encontramos, nesse momento, novamente a forte presença do sentimento de culpa. Desejo de mudar o passado em uma tentativa de ressignificar, reelaborar questões anteriores com essa mãe. Além de um desejo de ter ficado sempre perto da mãe, como se apaziguasse a distância e o medo do afastamento definitivo. Podemos sugerir, também, remetendo à questão da ambivalência, que ao buscar mudar o passado, busca-se, ao mesmo tempo, a aniquilação do sentimento ambivalente.

“O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o voo — que parecia estar parado. Mas no ar passavam peixes negros, decerto para lá daquelas nuvens: lombos e garras” (Rosa, 1969/2001b, p. 226). Sentimento agudo, cortante, carregado de melancolia e pavor. “O menino sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando — e voltando para trás, mais, e ele junto com a mãe, do modo que nem soubera, antes, que o assim era possível”. Desejo de voltar no tempo, um tempo que não se deu, mas poderia ser modificado.

O segundo ato *Aparecimento do pássaro* marca o momento em que a criança consegue externalizar o seu sentimento. Aquilo que antes não se dava, permanecia na ordem

da negação e da repressão, pois era da ordem do impossível, agora vem com toda a sua força e o menino precisa, de alguma maneira, colocar para fora o que sente.

Primeiramente o sentimento aparece na forma de medo intenso, pavor, algo inesperado. “Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhação de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas” (Rosa, 1969/2001b, p. 226). E suas reações vinham de acordo com esse medo. “Deitado, o menino se sentia sustoso, o coração dando muita pancada” (Rosa, 1969/2001b, p. 227).

Outro ponto interessante está na frase: “O calado, o escuro, a casa, a noite — tudo caminhava devagar, para o outro dia. Ainda que a gente quisesse, nada podia parar, nem voltar para trás, para o que a gente já sabia, e de que gostava” (Rosa, 1969/2001b, p. 227). É como se o inconsciente fosse representado por “o calado, o escuro, a casa”. Além de novamente encontrarmos desejo de regredir a uma etapa anterior de seu desenvolvimento e ter a oportunidade de modificar, de aniquilar as culpas. Esse desejo nos remete ao trabalho de análise, pois ele nos promove essa modificação e ressignificação.

Por mais que acreditemos que essa não seja a intenção de Rosa, o que vemos em sequência, nos remete ao tratamento psicanalítico. “Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas” (Rosa, 1969/2001b, p. 227). Sugerimos fazer uma analogia entre esse trecho do conto e o processo de análise. Nesse contexto “um outro” seria o analista; “cinema de desconhecidos pensamentos” o retorno do recalado; “as certezas” “desapeteciam, esfiapadas”: o que antes era certeza, o que antes era desejo, se esvai. O que permaneceria seria da ordem da compreensão do desconhecido.

Nessa constante busca de compreensão, inferimos que o que fica, são ambivalências.

Como se a única certeza fosse de que estes sentimentos ambivalentes não desaparecem, ao contrário, sempre permanecem. Como podemos ver no trecho:

Mas, naquele raiar, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam. Às vezes, porque sobrevinham depressa e inesperadamente, a gente nem estando arrumado. Ou esperadas, e então não tinham gosto de tão boas, eram só um arremedado grosseiro. Ou porque as outras coisas, as ruins, prosseguiam também, de lado e do outro, não deixando limpo lugar. Ou porque faltavam ainda outras coisas, acontecidas em diferentes ocasiões, mas que careciam de formar junto com aquelas, para o completo (Rosa, 1969/2001b, p. 227).

A representação do seu desejo por meio do véu da fantasia marca a necessidade de permanecer em equilíbrio emocional, como na frase: “Mas não pudera combinar com o vertiginoso instante a presença de lembrança da mãe — sã, ah, sem nenhuma doença, conforme só em alegria ela ali teria de estar” (Rosa, 1969/2001b, p. 229). Desejo ainda da ordem do impossível, mas que a fantasia “ajuda” a suportar. “Mas feito se, a cada parte e pedacinho de seu voo, ele ficasse parado, no trecho e impossivelzinho do ponto, nem no ar — por agora, sem fim e sempre” (Rosa, 1969/2001b, p. 229).

O terceiro ato *O trabalho do pássaro* nos mostra logo no início a dificuldade da criança de lidar com o sentimento ambivalente. “Assim, o menino, entre dia, no acabrunho, pelejava com o que não queria querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando: mais pesadas, mais-coisas — quando olhadas sem precauções” (Rosa, 1969/2001b, pp. 229-230). Olhar as coisas sem o véu da fantasia, “sem precauções”, trazia para a dimensão do insuportável.

Também podemos fazer uma analogia ao trabalho do pássaro como representativo do trabalho de análise. Há no conto uma compulsão à repetição própria da pulsão de morte, mas

o trabalho é ir para além da repetição:

Temia pedir notícias; temia a mãe na má miragem da doença? Ainda que relutasse, não podia pensar para trás. Se queria atinar com a mãe doente, mal, não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava num borrão. A mãe da gente era a mãe da gente, só; mais nada (Rosa, 1969/2001b, p. 230).

Já o trecho: “Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano – sem jaça – em voo e pouso e voo. De novo, de manhã, se endereçando só àquela árvore de copa alta (Rosa, 1969/2001b, p. 230)”. Pulsão de vida representada pelo “belo” e pulsão de morte marcada pela “jaça” e pela compulsão à repetição. A palavra jaça, que representa a mancha, o estragado, a morte, mesmo aparecendo com a negativa “sem”, vem marcar o sentimento negativo. Nada é só belo. Mas sempre esperamos apenas o belo.

Mesmo que o sentimento de melancolia seja carregado de pessimismo, percebemos que a sensação que é mascarada pelo desejo da presença materna é que traz alívio dentro do sofrimento.

O menino, em cada instante, era como se fosse só uma certa parte dele mesmo, empurrado para diante, sem querer. O jipe corria por estradas de não parar, sempre novas. Mas o menino, em seu mais forte coração, declarava, só: que a mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva! (Rosa, 1969/2001b, p. 231).

A repetição encontrada no parágrafo anterior e no seguinte marca o desejo da criança de que a mãe esteja boa e saudável:

Ele vinha do diferente, só donde. O dia: o pássaro. Entremeio, o tio, recebido um telegrama, não podia deixar de mostrar a cara apreensiva — o envelhecimento da esperança. Mas, então, fosse o que fosse, o menino, calado consigo, teimoso de só

amor, precisava de se repetir: que a mãe estava sã e boa, a mãe estava salva! (Rosa, 1969/2001b, p. 231).

Outra frase carregada de subjetividade: “O hiato — o que ele já era capaz de entender com o coração” (Rosa, 1969/2001b, p. 232). Hiato é uma palavra de força que marca a interrupção, a abertura. Podemos sugerir que marca a fenda entre o não sabido e o que já era compreendido. Assim como: “O tio, entanto, diante dele, parou sem a qualquer palavra. O menino não quis entender nenhum perigo. Dentro do que era, disse, redisse: que a mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva!” (Rosa, 1969/2001b, p. 232). A fantasia teria sido construída internamente, de uma mãe sempre e eternamente sã, em uma tentativa de superação da angústia.

O trabalho de análise, que sugerimos fazer a analogia nesse conto, vemos como marcado ao fim deste terceiro ato, quando o menino revela toda a sua tentativa de “desdolorir-se” e guardar na memória apenas o lado positivo da experiência.

A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração. O menino o guardava, no fugidir, de memória, em feliz voo, no ar sonoro, até a tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e desdolorir-se, por escapar do aperto de rigor — daqueles dias quadriculados (Rosa, 1969/2001b, p. 232).

A realização do desejo se dá com a possibilidade de encontro com a mãe e de acabar com o medo sai da ordem da fantasia: “Ao quarto dia, chegou um telegrama. O tio sorriu, fortíssimo. A mãe estava bem, sarada! No seguinte — depois do derradeiro sol do tucano — voltariam para casa” (Rosa, 1969/2001b, p. 232).

O quarto e último ato *O desmedido momento* podemos interpretar que marca a tentativa de superação das ambivalências, para além da experiência de hiato. Superação das ambivalências, como já repetimos em diversos trechos desta tese, não significa aniquilação

destas, mas compreensão e elaboração dos sentimentos ambivalentes de maneira a aprender a lidar com eles.

Até as lembranças que ficam dessa vivência são ambivalentes: “E, com pouco, o menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada. Entretempo, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores” (Rosa, 1969/2001b, pp. 232-233). Essas lembranças ficam marcadas tanto pelas experiências positivas (tucano, amanhecer, viagem) quanto pelas negativas (sentimento de vazio, desamparo e medo de perda da mãe).

E mesmo este momento de regresso, de ir de encontro ao desejo, revela-se com alguma ponta de angústia, representada aqui pela perda do boneco macaquinho. “E, quase num pulo, agoniou-se: o bonequinho macaquinho não estava mais em seu bolso! Não é que perdera o macaquinho companheiro! ... Como fora aquilo possível? Logo as lágrimas lhe saltavam” (Rosa, 1969/2001b, p. 233).

Perder o bonequinho macaquinho também representa deixar para trás o sofrimento, antes projetado nele. Receber o chapéu de volta ameniza a perda, o sentimento de culpa, traz certo alívio. É como se tivesse conseguido deixar para trás o sentimento ruim e carregasse com ele, agora, apenas o que o macaquinho representava positivamente.

Mas, então, o moço ajudante do piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: — “Espia, o que foi que eu achei, para você”. — e era, desamarrotado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que ele, outro dia, tanto tinha jogado fora! O menino não pôde mais atormentar-se de chorar. Só o rumor e o estar no avião o atontavam. Segurou o chapeuzinho sozinho, alisou-o, o pôs no bolso. Não, o companheirinho macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca. Decerto, ele só passeava lá, porventura e porvindouro, na outra-parte, aonde as pessoas e as

coisas sempre iam e voltavam. O menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré- inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa (Rosa, 1969/2001a, p. 233).

“E era o inesquecível de-repente, de que podia traspassar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras” (Rosa, 1969/2001b, p. 233). O equilíbrio que se alcança traz sensação de paz, mas que como “palha se desfaz”, já que não ha um equilíbrio e uma paz eterna, isso representaria a morte. A vida requer permanecer nas ambivalências e nas fantasias.

Como se ele estivesse com a mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o macaquinho com uma bonita gravata verde — no alpendre do terreirinho das altas árvores..., e no jipe aos bons solavancos... e em toda-a-parte..., no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia..., donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao voo, ainda muito mais vivo, entoante e existente — parado que não se acabava — do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. (Rosa, 1969/2001b, pp. 233-234)

A última frase do conto, ao contrário, não traz fechamento, mas se abre como começo. “Só aquilo. Só tudo. — "Chegamos, afinal!" — o tio falou. — "Ah, não. Ainda não..." — respondeu o menino. Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida”. Podemos interpretar que algo resta, permanece como enigma, como reprimido, fora do tempo.

3.4- A TERCEIRA MARGEM DO RIO

O conto *A terceira margem do rio* conta a história de um pai que decide ir morar em uma canoa no rio. Despede-se de sua família e sem explicação vai para esta outra morada. Ao

mesmo tempo, conta a história de um filho e sua visão frente a essa decisão do pai, como ele lida com essa falta desse pai ausente, mas que ainda se faz presente nessa margem, no rio. A história é marcada, ainda, pelo crescimento desse filho e dessa família na ausência do pai e finaliza com esse filho tendo que lidar, finalmente, com esse pai e seus sentimentos em relação a ele.

Diferentes olhares podem ser lançados sobre o conto *A terceira margem do rio*, sob o vértice de um personagem ou de outro, ou ainda lançando luz de diferentes conceitos psicanalíticos. Escolhemos ver pelos olhos do narrador, um menino/homem/idoso (pensando na passagem do tempo no conto), um filho, e sua forte identificação e ambivalência em relação ao pai. É fundamental, ainda, lançar o olhar para a questão transferencial que se dá nessa relação pai/filho. O pai vai embora, mas fica, ao longe e ao perto, causando sentimentos ambivalentes neste filho: angústia, culpa, saudade, desejo, raiva.

Novamente, como uma repetição nos contos de Rosa que foram analisados, propomos uma reflexão sobre o tempo na psicanálise. No conto, esses tempos da vida se dão em ordem cronológica, o tempo do envelhecimento. Mas para a compreensão da personagem e da sua vivência ambivalente, devemos refletir sobre o tempo da psicanálise, um tempo que vai e volta, do só depois, de ter que retomar ao passado para dar significado a sentimentos e atitudes presentes.

A leitura do conto *A terceira margem do rio* nos coloca frente a este mal-estar que a partida do pai provocou neste filho. Não vamos ater a esta análise ao pai, o que o levou a essa presença/ausência. O tema desta tese nos remete a refletir de que forma este filho lida com esta ambivalência ao longo de toda sua vida.

Freud (1930/1996u, p. 80), em *Mal estar na civilização*, afirma “Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai”. Nos

mostra que o propósito da vida seria o princípio do prazer e a felicidade só seria alcançada aliada à satisfação. Assim, ao contrário, a ameaça de sofrimento poderia vir ou pela via do próprio corpo, pelo mundo externo ou, ainda, pelo relacionamento com outros homens. Sendo este último o mais penoso.

O personagem do conto em questão apresenta essa problemática na relação com o pai. Em um primeiro momento, vemos por meio de seus olhos de menino uma busca pelo reconhecimento de quem realmente era o seu pai. Ao buscar decifrá-lo, busca consequentemente uma justificativa para seus atos.

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto (Rosa, 1969/2001a, p. 79).

O momento mais marcante de sua infância é o dia em que seu pai vai ao encontro do rio. A ruptura com o pai fica marcada como princípio do sofrimento, da angústia, da ansiedade gerada pela ambivalência de ter e não mais ter esse pai. Um luto a ser elaborado mesmo diante da vida.

Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta (Rosa, 1969/2001a, pp. 79-80).

Em *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, Freud (1926[1925]/1996s) trata sobre o trauma sob uma perspectiva da supressão de afeto. Lembrando que já tratamos deste texto de Freud, ao discorrer sobre o nascimento psíquico, que é impulsionado pela exigência somática de constituir percursos para a pulsão, impedindo que uma situação de angústia permanente se

desenvolva.

Quando o ego se vê envolvido em uma tarefa psíquica particularmente difícil, como ocorre no luto, ou quando se verifica uma tremenda supressão de afeto, ou quando um fluxo contínuo de fantasias sexuais tem de ser mantido sobre controle, ele perde uma quantidade tão grande de energia à sua disposição que tem de reduzir o dispêndio da mesma em muitos pontos ao mesmo tempo (Freud, 1926[1925]/1996s, p. 94).

“Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação” (Rosa, 1969/2001a, p. 80). Ao dizer “Sem alegria nem cuidado” é como se o personagem mostrasse a falta de qualquer tipo de atitude por parte do pai que demonstrasse seu amor. E é dessa ambivalência que se trata aqui... Existe amor? Existe dor? Existe sentimento? Existe não sentimento? O que permanece é a falta de palavras e fica o dito pelo não dito. A falta da palavra gera culpa e ambivalência.

Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa (Rosa, 1969/2001b, p. 80).

Percebemos que quando menino ha o desejo de estar junto ao pai, a identificação com este pai, a curiosidade do não sabido, a busca pela desventura. E ali, então, escondido, vê seu pai sumir na canoa “comprida longa”. Tão longa quanto o vazio que se instaurou neste momento. Momento de incertezas, curiosidade, momento do não saber.

“Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte” (Rosa, 1969/2001a, p. 80). Sugerimos que a perda do pai é sentida mesmo diante da presença. Presença/ausência como a do bebê que acredita que o pai que foi trabalhar e nunca mais voltará. Sensação que pode gerar angústia, sentimento de culpa, ansiedade. Assim como afirmamos anteriormente, com Melanie Klein (1940/1996d), que as experiências desagradáveis e a falta de experiências prazerosas, principalmente de contato íntimo e feliz com pessoas amadas, vivenciadas por crianças pequenas, aumentam a ambivalência, diminuem a confiança e a esperança, confirmando, assim, as ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa.

Voltando ao conto, esse rio “de meio a meio” delimitava o espaço da presença paterna. A ação do pai causava estranheza a todos. Em seu artigo *O Estranho*, Freud (1919/1996p) aponta para o caráter amedrontador daquilo que provoca estranhamento, sentimentos opostos, repulsa e aflição. E afirma que a ambivalência do que é familiar, tornar-se estranho, o não saber distinguir familiar e estrangeiro, é o que nos assusta.

No que diz respeito aos fatores do silêncio, da solidão e da escuridão podemos tão somente dizer que são realmente elementos que participam da formação da ansiedade infantil, elementos dos quais a maioria dos seres humanos jamais se libertou inteiramente (Freud, 1919/1996p, p. 268).

Podemos inferir que o desejo da presença do pai se confunde internamente com o desejo de que esse sofrimento da incerteza se acabe. “(...) ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa” (Rosa, 1969/2001b, p. 81). Assim, podemos refletir que a morte do pai seria menos dolorosa do que a morte em vida, a certeza de que a ausência é uma escolha.

Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longo, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou

para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora (Rosa, 1969/2001b, p. 81).

“Tempos a fora” nos remete a essa ambivalência que permanece e se dá em diferentes tempos da vida do sujeito. Ele se vê preso ao pai, ao que ele representa internamente e segue sua sina de filho, obediente, respeitador, mesmo não sendo mais aquele menino de quando o pai foi embora. A compulsão à repetição se dá como tentativa de lidar com a ambivalência.

“A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade” (Rosa, 1969/2001b, p. 82). “Às penas” parece demonstrar a dificuldade de lidar com os sentimentos conflituosos, a partir das quais a vida se torna um arrastar de amargura e sofrimento. Como um barco tentando navegar pelo rio, mas com uma âncora fincada, nem o permite viver plenamente nem arrancar as amarras (os traumas).

O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver (Rosa, 1969/2001b, p. 82).

Interpretamos que a vivência é de amor e ódio em relação a esse pai. Ódio pela falta instaurada, falta da palavra (explicação), falta da presença, falta do amor paterno, falta da figura de identificação. Se eu me identifico com o estranho, estranho e desconhecido permaneço. Mas ainda assim um amor, amor de filho que leva o alimento e que se coloca no lugar desse outro, sofre com ele e por ele. O que nos remete à questão da transferência.

Vimos anteriormente que a transferência pode ser compreendida como sendo a atualização dos desejos inconscientes sobre determinado objeto no quadro de certo tipo de

relação que está sendo desenvolvida. Lembramos também que Freud (1912/1996h, p. 117-118) nos mostra que a transferência negativa encontra-se ao lado da transferência afetiva, sendo dirigidas simultaneamente para a mesma pessoa, o que definiria ambivalência.

E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos (Rosa, 1969/2001b, p. 82-83).

Não há trauma mais pungente, vivo, do que aquele que permanece velado, oculto, mas ainda assim com ferida sangrando. Assim se dá o trabalho da análise, fazer lembrar o esquecido, o oculto, elaborar o que permanece vivo e incômodo, ainda que aparentemente encoberto pelo tempo. O que desperta de novo e de novo, a sobressaltos, ainda não foi elaborado. Aquilo que não foi elaborado é a raiz da ambivalência e do sentimento de culpa.

Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase eu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia (Rosa, 1969/2001b, p. 83).

Seu pai não era visto de perto há muitos anos. O que ele descreve como a imagem de um bicho, podemos dizer que é a fantasia que ele criou desse pai. O que as consequências de suas ações fizeram dele. Vemos que o personagem se recusa a aceitar essa identificação paterna, pois ao aceitá-la, assume-se um ser de defeitos como o pai. Como posso ser igual a esse ser que me provoca sentimentos tão contraditórios? Se me identifico com o que desconheço, desconhecido sou.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre

que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim.."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade (Rosa, 1969/2001b, p. 83).

Ao mesmo tempo, o menino busca essa identificação paterna, mesmo diante da falta. A mentira, neste caso, age como um mecanismo de defesa do ego. Por meio da negação é possível suportar a insuportável falta provocada pela ausência de identificação.

Winnicott (1947/2000a), como assinalamos anteriormente, fala da ambivalência instaurada na mente do menino no período edípico; a hostilidade inconsciente e as grandes ansiedades levam à revivência das situações precoces. Sugerimos que esse filho cresceu dentro desse enredo e buscou maneiras de lidar com os sentimentos ambivalentes que tanto o perseguiram ao longo da vida. Os nossos desejos mais profundos, aqueles com os quais fantasiávamos, segundo Freud (1908[1907]/1996f), são sempre infantis e proibidas.

Percebemos aqui um desejo profundo de acabar com o sofrimento, no qual a dúvida acaba sendo mais cruel do que a certeza: “Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse” (Rosa, 1969/2001b, p. 83). “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito” (Rosa, 1969/2001b, pp. 83-84).

Em *Luto e Melancolia*, Freud (1917[1915]/1996o) nos aponta que o luto é o trabalho psíquico que não requer tratamento. Para que o luto seja realizado ele indica algumas condições que o psiquismo vai realizando com a ajuda do tempo. Entre elas vemos superinvestimento e posterior desinvestimento de cada lembrança que diga respeito ao objeto, o teste de realidade, o reconhecimento social da dor do sujeito, a elaboração da ambivalência,

o tempo.

Refletimos então, como poderia casar, se seu amor estava todo investido nesse pai? As bagagens da vida, a carga emocional investida nessa relação, era muito pesada, mas, ainda assim, a carregou por toda a vida. Sua justificativa para permanecer com seu amor investido nessa relação, nos remete ao outro mecanismo de defesa, a racionalização. Afirmando que o pai precisava dele, ele arruma justificativas racionais para “tentar” justificar racionalmente o que emocionalmente não era possível. Por que permaneço amando este pai?

Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos. Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. (...) Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia (Rosa, 1969/2001b, p. 84).

A ambivalência que acreditamos que ele carregou em diferentes momentos de sua vida, o amor e ódio que como a pulsão de vida e de morte, viveram eternamente um cabo de guerra, chega agora à velhice. Momento de rememoração, de avaliação da própria vida. “De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?” Assim como na análise, aparecem a busca dos porquês, busca de compreensão e talvez elaboração da culpa que tanto o afligiu. De onde vem essa culpa? Porque me sinto culpado? Eu sou responsável por meu pai não me amar? Sou responsável por ele ter ido embora?

A velhice é o momento da vida em que a passagem do tempo cronológico marca de forma pungente o início da finitude. Mas como pensar em finitude, quando frente ao “demoramento” da vida. Viver em falta, na ausência da palavra, na ausência do amor, ressalta

a atemporalidade do inconsciente. Percebemos o quanto a noção de tempo está aliada à nossa subjetividade. Subjetividade que se dá nessa relação com o tempo e com a memória que temos dessas vivências prazerosas e angústiantes.

E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão (Rosa, 1969/2001b, p. 85).

Toda a vida imaginando como seria se o pai voltasse, se acenasse, se respondesse, se-se-se, assim como o rio-rio-rio, em uma compulsão à repetição própria da angústia. O pai que lhe nomeou, que lhe deu qualidades, que lhe havia ensinado tudo que sabia, que precisava dele, existia apenas em uma terceira margem, a da fantasia. A concretude da chegada do estranho, provoca nele todo o pavor de que tratamos lá atrás com Freud (1919/1996p).

Freud (1919/1996p) mostra o caráter amedrontador daquilo que provoca estranhamento, sentimentos opostos, repulsa e aflição, não saber distinguir familiar e estrangeiro, é o que assusta. A maioria dos seres humanos jamais se libertou inteiramente dos elementos da ansiedade infantil.

É como se toda ambivalência vivida ao longo da vida se transformasse em ato com a possibilidade de retorno desse pai. Assim como é difícil lidar com o retorno do recalcado,

esse sujeito adoecido pelo tempo possui poucas defesas para lidar com a realidade “nua e crua”. Assim não encontra outro caminho a não ser fugir, não se deparar, não nomear, não dar voz à letra, permanecer no campo do recalcado e, então, adoecer de vez.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio (Rosa, 1969/2001b, p. 85).

Ao se deparar com a possibilidade e com o desejo de finitude, se rende à pulsão de morte, de não sentir, de passividade, de inércia, tão própria dessa condição. Segundo Freud (1917[1915]/1996o), a melancolia é uma neurose narcísica, caracterizada por um conflito entre o eu e o supereu. O predomínio da realidade interna sobre a realidade externa faz o indivíduo se isolar da sociedade, voltando-se para si mesmo. No fim da vida, o personagem assume esse caráter melancólico que o assombrou ao longo da vida. A presença de conflitos de ambiguidade e de componentes sádicos nas suas relações e a sua proximidade com a morte, ressaltam os seus perigos e o seu poder destrutivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no final de uma tese parece algo impossível. Não temos essa pretensão, pois sempre que relemos o texto, sentimos uma necessidade incontrolável de modificar, acrescentar, aprimorar, indefinidamente. A psicanálise faz isso conosco, abre um leque de possibilidades tão rico, possível de percorrer tantos caminhos distintos, que precisamos tomar cuidado para não se enredar nesses labirintos e perder o rumo.

As dificuldades foram muitas durante esse percurso. E, ao final dele, parecem aumentar ainda mais. Porém, quando olhamos para trás, percebemos um lindo caminho, uma trajetória de muita ajuda, de diferentes olhares, diferentes mestres, muito aprendizado e uma abertura de novas possibilidades, o que acalenta e possibilita esse fechamento.

Esta tese se iniciou com o desejo de relacionar dois temas importantes na psicanálise: ambivalência e constituição psíquica. Ao longo do percurso, outras possibilidades foram surgindo, principalmente a vontade de aproximação com a literatura. Guimarães Rosa passou de possibilidade de dar leveza ao texto para uma relação/interpretação entre literatura e psicanálise.

Viana (1999a) aponta que a literatura é uma forma proficiente e prazerosa de debater diferentes questões. Principalmente quando as personagens conseguem expressar as relações entre indivíduo e sociedade, e insinuam:

Os flexíveis movimentos de sua vida interior e exterior – essa uma mesma vida!
Assim, pode representar os matizes, os conflitos, as alegrias, as ilusões perdidas, os sonhos, as paixões da vida íntima e social, e, sob essa perspectiva, oferece um campo significativo à investigação (p. 197-198).

A autora faz essa afirmação pensando em Balzac e a riqueza de sua *A Comédia Humana*. Recorremos a essa citação para pensar em Guimarães Rosa e suas personagens carregadas de subjetividade e que também conseguem transmitir toda sua riqueza interna e externa.

No primeiro capítulo pudemos verificar que a psicanálise possui uma teoria própria a respeito da noção de ambivalência desde Freud, Klein e Winnicott até autores atuais. A interlocução entre esses autores nos possibilitou definir psicanaliticamente ambivalência. Assumimos ser fundamental este entendimento para compreensão do sujeito.

Foi possível compreender que o conceito de ambivalência da psicanálise traz essa característica de sentimento opostos, desejos opostos, necessidades opostas, coexistindo lado a lado, coabitando o mesmo sujeito, além de poderem ser direcionados ao mesmo objeto. Esses impulsos são primários, ou seja, existem desde os primórdios do desenvolvimento do sujeito.

A teoria psicanalítica da ambivalência está relacionada com a teoria sobre a constituição psíquica. Foi proposto pensar na ambivalência com fator constituinte do psiquismo e, ao mesmo tempo, que possibilita que a constituição psíquica se dê em diferentes tempos da vida do sujeito. Existir psiquicamente, portanto, não significa aplacar toda a falta, suprir todas as necessidades, extinguir as ambivalências, em uma busca de uma plena constituição do eu. O que devemos buscar é a consciência da impossibilidade de eliminação das ambivalências e da supressão da diversidade.

Alguns temas psicanalíticos foram se mostrando relevantes durante a análise dos contos de Guimarães Rosa. Sentimos, então, a necessidade de discutir a questão da técnica psicanalítica, luto, transitoriedade e fantasia. Ressaltamos a importância de articular a psicanálise com a literatura. Afirmamos que a literatura pode lançar nova luz à teoria psicanalítica, pois é uma forma de demonstrar a universalidade dos conceitos psicanalíticos.

Esse entendimento é fundamental para melhor compreensão da constituição e do desenvolvimento do sujeito.

Os textos literários provocam o leitor psicanalista, sua sensibilidade e, assim, possibilitam um novo olhar, um sentido, uma busca de interpretações por meio da teoria psicanalítica. Destacamos a relevância fundamental da literatura, essa manifestação tão bela, capaz de provocar tanta sensibilidade e, ao mesmo tempo, transformar nosso mundo interior. Palavras que nos fazem viajar por outros lugares, por diferentes histórias, novas, velhas, conhecer pessoas (personagens) e, principalmente, abrir possibilidades.

Pudemos verificar que as personagens dos contos de dois livros de Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias e Tutaméia* conseguem retratar esta dinâmica interna do sujeito: ambivalência e constituição psíquica. Por meio da análise dos contos *Desenredo, Se eu seria personagem, Os cismos e A terceira margem do rio* foi feito um entrelaçamento entre os personagens e a temática aqui apresentada.

No que se refere ao objetivo desta tese, que foi demonstrar a universalidade do tema da ambivalência ao analisar sob a ótica da psicanálise personagens de alguns contos de Guimarães Rosa, podemos dizer que foi alcançado. Conclusão, no sentido preciso do termo, não é possível demonstrar. A tese não buscou respostas prontas. Tanto a psicanálise quanto a literatura mais do que trazer respostas, levanta novos questionamentos, novas possibilidades, aponta novos caminhos.

Diferentemente de um fechamento, gostaríamos de propor a abertura de uma discussão que se mostrou pertinente, por se tratar de uma questão fundamental da constituição do sujeito. A compreensão desse sujeito no mundo possibilita novas formas de ajuda a esse sujeito, que é o que fundamentalmente a psicanálise busca: entendimento, possibilidades de elaboração, modificação dos sofrimentos e sintomas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aragão, R. O. de. (2004). Narcisismo materno e criação do espaço psíquico para o bebê. Em R. O. de Aragão (Org.), *O bebê, o corpo e a linguagem* (pp. 91-101). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Balsamo, M. (2010). *Psychanalyse et subjectivité: histoire, généalogie, psychose*. Paris: Campagne Première.
- Bellemin-Noel, J. (1978). *Psicanálise e Literatura*. (A. Lorencini & S. Nitrini, Trans.). São Paulo: Cultrix.
- Bollas, C. (2012). *A questão infinita*. Porto Alegre: Artmed.
- Bleichmar, N. M. & Bleichmar, C. L. (1992). *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Buarque de Holanda, A. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Buhler, A. de M. C. (2006, janeiro/julho). As margens do devaneio: uma análise do conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa. *Graphos*, 8(1), pp. 59-62.
- Celes, L. A. (2004). Nascimento psíquico. Em R. O. de Aragão (Org.), *O bebê, o corpo e a linguagem* (pp. 41-58). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chodorow, N. (2002). *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Coutinho, E. F. (1994) Em J. G. Rosa. *Ficção completa, em dois volumes* (pp. 11-24). 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Dolto, F. (2004). *A imagem inconsciente do corpo*. (M. Levy & N. M. Kon, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1984).
- Etchegoyen, R. H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. (G. C. Fernandes, Trad.).

Porto Alegre: Artes Médicas.

- Freud, S. (1996a). Estudos sobre a histeria. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 2, pp.13-319). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895[1893]).
- Freud, S. (1996b). Interpretação dos Sonhos. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900[1899]).
- Freud, S. (1996c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996d). Sobre a psicoterapia. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 7, pp. 241-254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1904]).
- Freud, S. (1996e). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 9, pp. 15-88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907[1906]).
- Freud, S. (1996f). Escritores criativos e devaneio. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 9, pp. 133-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908[1907]).
- Freud, S. (1996g). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 11, pp. 143-156). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996h). A dinâmica da transferência. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 12, pp. 109-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

- Freud, S. (1996i). Totem e tabu. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912]).
- Freud, S. (1996j). A história do movimento psicanalítico. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 15-73). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996k). Sobre o narcisismo. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996l). Os instintos e suas vicissitudes. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 117-144). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996m). O inconsciente. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 165-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996n). Sobre a transitoriedade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 317-319). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916[1915]).
- Freud, S. (1996o). Luto e Melancolia. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 245-266). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915]).
- Freud, S. (1996p). O estranho. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 17, pp. 235-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996q). Além do princípio do prazer. Em *Edição Standard Brasileira das Obras*

- Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 18, pp. 13-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996r). O Ego e o Id. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996s). Inibições, sintomas e ansiedade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 20, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925]).
- Freud, S. (1996t). Dostoiévski e o parricídio. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 21, pp. 181-200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928[1927]).
- Freud, S. (1996u). O mal-estar na civilização. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 21, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996v). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. Conferência XXXIII. Feminilidade. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).
- Freud, S. (1996w). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXII. Ansiedade e vida instintual. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 22, pp. 85-112). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).
- Freud, S. (1996x). Análise terminável e interminável. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, Trad.). (vol. 23, pp. 225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

- Freud, S. (1996y). Moisés e o monoteísmo. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 23, pp. 15-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939[1934-38]).
- Freud, S. (1996z). Esboço de psicanálise. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 23, pp. 153-221). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- Freud, S. (1996aa). Projeto para uma psicologia científica. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 1, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1996ab). O interesse científico da psicanálise. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 13, pp. 169-192). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996ac). Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 13, pp. 247-250). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996ad). O tema dos três escrínios. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 12, pp. 312-325). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996ae). Reflexões para os tempos de guerra e morte. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 285-312). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996af). Personagens psicopáticos no palco. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 7, pp. 289-297). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1942[1905 ou 1906]).
- Freud, S. (1996ag). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. II.

- Arruinados pelo êxito. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 14, pp. 331-346). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1996ah). O mecanismo psíquico do esquecimento. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 3, pp. 271-282). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1898).
- Freud, S. (1996ai). O mecanismo psíquico do esquecimento. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 3, pp. 283-304). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1996aj). Sobre a psicanálise. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 12, pp. 221-229). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913 [1911]).
- Freud, S. (1996ak). O humor. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 21, pp. 161-169). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996al). O tema dos três escrínios. Em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (vol. 12, pp. 311-325). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Garcia, C. A. (2010). Continuidade e ruptura no processo de constituição psíquica. Em R. A. Cardoso & C. A. Garcia (Org.), *Entre o eu e o outro: espaços fronteiros*. (pp. 29-46). Curitiba: Juruá.
- Garcia-Roza, L. A. (1986). *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gay, P. (2004). *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. (D. Bottmann, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1989).
- Gomes, G. (2001). Os dois conceitos freudianos de Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3),

249-255.

Green, A. (1988). A mãe morta. Em *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. (pp. 239-273).

(C. Berliner, Trad.). São Paulo: Editora Escuta. (Trabalho original publicado em 1980).

Henriques, I. S. A. (2010, julho). A travessia pelo sertão como percurso analítico em Grande

Sertão: veredas. *Psicanálise & Barroco em revista*, 8(1), pp. 33-55.

Jerusalinsky, J. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. São Paulo,

2009.

Kehl, M. R. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Klein, M. (1991a). Sobre a identificação. Em *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*.

Obras Completas de Melanie Klein (pp. 169-204). (E. M. da Rocha, L. P. Chaves, Trad.).

Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1955).

Klein, M. (1991b). Inveja e gratidão. Em *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*.

Obras Completas de Melanie Klein (pp. 205-267). (E. M. da Rocha, L. P. Chaves, Trad.).

Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

Klein, M. (1991c). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. Em *Inveja e gratidão e*

outros trabalhos (1946-1963). *Obras Completas de Melanie Klein* (pp. 268-279). (E. M.

da Rocha, L. P. Chaves, Trad.). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em

1958).

Klein, M. (1991d). Sobre o sentimento de solidão. Em *Inveja e gratidão e outros trabalhos*

(1946-1963). *Obras Completas de Melanie Klein* (pp. 340-354). (E. M. da Rocha, L. P.

Chaves, Trad.). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1963).

Klein, M. (1996a). Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. Em *Amor, culpa e*

reparação: e outros trabalhos (1921-1945). *Obras Completas de Melanie Klein*. (pp. 152-

163). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Klein, M. (1996b). Personificação no brincar das crianças. Em *Amor, culpa e reparação: e*

- outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein.* (pp. 228-239). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929).
- Klein, M. (1996c). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. Em *Amor, culpa e reparação: e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein.* (pp. 301-329). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1935).
- Klein, M. (1996d). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. Em *Amor, culpa e reparação: e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein.* (pp. 385-412). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940).
- Klein, M. (1996e). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. Em *Amor, culpa e reparação: e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein.* (pp. 413-464). (A. Cardoso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).
- Klein, M. (1997). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina. Em *A psicanálise de crianças. Obras Completas de Melanie Klein* (pp. 213-257). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Kon, N. M. (2003). *A viagem: da literatura à psicanálise.* São Paulo: Companhia das Letras.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (2000). *Vocabulário de psicanálise.* (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982).
- Lowenkron, T. (2004). O objeto da investigação psicanalítica. Em F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs). *Pesquisando com método psicanalítico* (pp. 21-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (1990). *Freud, pensador da cultura.* 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Oliva, A. (1995) Desenvolvimento da Personalidade durante a adolescência. Em Coll, C; Palacios, J; Marchesi, A. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia*

- evolutiva* (vol, 1, pp. 335-349). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oliveira, E. S. de. (2010, junho). Traços melancólicos em Guimarães Rosa: uma leitura de Páramo, de Estas Estórias. *Reverso*, 32(59), pp. 71-76.
- Parker, R. (1997). *A mãe dividida: a experiência da ambivalência na maternidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Pontalis, J.-B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. (C. Berliner, Trad.). SP: Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1977).
- Rea, S. (2004). Considerações sobre transformatividade: aproximações entre artes plásticas e psicanálise. Em F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs). *Pesquisando com método psicanalítico* (pp. 95-115). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rivera, T. (2005). *Guimarães Rosa e a psicanálise: ensaios sobre a imagem e a escrita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rosa, J. G. (1994). *Ficção completa, em dois volumes* (pp. 27-61). 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1965).
- Rosa, J. G. (2001a). A terceira margem do rio. Em Rosa, J. G., *Primeiras estórias* (pp. 79-85). 15 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira. (Trabalho original publicado em 1969).
- Rosa, J. G. (2001b). Os cismos. Em Rosa, J. G., *Primeiras estórias* (pp. 224-234). 15 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira. (Trabalho original publicado em 1969).
- Rosa, J. G. (2001c). *Primeiras estórias*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira. (Trabalho original publicado em 1969).
- Rosa, J. G. (2001d). Desenredo. Em Rosa, J. G., *Tutaméia (Terceiras estórias)* (pp. 72-75). 8 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira. (Trabalho original publicado em 1969).
- Rosa, J. G. (2001e). Se eu seria personagem. Em Rosa, J. G., *Tutaméia (Terceiras estórias)* (pp. 199-203). 8 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira. (Trabalho original publicado em 1969).
- Rosa, J. G. (2001f). *Tutaméia (Terceiras estórias)*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

- (Trabalho original publicado em 1969).
- Santana, T. R. Q. (2003). *A Influência da rejeição, abandono e maus tratos na formação da psique inicial*. Monografia de Graduação. Universidade Católica de Goiás, Goiânia: Goiânia.
- Santana, T. R. Q. (2005). *Mãe saudável, gestante doente: a ambivalência vivenciada por gestantes com Toxoplasmose*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília: Brasília.
- Susemihl, E. V. K. P. (2013). A mudança paradigmática da interpretação na escola inglesa a partir de Klein. Em A. S. Gueller & A. S. L. Souza (Orgs), *Psicanálise com crianças: perspectivas teórico-clínicas* (pp. 239-258). 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 2008).
- Teixeira, L. C. (2002). Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. *Revista Psico-USF*, 7(2), 195-200.
- Thomas, M. C. (1995). Introdução à obra de Melanie Klein. Em J. D. Nasio (Org.), *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan* (pp. 141-143). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Viana, T. de C. (1999a). *A comédia humana, cultura e feminilidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Viana, T. de C. (1999b). Psicanálise, arte e literatura: começo de conversa. Em V. Zanello, C. Carneiro & M. N. Campos (Orgs), *Fronteiras em psicanálise* (pp. 151-164). Guarapari-ES: Ex Libris.
- Winnicott, D. W. (2000a). O ódio na contratransferência. Em *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 277-287). (D. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1947).
- Winnicott, D. W. (2000b). A preocupação materna primária. Em *Da pediatria à psicanálise:*

obras escolhidas (pp. 399-405). (D. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. Em *O brincar e a realidade* (pp. 13-44). (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trads.). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1953).

Winnicott, D. W. (1983). A capacidade para estar só. Em *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 31-37). Porto Alegre: ArtMed. (Trabalho original publicado em 1958).

ANEXOS

Segue em anexo os contos de Guimarães Rosa. Optamos por colocar a cópia do livro utilizado nesta tese para que não houvesse contradições em relação à numeração das páginas. Portanto, os anexos seguem como arquivo único onde não haverá paginação em sequência à numeração de páginas da tese.

“Um a par do outro, quiproquamos, foi entre a Vereda-do-Catatau e o Riacho das Vácas. Dava eu de prenarrrar-lhe romance a escrever — estória com grãtis gente e malapropósitos vícios, fatos. Ele, de embélia, arriou o berrante: — *O sr. tem de reger essas noções...* Pelo que pensava, um livro, a ser certo, devia de se confeioar da parte de Deus, deopor paz para todos, virtude de enganar com um clareado a fantasia da gente, empuxar a coragens. Cabia de ir descascando o feio mundo morrinheiro; não se há de juntos iguais festejar Judas e João Gomes.
— *E a verdade?* — fiz.

Zito olhou morro acima, a sacudir os ombros e depois a cabeça. — *O sr. ponha perdão para o meu pouco-ensino...* — olhava como uma lagartixa. — *A coisaada que a gente vê, é errada...* — queria visões fortificantes — *Acho que... O borrado sujo, o sr. larga na estrada, em indistrtius escritas liso não se lavora. As atropalhadas, o sr. exara dado desconta, só para prevetto, conserto e castigo, essas revoltias, frestias... O que Deus não vê, o sr. lê do diabo.*

Deu de adir: — *A genie não quer mudança, e protela, depois se acha a bica do resguardado, menino ofina para crescer, titiogo-te, a bicheta cai de entre a creolina e a carne são...* O que, com o dito ademais, vertido compreender-se-ia mais ou menos: *O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas. Para onde nos atraí o azul? — calei-me. Estava-se na teoria da alma.*”

Trecho de “Sobre a escova e a dívida”



EDITORA NOVA FRONTEIRA
SEMPRE UM BOM LIVRO

João Guimarães Rosa Tutaméia

João Guimarães Rosa

Tutaméia



EDITORA NOVA FRONTEIRA

Desenredo

Do narrador a seus ouvintes: — Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irilvíia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriam-se, viram-se. Era infinitamente mais e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraido, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que — deu-se o desmastroio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira, leviano modo. Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiça lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infandoso. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a mal-dizer de seus próprios e gratos abusifritos. Reteve-se de vê-la. Proibiu-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

Ela — longe — sempre ou ao máximo mais formosa, já sarda e sã. Ele exercitava-se a agüentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou — ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.

Mas. Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz

de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como iné-dito poeta e homem. E viajou fugida a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

Mais.

No decorrer e comenos, Jó Joaquim entrou sensível a aplicar-se, a progressivo, jeitoso alã. A bonança nada tem a ver com a tempestade. Crível? Sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco. Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade — idéia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se desafaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma.

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente.

O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos. Jó Joaquim, genial, operava o passado — plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifiesta. Haja o absoluto amar — e qualquer causa se irrefluta.

Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de ban-deira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Virlíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

da ave. Se cada uma pessoa é para outra-uma pessoa? Só ela me saltava aos olhos.

Fixe-se porém que minha ou baga eu não disse, guardei-me de apreciação. Sou tímido. Vejo, sinto, penso, não minto. Me fecho. Eu, que não vou nem venho. Tenho a ilusão na mão. Nasci para cristão ou sábio, quisera ser.

E vai, senão, que T., colado a mim, em ímpeto não incêdito se desdisse: — “Boa, fina, elegante!” — de feliz grito, precipitando-se na matéria do quadro. Dava-lhe o quê? Indaguei-me como.

Nada eu lhe falara, afirmo, nem dele teria audiência. Só mesmo a mim: fortíssimo aquele sobredito meu conceito, e que era uma ocasião interna.

Mas, feito um achado oracular, ele contracunhando-o, agora, pois. Já a tinha em valia; estava-se no coincidir. Onde há uma borboleta, está pronta a paisagem? Tácito, de lado não me entortei, como o monge se encapuzava. Rebebi, timidamente. Tomei posição.

Dai, dados os dias, eu amava-a — sem temor ao termo. A boa fé: mais vale quem a amar madruga, do que quem outro verbo conjuga... Do que de novo fiz meu silêncio.

E vem T. — contudo, como se me secundando, em sua irreticência, comentando meu coração. Já T. também gostava dela, e sob que forma? Por isto assim que: para namorico, o ilícito, picirico, queria-a que queria.

Mais me emudeci. Abri-me a mim. De Orlanda eu, certo antes, me enamorara, secreto efervescente. Tímido, tímido. Sou antigo. Onde estão os cocheiros e os arcediagos? T. era que me copiasse, não a seu ciente. Em segredo pondo eu minha toda concentrada energia passional tão pulsante; de bom guerreiro.

É de adivinhar que T. mudou, no meu ar. Súbito o incêndio, ele se apaixonara, após, por Orlanda, andorinha do abstrato.

Transmitiu-me: o embeijo — reflexo, eco, decalque. Já éramos ambos e três.

Escureço que demais não me surpreendi, bofé, acima de espanto. E pôe-se o problema. Todo subsentir dá contágio, cada presença é um perigo? Aceitam-se teorias.

T. tocava a trombeta — miolado, atravessado, mosqueiro — imitador de amor. Ou eu, falso e apenas, arremedando-o por antecipação. O futuro são respostas. Da vida, sabe-se: o que a ostra percebe do mar e do rochedo. Imaginemo-nos.

Foi havendo amor. Entre mim tenho que aqui rir-me-ão, de no jogo omisso, constante timidejante, calando-me de demônstrações. Meu amor, luar da outra face, de Orlanda não ver. *Do que o da gente, vale a semente* — o que, acho, ainda não foi dito. T. sim saía-se, entreator.

Adão. Eu, não. Vou ao que me há de vir, só, só, próprio. Espero — depois, antes e durante — destinatário de algum amor. O tempo é que é a matéria do entendimento. Quem pôs liberdade e solfa? O amor não pode ser construído. Ninguém tem o direito de cuidar de si.

Pois, que, quanto eu não dava, alferes, para ter Orlanda?

E então T. avisou-se-me, vice-louco, com avento de casamento. Ia do mito ao fato; o que a veneta tenta. Tudo já estava. A notícia pegou-me em seu primeiro remoinho.

E tugi-nem-mugi, nisso eu não tendo voto; só emoção, calada como uma batoneta. Tive-me. O general dispõe. Me amolgam, desamolgo-me. Valha o amuo filosófico. T. sentimentoso, regozijado com o relógio... As vezes a gente é mesmo de ferro. Recentrei-me, como peculiar aos tímidos e aos sensatos. Isto é, fui-me a dormir, a ducentésima vez, nesse ano.

Tido de confori. ar-me. Ai a minha memória desfalece. Viver é plural — muito do que não vejo nem invejo. E atravesssei, não intimidadado, aquele certo se não errado acontecimento.

Noiva e de outro, Orlanda? Então ela não era a minha, era a de T. então. Folguei por ambos, a isso obriguei-me. Coaduneci nula raiva com esperança incógnita, nesse meu momento. A hora se fazia pelo deve & haver dos astros, não a aliás e talvez. Tanto sabe é quem manda; e fino o mandante. A gente tem de viver, e o verão é longo. Retombei, pesado, dúctil, no molde. Salvem-se cócega e mágica, para se poder reler a vida.

Sim sofri: como o músico atrás dos surdos ou o surdo atrás dos dançantes; mas, com cadência. Orlanda e uma data — o tempo, t? Vinha eu de fazer de a esquecer, ordem que traduzi e me dei. Em esquecimento que, oculto, vazava. A quanto parece.

T. seguia-me, brusco também padecia, inexplicada mas explicavelmente, bom condutor. Do modo, docu-se, descreu-se, quando um grande acontecimento veio a não suceder. Plorava, que quase; só piscou depois.

Nem exultei — não querendo emprestar-lhe bafo. Na circunstância, a outronada o induzisse, sou de conselho escasso. Eu, no caso dele... refeito de manter-me de parte.

Pois foi o que ele fez, mudou de amar e de amor, ora agora mandar-se-á ao lado de uma outra mulher, certa a de Títólvio Sérvulo, a ele de antemão destinada, da grei do exato sentir. Tive-lhe, tenho-lhe mais amizade, não dó. Sei o que hei. Timidez paga devagar, mas paga.

E nem sabe o tímido quanto bem calcula. À melhor fé! Como o amor se faz é graças a dois.

Segue-se, enfim assim, nomeadamente Orlanda — de a um tempo rimar com rosa, astro e alabastro — aqui. Sua minha alma; seu umbigo de odalisca, sorriso de sou-boneca, a pele toda

um cheiro murmurante, olheiras mais gratas azúis. Mesma e minha.

De dom, viera, vinha, veio-me, até mim. Da vida sem idéia nem começo, esmaltes de um mosaico, do mundo — obra anônima? Fique o escrito por não dito. Sós, estampilhamo-nos. Tem-se de a algum general render continência. Ei-la, alisa a tira da sandália, olha-se terna ao espelho, eis-nos. Conclua-se. Somos. Sou — ou transpareço-me?



“Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde moçoilo e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em riço, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadlava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.”

Trecho de “A terceira margem do rio”



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA
SEMPRE
UM BOM
LIVRO

João Guimarães Primeiras Rosa Estórias

João Guimarães Rosa Primeiras Estórias



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



Os cimos

O inverso afastamento

Outra era a vez. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. Vinha, porém, só com o Tio, e era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. Sabia que a Mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados dias, decerto porque era preciso. Por isso tinham querido que trouxesse os brinquedos, a Tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma. O qual, o prévio lugar dele sendo na mesinha, em seu quarto. Pudessem se mexer e viver de gente, e havia de ser o mais impagável e arteiro deste mundo. O Menino cobrava maior

medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o Tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o Tio não estava de todo sincero. Outros sustos levava. Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A Mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso — do horrível do impossível. Nem ele isso entendia, tudo se transformando então em sua cabecinha. Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?

Nem valia espiar, correndo em direções contrárias, as nuvens superpostas, de longe ir. Também, todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegres. O Tio, com uma gravata verde, nela estava limpando os óculos, decerto não havia de ter posto a gravata tão bonita, se a Mãe o perigo ameaçasse. Mas o Menino concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho, engraçado e sem mudar, só de brincando, e com a alta pluma no chapeuzinho encarnado. Devia jogar fora? Não, o macaquinho de calças pardas se dava de também miúdo companheiro, de não merecer maltratos. Desprendeu somente o chapeuzinho com a pluma, este, sim, jogou, agora não havia mais. E o Menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Estava muito para trás. Ele, o pobrezinho sentado.

O quanto queria dormir. A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo. Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiam esculturas efêmeras. O Tio olhava no relógio. Então, quando chegavam? Tudo era, todo-o-tempo, mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca, para a gente poder viver direito, concertado? Até o macaquinho sem chapéu iria conhecer do mesmo jeito o tama-

nho daquelas árvores, da mata, pegadas ao terreiro da casa. O pobre do macaquinho, tão pequeno, sozinho, tão sem mãe; pegava nele, no bolso, parecia que o macaquinho agradecia, e, lá dentro, no escuro, chorava.

Mas, a Mãe, sendo só a alegria de momentos. Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito que estava e que espiava com tanta força, ah. Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada. Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que se estivessem juntos, mesmo, de verdade.

O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o vôo — que parecia estar parado. Mas no ar passavam peixes negros, decerto para lá daquelas nuvens: lombos e garras. O Menino sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando — e voltando para trás, mais, e ele junto com a Mãe, do modo que nem soubera, antes, que o assim era possível.

Aparecimento do passado

Na casa, que não mudara, entre e adiante das árvores, todos começaram a tratá-lo com qualidade de cuidado. Diziam que era pena não haver ali outros meninos. Sim, daria a eles os brinquedos; não queria brincar, mais nunca. Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhção de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas.

Também não dava vontade sair de *jeep*, com o Tio, se para a poeira, gente e terra. Segurava-se forte, fechados os olhos; o Tio

disse que ele não devia se agarrar com tão tesa força, mas deixar o corpo no ir e vir dos solavancos do carro. Se adoecesse, grave, também, que fosse — como ia ficar, mais longe da Mãe, ou mais perto? Ele mordeu seu coração. Nem quis falar com o macaquinho bonequinho. O dia, inteiro, servia era para se fazer o espalhamento no cansaço.

Mesmo assim, à noite, não começava a dormir. O ar daquele lugar era friinho, mais fino. Deitado, o Menino se sentia sustoso, o coração dando muita pancada. A Mãe, isto é... E não podia logo dormir, e pela dita causa. O calado, o escuro, a casa, a noite — tudo caminhava devagar, para o outro dia. Ainda que a gente quisesse, nada podia parar, nem voltar para trás, para o que a gente já sabia, e de que gostava. Ele estava sozinho no quarto. Mas o bonequinho macaquinho não era mais o para a mesa de cabeceira: era o camarada, no travesseiro, de barriguinha para cima, pernas estendidas. O quarto do Tio ficava ao lado, a parede estreita, de madeira. O Tio ressonava. O macaquinho, quase também, feito um muito velho menino. Alguma coisa da noite a gente estivesse furtando?

E, vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado, o Menino recebia uma claridade de juízo — feito um assopro — doce, solta. Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito idéias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas.

Mas, naquele raia, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam. As vezes, porque sobrevinham depressa e inesperadamente, a gente nem estando arrumado. Ou esperadas, e então não tinham gosto de tão boas, eram só um arremedado grossei-

ro. Ou porque as outras coisas, as ruínas, prosseguiam também, de lado e do outro, não deixando limpo lugar. Ou porque faltavam ainda outras coisas, acontecidas em diferentes ocasiões, mas que careciam de formar junto com aquelas, para o completo. Ou porque, mesmo enquanto estavam acontecendo, a gente sabia que elas já estavam caminhando, para se acabar, roídas pelas horas, desmanchadas... O Menino não podia ficar mais na cama. Estava já levantado e vestido, pegava o macaquinho e o enfiava no bolso, estava com fome.

O alpendre era um passadiço, entre o terreirinho mais a mata e o extenso outro-lado — aquele escuro campo, sob rasgos, neblinas, feito um gelo, e os perolins do orvalho: a ir até a fim de vista, à linha do céu de este, na extrema do horizonte. O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimós das árvores se douravam. As altas árvores depois do terreiro, ainda mais verdes, do que o orvalho lavara. Entremanhã — e de tudo um perfume, e passarinhos piando. Da cozinha, traziam café.

E: — "Psi!" — apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro — depois de seu vôo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borriava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendentemente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No nin-guém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. O tucano parava, ouvindo outros pássaros — quem sabe, seus filhotes — da banda da mata. O grande

bico para cima, desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: — "Crréé!"... O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.

E o tucano, o vôo, reto, lento — como se voou embora, xó, xó! — mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela-d'alva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio. O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte.

Mas não pudera combinar com o vertiginoso instante a presença de lembrança da Mãe — sã, ah, sem nenhuma doença, conforme só em alegria ela ali teria de estar. E nem a ligeireza de idéia de tirar do bolso o companheiro bonequinho macaquinho, para que ele visse também: o tucano — o senhorzinho vermelho, batendo mãos, à frente o bico empinado. Mas feito se, a cada parte e pedacinho de seu vôo, ele ficasse parado, no trecho e impossívelzinho do ponto, nem no ar — por agora, sem fim e sempre.

O trabalho do pássaro

Assim, o Menino, entre dia, no acabrunho, pelejava com o que não queria querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas,

como são, e como sempre vão ficando: mais pesadas, mais cotas — quando olhadas sem precauções. Temia pedir notícias; temia a Mãe na má miragem da doença? Ainda que relutasse, não podia pensar para trás. Se queria atinar com a Mãe doente, mal, não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava num borrão. A Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada.

Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano — sem jaça — em vôo e pouso e vôo. De novo, de manhã, se endereçando só àquele a árvore de copa alta, de espécie chamada mesmo tucancira. E dando-se o raio do dia, seu fôlego dourado. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: ...*chégôchégô*... — em vôo direto, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo na plana como se fosse um marrequinho deslizando para a frente, por sobre a luz de dourada água.

Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia. O dos outros, não da gente. As sacudidas do *jeep* formavam o acontecer mais seguido. A Mãe sempre recomendara zelo com as roupinhas; mas a terra aqui era à desafiada. Ah, o bonequinho macaquinho, mesmo sempre no bolso, se sujava mais de suor e poeira. Os mil e mil homens muitamente trabalhavam fazendo a grande cidade.

Mas o tucano, sem falta, tinha sua soência de sobrevir, todos ali o conheciam, no pintar da aurora. Fazia mais de mês que isso principiara. Primeiro, aparecera por lá uma bandada de uns trinta deles, vozeantes, mas sendo de-dia, entre dez e onze horas. Só aquele ficara, porém, para cada amanhecer. Com os olhos tardos tontos de sono, o bonequinho macaquinho em bolso, o Menino apressuradamente se levantava e descia ao alpendre, animoso de amar.

O Tio lhe falava, com excessivos de agrado, sem o jeito nenhum. Saíam — sobre o se-fazer das coisas. Tudo a poeira tapava. O bonequinho macaquinho, um dia, devia de poder ganhar algum outro chapeuzinho, de alta pluma; mas verde, da cor da gravata, tão sobressaída, com que o Tio, de camisa, agora não estava. O Menino, em cada instante, era como se fosse só uma certa parte dele mesmo, empurrado para diante, sem querer. O *jeep* corria por estradas de não parar, sempre novas. Mas o Menino, em seu mais forte coração, declarava, só: que a Mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva!

Esperava o tucano, que chegava, a-justo, a-tempo, a-ponto, às seis-e-vinte da manhã; ficava, de arvoragem, na copa da tuaneira, futricando as frutas, só os dez minutos, comidos e estrepulados. Daí, partia, sempre naquele outro-rumo, no antes do pingado meio-instante em que o sol arrebolava redondo do chão; porque o sol era às seis-e-meia. O Tio média tudo no relógio.

De dia, não voltava lá. Se donde vinha e morava — das sombras do mato, os impenetráveis? Ninguém soubesse seus usos verdadeiros, nem os certos horários: os demais lugares, aonde iria achar comer e beber, sobre os pontos isolados. Mas o Menino pensava que devia acontecer mesmo assim — que ninguém soubesse. Ele vinha do diferente, só donde. O dia: o pássaro.

Entremeio, o Tio, recebido um telegrama, não podia deixar de mostrar a cara apreensiva — o envelhecimento da esperança. Mas, então, fosse o que fosse, o Menino, calado consigo, teimoso de só amor; precisava de se repetir: que a Mãe estava sã e boa, a Mãe estava salva!

De repente, ouviu que, para consolá-lo, combinavam maneira de pegar o tucano: com alcapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não! — zangou-se, aflito. O que

cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mãe a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o vôo exato.

O hiato — o que ele já era capaz de entender com o coração. Ao outro dia seguinte. Ai, quando o pássaro, seu raiar, cada vez, era um brinquedo de graça. Assim como o sol: daquela partezinha escura no horizonte, logo fraturada em fulgor e feito a casca de um ovo — ao termo da achada e obscura imensidão do campo, por onde o olhar da gente avançava como no estender um braço.

O Tio, entanto, diante dele, parou sem a qualquer palavra. O Menino não quis entender nenhum perigo. Dentro do que era, disse, redisse: que a Mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sempre sã e salva! O vôo do pássaro habitava-o mais. O bonequinho macaquinho quase caíra e se perdera: já estando com a carinha bicuda e meio corpo saídos do bolso, bisbilhotados! O Menino não lhe passara pito. A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração. O Menino o guardava, no fugidir, de memória, em feliz vôo, no ar sonoro, até à tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e desdolorir-se, por escapar do aperto de rigor — daqueles dias quadriculados.

Ao quarto dia, chegou um telegrama. O Tio sorriu, fortíssimo. A Mãe estava bem, sarada! No seguinte — depois do derradeiro sol do tucano — voltariam para casa.

O desmedido momento

E, com pouco, o Menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada. Entretempo, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas tam-

bém de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o *jeep*, a poeira, as ofegantes noites — o que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. A vida, mesmo, nunca parava. O Tio, com outra gravata, que não era a tão bonita, com pressa de chegar olhava no relógio. Entrepensava o Menino, já quase na fronteira soporosa. Súbita seriedade fazia-lhe a carinha mais com-prida.

E, quase num pulo, agoniou-se: o bonequinho macaquinho não estava mais em seu bolso! Não é que perdera o macaquinho companheiro!... Como fora aquilo possível? Logo as lágrimas lhe saltavam.

Mas, então, o moço ajudante do piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: — “*Espia, o que foi que eu achei, para você.*” — e era, desamarrado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que ele, outro dia, tanto tinha jogado fora!

O Menino não pôde mais atormentar-se de chorar. Só o ru-mor e o estar no avião o atontavam. Segurou o chapeuzinho sozinho, alisou-o, o pôs no bolso. Não, o companheirinho Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca. Decerto, ele só passava lá, porventura e porvindouro, na outra-parte, aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.

E era o inesquecível de-repente, de que podia traspasar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das mol-duras. Como se ele estivesse com a Mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o Macaquinho com uma bonita gravata verde — no al-pendire do terreirinho das altas árvores... e no *jeep* aos bons solavancos... e em toda-a-parte... no mesmo instante só... o primei-

ro ponto do dia... donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao vôo, ainda muito mais vivo, entoante e existente — parado que não se acabava — do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo.

— "Chegamos, afinal!" — o Tio falou.

— "Ah, não. Ainda não..." — respondeu o Menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.

Primeiras estórias

As margens da alegria 49

Famigerado 56

Sorôco, sua mãe, sua filha 62

A menina de lá 67

Os irmãos Dagobé 73

A terceira margem do rio 79

Pirlimpitico 86

Nenhum, nenhuma 97

Fatalidade 107

Sequência 113

Capazes de qualquer supetão, já estavam de mira firmada. Sem se ver, se adivinhava. E, nisso, caía uma chuvinha. Caras e roupas se ensopavam. O Liojorge — que estarecia! — sua tenência no ir, sua tranquilidade de escravo. Rezava? Não soubesse parte de si, só a presença fatal.

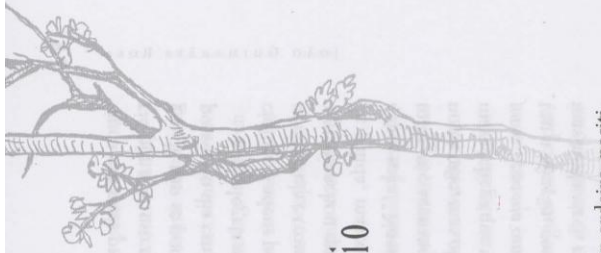
E, agora, já se sabia: baixado o caixão na cova, à queimabucha o matavam; no expirar de um credo. A chuvinha já abrangava. Não se ia passar na igreja? Não, no lugar não havia padre. Prosseguia-se.

E entravam no cemitério. *"Aqui, todos vêm dormir"* — era, no portão, o letreiro. Fez-se o airado ajuntamento, no barro, em beira do buraco; muitos, porém, mais para trás, preparando o fuge-fuge. A forte circunspectância. O nenhum despedimento: ao uma-vez Dagobé, Damastor. Depositado fundo, em forma, por meio de rijas cordas. Terra em cima: pá e pá; assustava a gente, aquele som. E agora?

O rapaz Liojorge esperava, ele se escorregou em si. Via só sete palmos de terra, dele diante do nariz? Teve um olhar árduo. À pandilha dos irmãos. O silêncio se torcia. Os dois, Dismundo e Derval, esperavam o Doricão. Súbito, sim: o homem desenvolveu os ombros; só agora via o outro, em meio aquilo?

Olhou-o curtamente. Levou a mão ao cinturão? Não. A gente, era que assim previa, a falsa noção do gesto. Só disse, subitamente ouviu-se: — *"Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado..."*

Disse isso, baixo e mau-som. Mas se virou para os presentes. Seus dois outros manos, também. A todos, agradeceram. Se não é que não sorriam, apressurados. Sacudiam dos pés a lama, limpavam as caras do respingado. Doricão, já fugaz, disse, completou: — *"A gente, vamos embora, morar em cidade grande..."* O enterro estava acabado. E outra chuva começava.



A terceira margem do rio

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunham as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo,

ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e dedicou um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxe, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o tanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família

dele. As vezes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do asfalto da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s’embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrendia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a ideia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobreviver: só assim, ele no ao-longo, sentado no fundo da canoa, suspendia no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depositei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrindo de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristinha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar nin-

guém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tentavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-dia, ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não *pojava* em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se

despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “*Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...*”; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entendeu que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu

permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada, mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estivam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em torroma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. Eu fui tomando idéia.

Sem fazer véspera. Sou doído? Não. Na nossa casa, a palavra *doído* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doído. Ninguém é doído. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu,

ai e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — *"Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..."* E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos ramos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.